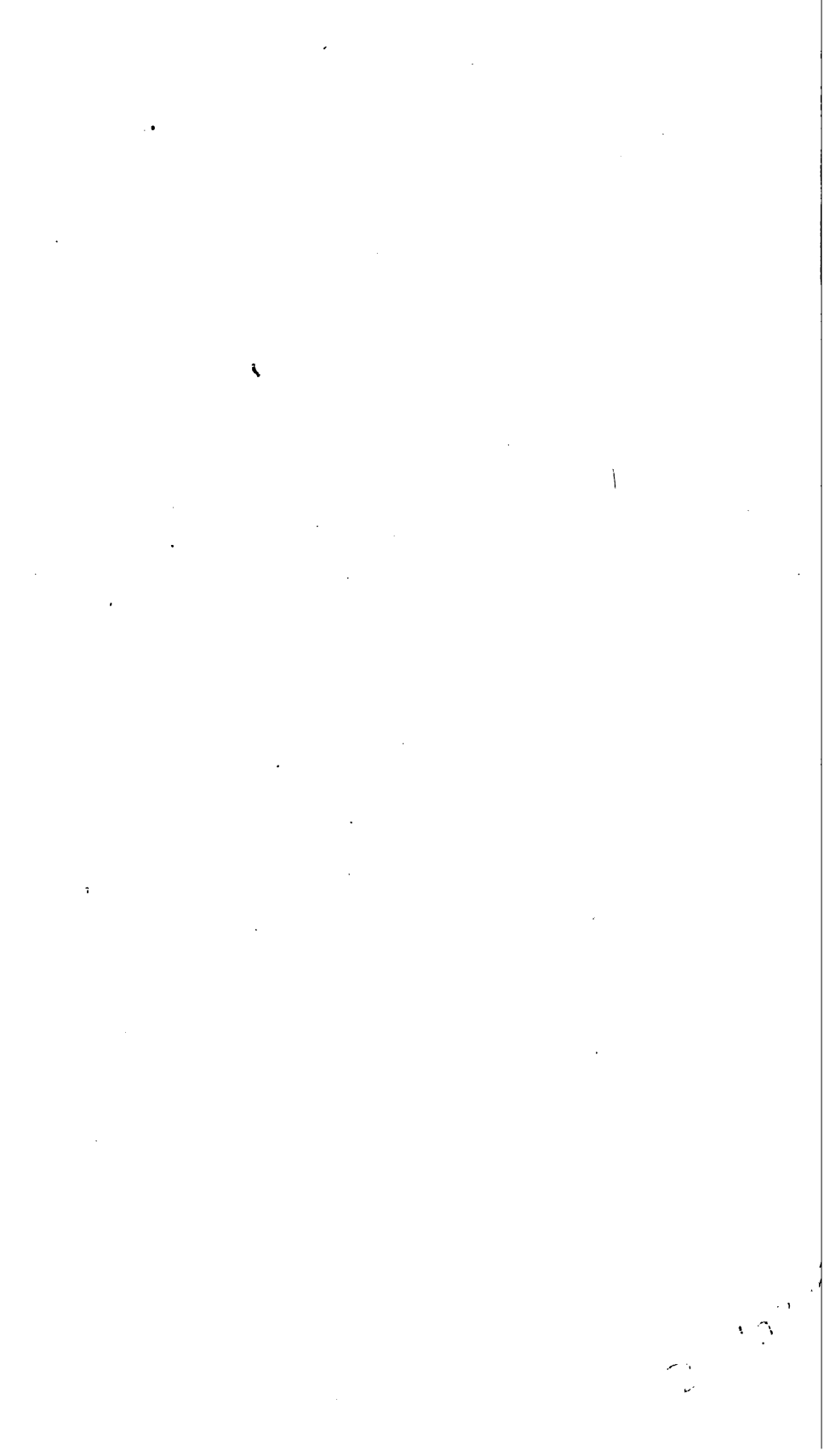
VELHAS CANÇÕES

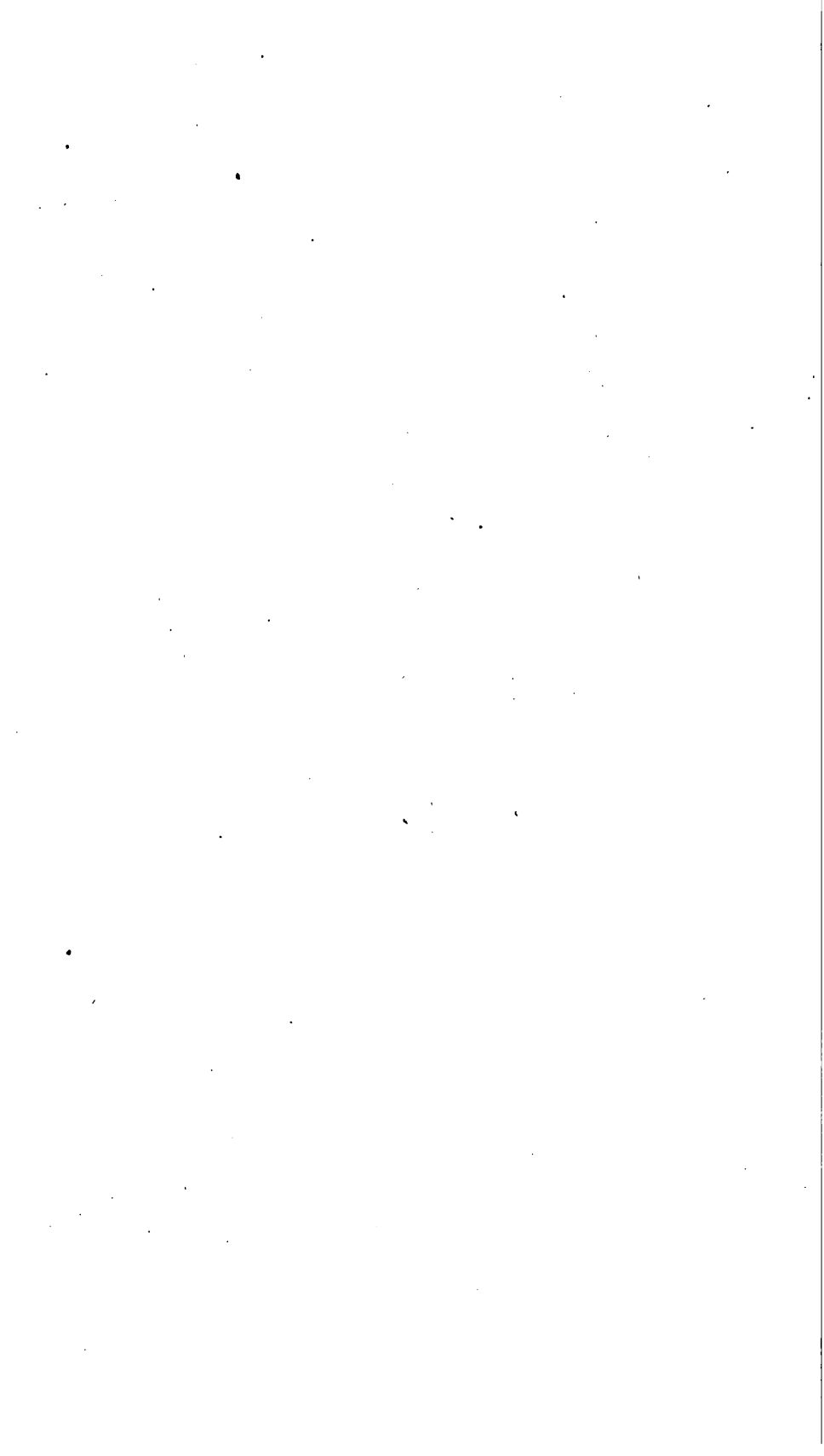
E ROMANCES POPULARES

PORTUGUÊSES

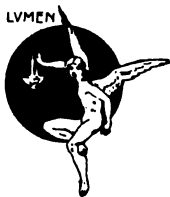
PEDRO FERNANDES THOMÁS

FRANÇA AMADO, EDITOR.

COIMBRA NO ANO MCMXIII

Ao seu amigo e illustre professor Moreira de Sá, lembrança affectuosa do Autor

VELHAS CANÇÕES
E
ROMANCES POPULARES PORTUGUÊSES

Pedro Fernandes Thomás

VELHAS CANÇÕES
E
ROMANCES POPULARES PORTUGUÊSES

INTRODUCÇÃO POR ANTONIO ARROYO

COIMBRA
F. FRANÇA AMADO, EDITOR
1913

Classify and treat as literature
ak 7-6-65

INTRODUCÇÃO

Uma longa e ininterrupta amisade de mais de quarent'annos levou Pedro Fernandes Thomás a vir desencantar-me para lhe prefaciar o seu novo trabalho sobre as nossas canções populares. Elle sabia que, embora sob um aspecto diverso do da sua obra, eu me occupára desse mesmo assumpto em conferencias e nos trabalhos do conselho musical do Conservatorio: e nisso apoiara a sua penhorante exigencia. Aceitando a imposição não lhe obedeço comtudo no sentido estrictamente petulante de escrever um prefacio. Não dá para tanto a illusão em que vivo do meu valôr proprio.

Mas aproveito a occasião para ajuntar um escripto meu ao de um velho amigo, occasião rara e motivo egualmente raro para que, num mesmo volume, digam de sua justiça dous homens que nunca foram conselheiros, nem quarenta maiores contribuintes, e apenas se encontraram na vida, durante mais de oito lustros, a pensar semelhantemente em assumptos

sem cotação no mercado patrio, estimando-se e achando-se bem quando os acasos duma modestissima vida os reunia em doce palestra. Nem a todos é permitido conservar amigos de quasi meio seculo; e porisso mais justamente intensa é a illusão que nos liga no mesmo ideal de belleza e de amôr ás cousas do nosso paiz, *Le mensonge de l'art,* como algures lhe chama o snr. Fr. Paulhan.

Lisboa, junho de 1913.

ANTONIO ARROYO.

Sobre as canções populares portuguezas e o modo de fazer a sua colheita

A colheita e colleccionação das cantigas populares — em que pese aos homens conspicuos, graves e consagrados do nosso paiz — constituem um problema da mais alta transcendencia. E assim é que, em quasi todas as nações, esse trabalho está por fazer segundo um methodo verdadeiramente scientifico que garanta a perfeita exactidão. Envolvendo delicadissimas questões de entoação, construcção melodica e rythmica e de harmonisação, elle exige em quem o executa, além de completa educação musical e de especial cultura e preparação, um grande poder de observação e o emprego constante do mais subtil espirito critico. Não devem pois admirar-se os illustres acima citados que, sendo nós notaveis pela ausencia destas duas faculdades mentaes, de observação e de analyse, não tenhamos já colleccionado toda a musica do nosso *folk-lore,* e não o tenhamos feito de uma forma superior; nem tão pouco que alguns trabalhos já publicados e dignos de attenção, embora em limitadissimo numero, houvessem passado quasi despercebidos no meio da pobreza e inferioridade da nossa producção litteraria.

A nação que primeiro começou a reunir o seu cancioneiro musical, segundo um systema e methodo definido, foi a Allemanha. A partir de 1805 as collecções e estudos criticos correlativos succedem-se com tal abundancia e frequencia que até a França, em 1868,

vê um dos seus mais interessantes escriptores publicar um valioso estudo sobre o *Lied* allemão (1). Nessa obra dirigia-se uma franca censura aos francezes por desprezarem a sua poesia popular e não colleccionarem o seu cancioneiro; censura que apparece corrigida na ultima edicção publicada em 1903, a qual vem percedida de um prefacio sobre *O despertar da poesia popular em França de 1870 a 1900.* Esse despertar resulta evidentemente do esforço de muitos e de influencias varias que, embora se reflectissem no nosso país, não produziram todavia aqui um movimento semelhante ao da França. Apesar d'isso, está ainda longe de attingir o aspecto geral e superior a que deve aspirar o riquissimo *folk-lore* musical francez.

D'esse movimento são um testemunho evidente algumas revistas importantes, a *Mélusine,* a *Revue des traditions populaires* de M. Paul Sebillot e a *Tradition* de M. Henry Carnoy, *As Chansons populaires de France,* de Champfleury e Weckerlin, as collecções de canções organisadas por provincias em numero muito consideravel e, no qual, é especialmente apontada pelo seu caracter de absoluta probidade scientifica, a obra do falecido musico e professor Bourgault-Ducoudray. Note-se que a reputação de que a tal respeito gosava este auctor não procedia de um só grupo ou collectividade; as entidades mais antagonicas — o Conservatorio de Paris com toda a sua enorme aria de acção e a cujo corpo docente elle pertencia, e a *Schola cantorum* de M. Vincent d'Indy — acceitavam-na de uma forma identica, sem discussão. Foi-me isto confirmado por um delegado da *Ecole des Roches,*

(1) Edouard Schuré, *Histoire du Lied ou La Chanson populaire en Allemagne.*

A 2.ª edição, que é de 1875, esgotou-se passados annos, fazendo-se uma *nova edição* em 1903.

ou melhor, do grupo da *Science Sociale,* que ha annos esteve em Portugal, inquirindo das nossas cousas, grupo para o qual é profeta maximo o intransigente e illustre mestre, M. d'Indy.

Bourgault-Ducoudray occupou-se tambem das *Melodies populaires de Grèce et d'Orient,* de que deixou uma interessantissima collecção em numero de trinta, por elle *recolhidas e harmonisadas* (1). Este trabalho é, a meu vêr, capital para quem se occupe d'este ramo das artes populares; no prefacio que o precede, encontro os motivos d'esta minha apreciação. O auctor expõe ahi o systema musical em que se filiam as canções por elle reunidas; estas são construidas segundo os principios das *escalas antigas,* algumas das quaes, senão todas, se encontram no Canto-chão, nos seus varios *modos.* É pois curiosissimo que ainda hoje se possam ouvir, em plena vida, essas expressões artisticas de tempos passados, com os seus rythmos, tonalidades e chromatismo proprios. Mas, além d'isso, é importante para quem deve occupar-se d'estas questões, conhecer uma serie de factos musicaes tão diversos da musica hodierna e procedentes de uma civilisação que exerceu poderosa influencia em toda a Europa, sendo de crêr, como de facto succede, que ella se faça ainda hoje sentir em varios pontos, neste campo especial do *folk-lore musical.*

Apesar, porem, do consenso unanime a que me refiro, modernas explorações realisadas no mesmo paiz de que se occupou esse musicographo, começam a abalar a reputação de que elle gosára e a achar-lhe pontos fracos.

A viagem de estudo que fez Bourgault-Ducoudray e da qual resultou a publicação das citadas melodias

(1) *Paris, 1885* — Chez Henry Lemoine.

gregas e orientaes, effectuou-se em 1874 e não foi seguida até ha pouco tempo, que eu saiba, de nenhuma outra por parte dos francezes. Na propria Grecia, porem, um musico nacional, M. Georges Nazos, director do Conservatorio de Athenas, tem-se dedicado á colheita das canções e danças populares gregas (1). Dá noticia do facto M. Armand Marsick, da *Ecole d'Athènes* (2), penso eu, e que, dessa cidade, em março do corrente anno, se dirigiu a M. Vincent d'Indy, fazendo, acerca d'essa musica, um certo numero de considerações interessantissimas que passo a traduzir, por se me afigurarem valiosas para todos os que se entregam á colheita das nossas cantigas e danças populares.

Depois de citar a obra de M. Nazos e de declarar que ia referir-se á primeira viagem *documental* que com elle fizera no Peloponeso e, portanto, á primeira vez que se encontrara em contacto com a propria alma do povo grego, M. Marsick accrescenta:

« Auxiliados na nossa empreza de notação pelo eminente professor de musica bysantina, M. Psachos, o qual está completamente familiarisado com o caracter desses cantos rusticos, cheios de sonho e por vezes idyllicos, julgo poder affirmar que a nossa notação, se não é rigorosamente exacta, é pelo menos tão fiel quanto possivel. A maior difficuldade procede de que essas expressões da alma popular são concebidas num systema *tonal e modal* não usado no Occidente. Além d'isso quasi todos os cantores improvisados do paiz cantam como lhes vae na occasião; o *estado de alma* do momento modifica-lhes de continuo a respiração e

(1) Veja-se *Le Monde musical*, n.º 9 (23me année) de 15 de Maio de 1911.

(2) É hoje, Maio de 1912, director da classe de *Orchestra* no Conservatorio de Athenas.

até a accentuação. Por experiencia que fizemos, verificou-se que o mesmo cantor, em dez vezes seguidas, modificava sempre uma mesma cantiga nos pormenores mais miudos. Neste caso é que o musico deve exercer toda a sua perspicacia e conceber a notação de forma que esta dê a mais exacta impressão possivel do que acabára de ouvir. Porque, independentemente das subtilezas a descriminar em entoações desconhecidas ou despresadas na Europa, mas nitidamente reveladas aqui, ha tambem uns *chevrotements* anasalados ou dolentissimos que se nos affigura impossivel registar com absoluta exactidão. Por isso nós tres, M. M. Nazos, Psachos e eu, decidimos, na futura edição de cantos gregos que estamos preparando, indicar essas passagens que são assás frequentes por um signal convencional, uma linha quebrada. »

Em seguida refere-se este auctor aos trabalhos publicados anteriormente sobre o mesmo assumpto, e nas suas observações é que eu apoiei o que atrás disse com relação aos pontos fracos da obra de Bourgault-Ducoudray:

« Varios musicos eminentes vindos da Europa para fazer colheita de cantigas populares gregas, continúa M. Marsick, julgaram poder despresar esta particularidade que elles qualificam de "portamentos arrastados". Na minha humilde opinião, elles enganam-se; porque desprezar os taes *balidos* tremidos e languidos, equivale a destruir o caracter especialissimo d'estas monodias. E tanto assim que um camponez que nos forneceu um canto curioso concebido em *lá menor, com mis bemoes,* lembrou-se, afim de facilitar a nossa notação, de tocar o mesmo canto na rebeca que trazia e que na sua terra (seja dito de passagem) se afina da seguinte maneira — *ré, lá, ré, sol.* Ora todos esses portamentos eram por elle imitados fazendo

escorregar doidamente o dedo sobre a corda para dar as subdivisões da intoação. O que prova que taes subdivisões constituem uma *necessidade para os ouvidos* desses camponios. »

Não se diria que estamos a ouvir falar de certas canções portuguesas que se cantam com o emprego de alguns effeitos vocaes em tudo semelhantes a esses descriptos pelo distincto musico francez?

Continuando, porem, a expôr as considerações do artigo do *Monde musical,* devo ainda referir-me á conclusão a que nelle se chega: « É por isto que, no seu transporte para a nossa musica occidental, essas canções perdem o melhor do seu sabor. Em primeiro logar a sua notação não é rigorosamente exacta (cousa difficil de realizar na concepção que formamos da musica); e em seguida, e sobretudo, a harmonisação com que as adornam não é adequada ao caracter, á poesia luminosa do paiz onde ellas nasceram. Essa versão não dá a idêa de uma reconstrucção fiel ».

D'aqui concluo eu tambem que as *30 Melodias* de Bourgault-Ducoudray, apesar de porventura ser elle « o mais eminente dos musicos da Europa que foram estudar esta questão *in loco* », não são a reconstrucção fiel d'essas monodias tão caracteristicas e tão diversas da musica occidental.

Ora, estas observações não se applicam apenas á musica grega da Europa e da Asia Menor; a meu vêr applicam-se em geral a todos os cancioneiros organisados até agora nas varias nações por homens aliás competentes por vezes, mas não tão preparados quanto a questão em si o exige.

Assim não ha muito tempo li, num jornal estrangeiro qualquer, que em Inglaterra se resolveu refazer os estudos do riquissimo *folk-lore* local, de que existem

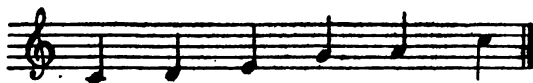
innumeras collecções, com o fim de o restituir á sua exacta expressão. Note-se, porem, que já em 1884 alguem afirmára em parte o que havia de imperfeito e falso em varias collecções de melodias escossêzas e irlandêzas, devido justamente ao facto de se conformar a sua notação ás formulas da actual musica da Europa occidental.

Depois de citar grande numero de publicações sobre musica popular antiga, principalmente do paiz de Galles, publicações que vão de 1742 até 1874, M. Ernest David (1) affirma que « apesar de feitas com cuidado, póde fazer-se aos seus auctores a censura de terem modernizado (as canções) e de lhes terem desnaturado o caracter ».

Sabe-se que as escalas sobre que foram construidas as mais antigas canções de povos diversissimos eram incompletas, faltando-lhes quasi sempre a quarta e a septima. A sua harmonisação era tambem diversa da actual e muitos outros pormenores as caracterisam de uma maneira inconfundivel. Todavia, na colheita realisada durante tantos annos seguidos, os musicos não viram nada d'isso, ficaram insensiveis perante tantos factos que constituem a intima essencia d'essas expressões artisticas.

« Com o pretexto de *melhorar* estas canções harmonisando-as, diz este ultimo auctor, *arranjadores* de habilidade contestavel houve que lhes tiraram o seu cunho mais precioso. Como desconhecessem o caracter original d'estas melodias, preencheram as lacunas da escala que lhes serve de base, alteraram a tonalidade para a adaptarem ás condições da musica moderna e estragaram os effeitos picantes das irregularidades

(1) Ernest David, ***Etudes historiques sur la Poesie et la musique dans la Cambrie***, Paris, MDCCCLXXXIV.

do rythmo. Tomemos para exemplo a bella cantiga irlandeza que Thomas Moore nobilitou com os seus versos e é conhecida pela *The last rose of summer* (A ultima rosa de verão), cantiga de que Flotow se serviu com muito acerto na *Martha* e que se canta hoje por toda a parte, sendo que quasi ninguem imagina estar cantando um canto nacional irlandez. Aconteceu porem que Flotow não seguiu, ou não conheceu a versão primitiva, por isso que lhe introduziu quartas e septimas; estas por certo não existiam na origem. A escala sobre que deve ter sido construida esta melodia é a seguinte:

E a melodia deve ser assim restabelecida:

Note-se que algumas vezes as canções aparecem-nos alteradas pela impossibilidade de serem transportadas integralmente de um instrumento para outro. Tal é o

(1) Como seja entre nós muito conhecida esta melodia com o nome de *Hymno da Irlanda*, julgo-me dispensado de apresentar a forma moderna que ella tomou na opera de Flotow e até nas collecções inglesas de musica popular, as da casa Boosey & C.º, por exemplo.

caso succedido com Grieg quando quiz publicar uma reducção para piano das canções do seu paiz (Opus 72). No prefacio dessa obra, consagrada ás danças aldeans (slätter) que o interessante compositor colheu directamente da versão de um velho menestrel de Telemarke, diz-nos elle: « Pela sua acentuada originalidade, pela rudeza estranha e archaica da sua melodia e do seu rythmo, estas danças não podem deixar de encantar todos quantos possuam o sentimento da musa popular. São tradições musicaes que datam de uma epoca em que o isolamento das populações, nos confins dos campos longinquos, conservava a maxima independencia e purêza nativas aos usos e costumes e que, por isso mesmo, trazem comsigo o cunho de uma imaginação tão ousada e imprevista como singular... Transcrevendo-as para o piano, quiz elevar estas producções ao nivel da arte, mediante uma harmonisação apropriada. É evidente que tive de renunciar a exprimir, no teclado, os pequenos ornamentos que caracterisam a execução dos menestreis, assim como o efeito das arcadas que lhes são peculiares... Esforcei-me por dar consistencia á forma. Comparando estas transcripções com a versão original de Johan Halvorsen, descobrir-se-hão sem custo as poucas passagens em que a intercalação de motivos de invenção pessoal me pareceu estheticamente justificada... Na rabeca rustica ou " de Hardanger ", as slätter soam uma terça menor mais alto; resolvi porem, afim de obter um melhor efeito no piano, conservar as tonalidades em que as danças foram colhidas » (1).

Ignoro se a versão original de Johan Halvorsen, a que aludia Grieg, corresponde á exacta notação das

---

(1) Transcrevo esta citação do artigo, ou da *fantasia psychologica,* como lhe chama o seu autor, publicado por Eug. Sulger-

canções, com todo o seu systema de ornamentos. Acho porem interessante citar mais este caso que apresenta analogias com o que se passa entre nós (1).

Apresentando factos que se dão na notação de uma cantiga popular, os que procedem do seu caracter exotico e os que correspondem á sua antiguidade, affastamento no espaço e affastamento no tempo, ou por vezes aos dous combinados, eu penso naturalmente no que poderá haver de similar na colheita de canções a fazer no nosso paiz. Evidentemente a notação deve sempre corresponder á versão mais antiga que seja possivel formular; porque esta será sempre a mais pura e geralmente mais caracteristica expressão do estado d'alma gerador. A pouco e pouco, com o decorrer do tempo, a acção de mil influencias diversas e o transporte a distancia, essas expressões alteram-se, perdem a forma inicial, descaracterisam-se. Ainda quando influencias estrangeiras se não fazem sentir, como no caso da Grecia, muitas outras ha ainda que tendem a modificar as versões e sobretudo a perturbar a audição, até por parte do collecionador mais honesto. Note-se ainda que, na região das altas montanhas, a forma primitiva da canção deve em geral manter-se mais facilmente e casos ha em que tal facto se verificou. Devemos pois d'antemão contar com elle para evitar surpresas e principalmente para adaptar as

---

Buel sobre *Edvard Grieg*, em *La Phalange*, n.os 13 e 14 do 2.º anno (1907).

(1) Seja-me permitido recordar que os pequenos pormenores ornamentaes, tão dificeis de notar, que se observam nas canções citadas são comuns a toda a arte musical popular; encontram-se nos gregos, nos nordicos, nos hungaros, como entre nós tambem e em todos os povos em geral.

nossas faculdades criticas á recepção de factos estheticos desconhecidos ou extranhos.

Esta exposição visa portanto a dois fins diversos. O primeiro, mostrar que, em qualquer das grandes nações que marcham na frente da civilisação, esta questão está sendo estudada de uma maneira muito seria, envolvendo nella as primeiras auctoridades scientificas na materia. O segundo, chamar a attenção dos portugueses para os factos de ordem evolutiva que ahi se têm dado na colleccionação d'este ramo do *folk-lore* e que certamente tambem se deram e continuarão a dar-se entre nós. Para oppôr ao primeiro devemos confessar que a preparação, que em geral nos falta nas varias formas da actividade humana, não se revelou aqui de uma maneira mais affirmativa; a cultura musical, o espirito de observação e o espirito de analyse são deficientissimos entre nós. Com relação ao segundo, uma só cousa podemos verificar e é que estamos apenas no inicio d'esta obra de investigação.

Não se veja porem, nas minhas palavras a preoccupação de menosprezar tudo quanto entre nós se fez a tal respeito. O que, a meu vêr, urge fazer antes de mais nada é reunir com verdadeiro interesse os trabalhos já realisados e depois submettê-los á devida critica. Comecemos pois, reunindo esses elementos existentes; elles servirão de guia a outros trabalhos, concebidos segundo methodos e criterios superiores aos antigos.

Quem ha-de, porem, realisar uma tal obra?

Entre nós as cantigas populares só começaram a interessar os musicos ahi por meiados do seculo xix. Que eu saiba, quem primeiro as transportou para fóra do seu campo inicial foi José Francisco Arroyo, logo após a Patuleia. Este compositor era, ao tempo, chefe

da banda da Guarda Municipal do Porto e arranjou, em passo dobrado, uma *sequencia* de cantigas a que deu o nome de *Geraldinha,* certamente porque começava pelo Geraldinho (1). Depois d'elle, e até 1900, começaram a apparecer as collecções, as rapsodias e outras formas musicaes em que eram reunidas ou tratadas varias das nossas canções (2).

Levar-me-ia longe a exposição de todos esses casos que, além de tudo o mais, desnaturaria a indole do presente trabalho; não estou fazendo a historia d'este movimento entre nós, mas tão sómente fornecendo um subsidio de critica comparada que julgo mais util e necessaria no momento presente do que qualquer outro trabalho. Por isso mesmo devo referir ainda os seguintes factos para illucidação do nosso problema.

Posteriormente á ultima data citada, reconheceu o Conservatorio de Lisboa que todo o trabalho de escavação e colleccionação realisado neste campo entre nós até fins do seculo XIX, ou durante a sua segunda metade, não assentava em bases serias; e tentou provocar a organisação do Cancioneiro segundo um systema e methodo seguro. Para isso, elaborou o seu conselho musical um programma que, convertido em

(1) Encontra-se esta canção a pag. 37 do volume II do *Cancioneiro* de musicas populares compilado por Cesar das Neves e Gualdino de Campos, Porto, 1895. Acompanha-a a seguinte nota: « Esta cantiga, humoristica, allusão a Giraldo — sem — pavor, era uma ironia dirigida a D. Fernando, esposo de D. Maria II, quando se apresentou commandante do exercito, por occasião da revolta de 1847 ».

(2) Veja-se o estudo de Manoel Ramos, *A musica portuguesa,* Porto, 1892, em que se encontra indicado tudo o que foi publicado até então.

circular, foi enviado pelo inspector desse estabelecimento, em principios de 1902, a grande numero de pessoas que podiam ou deviam interessar-se pelo assumpto, solicitando-se a sua cooperação na obra que se tinha em vista.

Eis a circular:

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Tendo o Conselho de Arte Musical d'este Conservatorio resolvido proceder á colheita das canções populares portuguesas com o fim de organizar em bases seguras o repositorio do nosso riquissimo *Folk-lore* musical, conta elle com o subsidio de todos quantos entre nós se occupam d'este importantissimo assumpto para levar a cabo a sua tarefa. Neste intento visa o Conselho a que a sua versão do *Folk-lore* seja a mais fiel e completa possivel, dando o maior numero de variantes da mesma canção e a sua distribuição geographica, e convertendo-se assim num valioso subsidio para o estudo do povo português e para o desenvolvimento da arte culta.

« Não se illude o Conselho acêrca das difficuldades que esta tarefa lhe acarreta; recorre por isso primeiramente ao subsidio de todos aquelles a quem o assumpto interessa, reservando-se o emprego futuro de outros meios tendentes á completa realização do seu intuito.

« Em todos os paizes, e porventura entre nós mais do que em qualquer outra parte, a colheita das canções tem geralmente sido feita por forma que mais ou menos as desnatura, quer quanto ao rythmo, movimento e desenho das melodias, isto é, á sua estructura em geral, quer quanto á sua harmonização e expressão. Sustentada pelos especialistas, esta affirmação traduz-se geralmente pela seguinte formula: « as canções são modernizadas pelos collecionadores, desna-

turando-lhe o caracter ». Dentro, pois, do fim que o Conselho se propõe, acha-se principalmente, como criterio, o desejo de realizar a colheita das canções de maneira que as suas versões dêem, mera e exactamente, a melodia tal qual o povo a canta, ou toca.

« Dirigindo-me a V. Ex.ª para solicitar a sua valiosa collaboração na nossa obra, permitta-me, porem, V. Ex.ª que eu insista neste modo de ver, exprimindo em poucas palavras a formula que, segundo o Conselho, deve dirigir a colheita das canções: esta deverá ser feita com o maior escrupulo, registando-se simplesmente as melodias taes como ellas são apresentadas pelo povo, qualquer que seja a sua forma, harmonizada ou não, mas *sem a menor intervenção pessoal da parte do colleccionador que as possa perturbar;* indicar-se-hão rigorosamente: o movimento e as suas cambiantes, bem como as varias modificações da expressão, *mas nada lhes deve ser acrescentado, que não venha directamente do povo;* evidentemente se deseja tambem que as melodias não venham harmonizadas, quando essa harmonia não tenha a referida procedencia popular. Convem ainda que cada uma das canções venha acompanhada da designação da localidade em que foi colhida e da epoca ou festa em que o povo habitualmente a canta ou toca, assim como dos instrumentos com que a acompanha, ou de outras quaesquer indicações que sirvam a completar a physionomia da versão communicada.

« E concluindo, cumpre-me ainda dizer a V. Ex.ª que as canções que nos forem enviadas, depois de submettidas á consulta do Conselho Musical, serão publicadas na *Revista do Conservatorio,* com o nome do seu colleccionador; e para os fins convenientes, que toda a correspondencia referente a este assumpto

deverá ser-me dirigida na qualidade de Presidente do Conselho de Arte Musical do Conservatorio.

« Agradecendo desde já a sua valiosa collaboração, apresento a V. Ex.ª os protestos de toda a minha consideração e estima.

« Deus guarde a V. Ex.ª — Sala das sessões do Conselho de Arte Musical do Conservatorio Real de Lisboa em... de... de 19... — O Inspector *Eduardo Schwalbach Lucci.* »

Esta circular veio ainda publicada na *Revista do Conservatorio Real de Lisboa,* n.º 1, Maio de 1902, acompanhada das solicitações e recommendações que o caso requeria. O que, seja dito de passagem, não foi sufficiente para provocar respostas. Ninguem respondeu, absolutamente ninguem.

Não devemos porem extranhar que assim succedesse. *Donnant, donnant,* tal é a formula que deve reger toda a solicitação de esforço ou trabalho. E a verdade é que o Conservatorio dava pouco. Outro foi o caminho seguido em Espanha com o mesmo fim que teve em vista o nosso conservatorio. Num jornal lisbonense, de 17 de julho de 1909, deparo com a seguinte noticia:

« A Real Academia de Bellas Artes de Hespanha annunciou na folha official um concurso publico, para um premio a uma collecção de cantos e bailes d'uma provincia hespanhola.

« Esses cantos e bailes hão de ser ineditos, tomados directamente nas localidades onde se cantem e bailem, devendo ser transcriptos com rigorosa exactidão, sem suppressões, augmentos ou arranjos.

« As canções que o povo cante sem acompanhamento, consignar-se-hão na sua fórma original, com as lettras correspondentes; ás que tenham acompanha-

mento deverá este ser addiccionado, tal como o execute o instrumento ou instrumentos que o povo empregue, acompanhando a annotação musical o nome e a descripção do instrumento ou instrumentos empregados.

« Cada canto deve ir acompanhado de noticias sobre o seu nome, lugar ou povoação onde se canta e foi recolhido, e letra ou texto que se lhe applicam.

« Nos romances e outras composições, nas que com uma mesma melodia se canta um maior numero de estrophes, coplas ou versos, se inserirá toda a composição litteraria, ou um numero prudencial de coplas, segundo o caso.

« O premio é de 2:000 pesetas; mas a Academia reserva-se o direito, em vista do merito dos trabalhos que se apresentem, de dividil-o em dois premios eguaes de 1:000 pesetas cada um ou em dois premios de 1:500 e 500 pesetas, respectivamente.

« Expira a 31 de março de 1910 o praso para a admissão dos trabalhos. »

Independentemente da mencionação da poesia, que escapou de fazer na circular do nosso Conservatorio, porventura até porque a supposessem ahi tacitamente comprehendida, o espirito d'estes documentos é o mesmo em ambos elles, concordando como não podia deixar de ser com o das considerações que atrás citei da obra de M. Ernest David, porque foram estas que inspiraram o primeiro d'esses documentos. O resultado é que porem foi diverso, segundo me consta. Parece que do concurso espanhol resultou o apparecimento de alguns trabalhos de valor; o premio estabelecido, embora não muito elevado, teria produzido portanto o resultado a que se visava.

Ora, como vemos, a questão acha-se entre nós posta no mesmo pé de ha dez annos e, o que é mais para lamentar, em virtude d'essa estagnação todo e qualquer esforço individual perde-se no meio da indifferença geral. Afóra o caso de que vou occupar-me, pouco mais conheço de interessante e digno de menção que o trabalho, infelizmente ainda inedito, do Sr. Eduardo Burnay, no qual julgo acharem-se pela primeira vez bem observados e notados alguns factos de harmonisação caracteristica da nossa musica popular. Esses factos teem escapado aos outros musicos que se occuparam do assumpto. É pois para desejar que o Sr. Burnay publique em breve o seu album de canções porque elle será sem duvida o ponto de partida de novos trabalhos do mesmo genero. Aberta essa via, outros sem duvida enveredarão por ella, conseguindo ver os seus esforços talvez largamente recompensados.

E bom será que assim succeda, porque é opinião corrente, acerca da nossa musica popular, que ella só é notavel sob o ponto de vista da rythmica e da estructura do desenho melodico; que a sua harmonia é pobre, pouco interessante e incaracteristica.

Entretanto não devemos esquecer-nos de que essa musica encerra em si quasi todas as difficuldades de notação que veem indicadas nas publicações atrás citadas. O *chevrotement alangui* dos gregos encontra-se em muitas das canções portuguesas, mas particularmente nas Desgarradas e no *Fado* das ruas e das tabernas, o qual tão profundamente difere do *Fado* das salas, porque raros são os que consentem em transportar d'aquellas para estas uma serie de effeitos vocaes de difficil assimilação e de caracter pouco elevado. Rythmos asymetricos encontram-se frequentemente; e ao mesmo tempo construcções em que nem sempre são respeitadas as regras da harmonia corrente,

sem querer comtudo referir-me á formação de acordes que os musicos impiricamente musicos não chegam a admitir e que menciono quando me refiro á obra do Sr. Eduardo Burnay.

Do extremo norte ao extremo sul do paiz ha que explorar um vasto campo de *folk-lore* musical que, a meu vêr, encerra muitos aspectos interessantes até hoje geralmente desconhecidos. Basta pensar na estructura do solo portuguez, na sua exposição e variedade climatica, para se dever suppor a existencia de uma grande variedade de expressões estheticas, procedentes de epocas muito diversas.

E, dados todos estes factos que apontei, quer da nossa arte quer da estrangeira, não deveremos pensar num novo processo de notação até agora desaproveitado pelos nossos investigadores e colleccionadores de canções e que, baseado no emprego de um instrumento receptor, mecanico, evitasse todo percalço resultante de intervensão pessoal? Pois o processo empregado para a industria do gramophone não poderia ser vantajosamente usado na colheita das canções? Eu já registei canções nossas ao phonographo, e fi-lo com o melhor resultado. Porque não levar os cantores ou instrumentistas das aldeias a exhibirem-se deante d'esse apparelho? D'esta forma o investigador poderia ter sempre á mão a versão exacta a transportar para o papel e a notação poderia attingir a exactidão maxima.

Recordemos ainda a circunstancia do phonographo exagerar por vezes certos defeitos da emissão dos sons, o que no campo da ethnographia se converte num precioso subsidio para rapidamente conhecer as varias maneiras regionaes de execução musical; e, embora alguns timbres se alterem na reproducção, tal processo prestaria desde já os maiores serviços ao estudo e conhecimento do *folk-lore,* ainda quando se não aper-

feiçoassem os apparelhos, o que de resto não é crivel (1).

Esta primeira parte do meu trabalho estava já escripta quando, em 3 de março de 1912, se realisou no Theatro da Republica uma festa consagrada á *Canção nacional popular*, em que eu collaborei expondo o meu modo de vêr acerca da canção portugueza e do seu valor esthetico nas relações com a arte culta. Opiniões que ahi apresentei, e que haviam sido anteriormente publicadas, chamaram a attenção de alguem que logo após essa data as condemnou, annunciando ao mesmo tempo para breve o apparecimento de um trabalho de largo folego em que a canção portugueza seria estudada segundo o verdadeiro methodo scientifico. Esta importante noticia, enchendo-me de jubilo porque ia emfim

(1) Posteriormente á data em que escrevi esta primeira parte do meu trabalho (Janeiro de 1912) vim ao conhecimento de que, em Espanha, um illustre publicista tem empregado o phonographo na colheita das canções populares. Num jornal recentissimo (*Le Journal*, de 15-6-1913), tambem leio que se pensa estabelecer em Paris um *Musée de la parole et du geste*, cujo duplo fim é conservar a voz dos homens illustres e a representação de acontecimentos importantes. Acrescenta elle que existe em Vienna d'Austria um estabelecimento deste genero, creado pela Academia das sciencias, o qual, ha já alguns annos, regista no phonographo expecialmente construido para esse fim especimens de linguagem falada. Fez ainda a colheita dos cantos guerreiros dos selvagens da Nova Guiné e das canções infantis dos Esquimaes, e explorou, no mesmo sentido, o paiz de Galles, a Armorica e a Provença. E o processo tende a generalisar-se por toda a parte. Mr. Combarieu, no vol. 1 da sua *Histoire de la musique* que está em via de publicação, quando se ocupa das relações da magia com a musica, diz-nos: « Quanto ás incantações da magia nos primitivos modernos podemos em parte conhecê-las muito bem graças a alguns viajantes que as colheram directamente com aparelhos phonographicos. »

realisar-se aquillo que eu, havia annos já, desejava que alguem seriamente fizesse, vinha dar um novo aspecto á questão tratada e levou-me a não terminar desde logo o meu trabalho, como primeiro projectára, isto é escrevendo apenas algumas notas sobre as novas canções publicadas por P. Fernandes Thomaz; e leva-me hoje a intercalar, entre o que acaba de lêr-se e essas notas, o novo aspecto que a questão parece dever tomar.

As minhas opiniões a que me refiro encontram-se em parte no 2.º volume das *Notas sobre Portugal*, trabalho destinado á Secção portugueza da Exposição nacional do Rio de Janeiro em 1908, e prendem-se a um conjuncto de vistas sobre os aspectos da paisagem portugueza e á sua distribuição em varias zonas principaes.

Dizia eu ahi effectivamente que o paiz, graças ao seu relevo orographico, ás caracteristicas geologicas do solo e á vegetação, me apparecia, numa primeira vista geral, como que dividido em quatro grandes regiões ou zonas, e que um dos elementos determinantes dessa divisão ou classificação era a canção popular por isso que ella, dentre todas as expressões do *folk-lore*, "é a que mais se prende á terra e ás condições naturaes do meio physico onde apparece e do qual procede immediatamente o seu caracter estructual e expressivo". E assim attribuia eu a essas zonas os seguintes limites e caracteres:

1.ª zona. Toda a parte alta do paiz ao norte do Tejo, limitada a poente por uma linha que, partindo de Alemtejo, passando a nascente de Thomar e de Coimbra e por Agueda, vae terminar no Porto. Encontram-se ahi grandes movimentos do solo e da paisagem, terrenos primitivos, altas montanhas, arvoredo variado, chuvas abundantes, climas extremos, população densa, luz metalica, de aço, por vezes hilariante;

e uma canção popular variadissima, profunda, danças, vivas, alegres e rudes, geralmente caracterisadas apenas por um rythmo simples e persistente (chulas).

2.ª zona. As terras baixas que comprehendem parte do Douro e toda a Estremadura e se encontram a poente da linha acima indicada, estendendo-se ao sul do Tejo e do Sado, por Coruche e Alcaçar do Sal. Aluviões recentes, terrenos pouco ondulados, aspectos calmos, aguas baixas no interior das terras, choupos, clima temperado, chuvas medias, população pouco mais de mediana; luz doce, quente, doirada.

Ahi as canções e as danças populares são suavemente onduladas como o solo, leves e doces de expressão como o clima e a luz.

3.ª zona. O Alemtejo, com a sua paisagem ingrata, planuras tristes, vegetação monotona de asinhos e estevas, charnecas, climas extremos, pouca chuva e pouca gente, luz cruel, que cega; canção lenta, profunda e triste como a terra que a gerou; danças rudes, por vezes vivas, alegres.

4.ª zona. A provincia algarvia. Em pequeno espaço todos os terrenos e culturas, vegetação abundante e variadissima; clima mediterranico, chuvas minimas, população menos de media; luz que ri e canta; canção viva, alegre, por vezes erotica, pouco profunda.

Não era eu sem duvida o primeiro que, mais ou menos, assim caracterisava e destribuia a canção portugueza. O Sr. Michel'Angelo Lambertini, no seu valioso estudo sobre *Chansons et Instruments,* de que já nos prometteu uma 2.ª edição, atribue a um certo numero de terras os seguintes caracteres no respectivo *folk-lore* musical.

Trás-os-Montes — Por vezes rudeza harmonica, interessantes pormenores de rythmo, melodias simples e melancolicas.

Beiras — Abundancia de canções superior a qualquer outra região portugueza.

Coimbra — Canções e danças verdadeiramente bellas.

Alemtejo — Canções sentimentaes, suaves, plangentes; tonalidade algo vaga.

Serpa — Coros a 2 e 3 vezes, melodias muito simples; originalidade e doçura; por vezes caracter liturgico.

Um outro musico distincto, Sr. Pedro Blanco, pianista espanhol que reside no Porto, publicara tambem, na *Revue musicale S. I. M.* (n.º 2 de 15 de fevereiro de 1912), um artigo sobre *La musique populaire portugaise* que deve ser citado, já pelas opiniões que encerra, já porque, procedendo de um estrangeiro que só ha annos vive entre nós, o seu modo de vêr acha-se perturbado por factos recentes que vem dar falsos aspectos á distribuição das nossas canções. Assim começa o Sr. Blanco por dizer que a nossa musica popular, como o nosso povo, é geralmente triste, indolente, melancolica e doce. Trata em seguida do *Fado,* occupando esta parte uma boa metade do artigo, e accrescenta: « Alem do *fado* nacional, ha em Portugal musicas regionaes interessantes: musicas populares do Alto Minho, de Trás-os-Montes, de Agueda, Douro, etc. (sic). E, cousa notavel, esta musica regional não tem, em geral, o caracter melancolico do *fado.* A razão desta diversidade de expressão reside, a meu vêr, na diferença das suas inspirações ».

Falando ainda de outras « muitas canções inspiradas por uma alegria simples e agitada, que nada já teem do melancolico *fado* », das Chulas do Douro e Minho, das cantigas do Algarve, de Coimbra, de Vizeu, de Aveiro, etc. accrescenta:

« A enorme variedade d'estas canções impede-nos de fazer um estudo de conjuncto nesta simples noticia

que visa apenas a dar uma idea muito geral do *folk-lore* musical portuguez ». E finalmente, depois de descrever varios usos populares e de indicar as canções com elles relacionadas, conclue:

« A musica popular portugueza, como se vê, merecia um estudo profundo ».

Evidentemente o Sr. Pedro Blanco habita Portugal após a invasão do *Fado* no norte, o que o leva a considera-lo a este como a verdadeira canção nacional. Ora a verdade é que, no Porto e em todo o paiz para norte de Coimbra, o *fado* era desconhecido ainda ha uns vinte annos; e não só elle, como tambem o seu instrumento privativo, a guitarra. Sabia-se pelos estudantes que em Coimbra *se batia* o fado. Mas no fundo nacional portuguez ha felizmente, como o proprio Sr. Blanco reconhece, muitas e variadas expressões estheticas em absoluto diferentes d'esse typo de canção importado do sul. E deve citar-se muito especialmente o criterio musical do distincto pianista, que o levou a apontar as varias regiões em que as canções se lhe impozeram ao espirito, sem duvida pelo seu valor proprio e, quero crêr tambem, pelo seu caracter diferenciado.

Ora certos pormenores dessa diferenciação, que eu atribuia ás condições geologicas, orographicas e climatericas, ao aspecto geral da paisagem, da luz e do ceu das varias regiões, prendem-se para mim tão intimamente a essas circunstancias materiaes, que julgo vê-los realisados em todos os paizes, como precedentes de leis geraes que dominem o modo de sentir de todas as gentes e dêem, ás suas expressões estheticas, estructuras melodicas e harmonicas, rythmos, desenhos e caracter expressivo sempre relacionados com essas circunstancias. Assim nas canções da estepe, da pla-

nura, do deserto, da campina alemtejana, encontramos, além da doçura melancolica e profunda, a nota *pedal* na harmonia, uma como que horisontalidade procedente do solo a dominar a melodia; encontramo-la em Borodine, em Tschaikowzky, nas canções da Bresse, em Felicien David. Nas cantigas da beira-mar deparamos com expressões calmas leves e doces, de uma cadencia especial muito ondulada, notas prolongadas e *smorzadas;* e isto entre nós, na Espanha e na França.

Na montanha os desenhos melodicos são mais vivos, mais movimentados, a harmonia mais rica, os rythmos mais variados, as estructuras por vezes asymetricas; e estas tornam-se symetricas, quando a canção desce ao vale e como que se vê forçado a tomar novo aspecto, a adaptar-se ao aspecto exterior do terreno para que se transportou.

Por vezes, ouvindo cantar canções populares no estrangeiro, fui levado a averiguar não a sua proveniencia, mas sim o caracter exterior das terras donde vinham essas canções; e raro me enganei colocando na planura a melodia gerada na montanha, ou vice-versa.

Não quero porem dizer com tudo quanto deixo exposto, que taes opiniões ou theorias possam ter a precisão das formulas mathematicas. Em estudos tão complexos como este de que trato, e no estado em que èlle se acha, as theorias, as classificações teem de ser consideradas como expressões de larga intuição aplicada a typos formaes dotados de extrema maleabilidade; e por isso mesmo como meros guias para futuras explorações. É o facto que, por exemplo, se dá com os *3 estylos* ou *maneiras* beethovianas, que muitos repelem porque atribuem a essa classificação um caracter estreito e preciso que não se compadece com a prodigiosa maleabilidade do genio de Beethoven.

Por isso tambem, ao expô-las na minha conferencia de março de 1912 e noutra adiante indicada, eu declarei que, por muito seductôras que ellas sejam, essas theorias, essas classificações procedem de mera intuição de caracter geral e não assentam no conhecimento critico e scientifico de todo o nosso *folk-lore*, porque o seu estudo está por fazer; mas que é essa mais uma razão para que este se faça. Eis tambem porque experimentei grande alvoroço e profunda satisfação quando vi annunciada a proxima publicação, a que atrás me refiro, de um largo trabalho em que a nossa canção popular ia ser estudada segundo o verdadeiro methodo scientifico.

Encontram-se as respectivas noticias, ou artigos que são dous, em *O Seculo* de 26 de março de 1912 e em *A Republica* do dia seguinte, ambos elles sob o titulo de *A Canção popular*. E, com a devida venia, passo a transcrevê-los.

Resa assim o primeiro d'elles:

« Na Belgica deve reunir proximamente um congresso internacional d'arte a que assistirão representantes de todas as nações e de todos os ramos artisticos.

Portugal ali tambem se fará representar particularmente por um moço, modesto e estudioso artista, o sr. Ricardo Santos, que especialmente se interessa por estudos de composição. O sr. Ricardo Santos não se limitará a fazer ato de presença ou simplesmente a dizer « apoiado » como alguns dos membros do nosso parlamento; apresentará á discussão do congresso uma tese devéras interessante sobre *A canção popular — Ensaio estético da carateristica portugueza.*

Na impossibilidade manifesta de a publicarmos na integra, em virtude da sua extensão, pois abrange nada menos de 200 paginas, que se estão imprimindo

em Paris, vamos procurar fazer-lhe um sumario e por ele já o leitor poderá avaliar da sua importancia e interesse. Para calcular a consciencia com que o autor deduz a conclusão dos seus conceitos, basta que o leitor saiba que a analise tecnica foi feita sobre 1:036 motivos populares portuguezes.

O sr. Ricardo Santos principia o seu trabalho por pôr em evidencia o absoluto acôrdo de todos o grandes musicos sobre o valor expressivo da inspiração popular e tenta demonstrar a existencia de uma origem emocional melodiosa commum a todos os povos, depois do que faz uma resenha superficial dos mais importantes trabalhos sobre os motivos populares realisados lá fóra.

Em Portugal apenas ha a utilisar os valiosos elementos de estudo historico de Teofilo Braga sobre o assunto. N'esta altura o autor da tese a que nos referimos mostra a absoluta necessidade de se coordenar o pouco mais que entre nós se tem publicado de real interesse e de objetivação consciente.

Em seguida o sr. Ricardo Santos prova a completa ausencia de uma analise tecnica segura das nossas melodias populares, o que vem prejudicar totalmente o trabalho conclusorio do sr. Antonio Arroio sobre a materia inserta nas *Notas sobre Portugal,* demonstrando que o referido trabalho carece, para chegar ás conclusões n'ele formuladas, de explicativas de caracter filosofico rigoroso, além de uma orientação de espirito critico-cientifico que lhe ajunte muito de seriedade, sem o que resultarão em barbarismos o que ali se pretende impôr como conclusões.

Estabelece, depois, a razão da necessidade dos artistas orientarem o espirito da sua musicalidade pelos temas melodicos populares, como raizes de ingenita emoção artistica. N'esta altura o autor trata,

muito ao de leve, da nacionalidade e do regionalismo em questões de arte; põe algumas interrogativas ás idéas geraes de estetica e aborda o problema da escola, abrindo-o francamente, n'um simulacro de demonstração do intelectualismo da musica contemporanea.

Concluido este proemio justificativo, entra-se então na parte demonstrativa, ou seja na tese propriamente dita.

Aceito o principio da vitalidade tradicional da musica popular e, consequentemente, determinada a importancia das suas carateristicas, o autor põe em relevo até que ponto o desprezo absoluto por este são principio deu, entre nós, como inevitavel resultante a ausencia total de musica artistica carateristica portugueza, no que o autor se põe de perfeito acordo com o expresso em Wagner. E, pela primeira vez entre nós, palpita-se corajosamente os problemas da inferioridade e superioridade dos temas populares portuguezes.

Ali são analisados os varios generos das nossas canções, subordinando ao criterio tecnico as deduções sobre o seu rythmo especial, os seus desenhos de caracter genuinamente original, as deficiencias e ingenuidades da sua harmonia; e por associação natural e forçada, analisa-se o problema retrospectivamente, ramificando-o com as nossas danças, comparativamente á movimentação dos seus quadros, á rudeza e pintoresco dos seus movimentos, ás aspirações de beleza das suas attitudes e carateristicas dos seus passos. Os caracteristicos das nossas danças, como muito bem verifica o sr. Ricardo Santos, estão em logica concordancia com a plastica dos nossos typos e com o meio natural que os atmosferiza. O autor da tese mostra ainda as suas relações com as nossas artes plasticas, especialmente a escultura e a pintura, e por ultimo a sua integração em sintese artistica no teatro, concluindo

pela demostração do valor esthetico do nosso *folk-lore*, ou seja pela riqueza melodica das nossas canções populares.

Em resumo: tendo partido d'uma idéa fundamentada nas observações de caracter scientifico de Max Muller em acordo com o juizo tecnico de A. Cornette, e passando em exame todas as doutrinas de caracter basilar hoje aceites, sem deixar em claro a mais interessante das interrogativas sobre questões de musica, como seja a seguinte: « estará na musicalidade da linguagem falada, expressão de sentimentos, a fonte do desenho melodico da musica popular? » — o seu autor engloba as suas impressões sobre o assunto numa só conclusão, talvez um tanto ou quanto arrojada, mas que abrange todo o dominio da arte ».

O segundo artigo, que vem como que completar o anterior, abre por uma curta introducção que não é para aqui citar, e prosegue da seguinte forma:

« Ha dias, nem sabemos por que titulos, fomos procurados por amigo, que nos perguntou sem mais:

— Então? já viu o trabalho do Ricardo Santos sobre a canção popular?

— Não; não sei de nada!...

— Pois havia de gostar. Procure-o, fale-lhe de musica, mas não lhe revele a sua intenção. Verá que ha de gostar.

Ora, insinuações destas não se fazem a um jornalista, sem que sejam seguidas, imediatamente, das necessarias investigações. Foi obra de um momento.

Como os leitores estão vendo, o sr. Ricardo Santos é um artista, como artista enfileira entre os musicos e como musico é um novo, na acepção da edade e na maneira de conceber a sua arte.

Ricardo Santos escreveu uma obra das suas duzentas paginas, dividida em duas partes: a primeira contém as suas teorias, muito pessoaes e muito dignas de estudo, e a segunda as provas praticas, a analise tecnica, que é feita sobre 1:036 motivos populares portuguezes.

Esta obra constitue uma tese que vai ser apresentada no proximo Congresso Internacional das Artes, na Belgica.

No genero, não conhecemos nada que se lhe assemelhe, pela esclarecida consciencia que presidiu á sua elaboração.

E' um « ensaio estético da caracteristica da canção portuguesa », que a muito consagrado serviria para corôa de gloria.

No proémio justificativo, evidencía o absoluto acôrdo de todos os grandes musicos sobre o valor expressivo da inspiração popular, lançando as bases demonstrativas de uma origem emocional melodica comum a todos os povos, e fazendo ementa dos principais trabalhos sobre os motivos populares, realizados no estrangeiro.

Só isto seria formidavel. Mas ainda não é tudo.

Muita considerada gente, que por aí quer fazer monopolio da nossa crítica de arte, vai sentir *delirium tremens* no seu pedestal de gloria.

Na obra de Ricardo Santos — e este é um ponto capitalissimo — estabelece-se a razão de necessidade de os artistas orientarem o espirito da sua musicalidade pelos temas melodicos populares, como raizes de ingenita emoção artistica.

Nesta altura se trata, muito ao de leve, da « naciolidade » e do « regionalismo » em questões de arte; de idéas novas sobre estética, abordando o problema da escola e entrando francamente na demonstração do « intelectualismo da musica contemporanea ».

E' a primeira vez, nesta tese, que entre nós se atacam desassombradamente os problemas, a inferioridade ou superioridade dos temas populares portugueses e se analisam os varios generos das nossas canções, subordinando ao criterio técnico as deduções sobre o seu ritmo especial, os seus desenhos absolutamente originais, as deficiencias e ingenuidade da sua harmonia, etc., etc. Várias outras questões são ali tratadas, lançando em todas uma luz nova e concluindo pela demonstração do valor estético do nosso *folk-lore,* ou seja a riqueza melodica das nossas canções populares.

Falho como vai o nosso meio, de estudos sérios, a nossa descobérta fará o efeito de uma bomba explosiva, que não matará pessoas mas ha de, certamente, matar a aspiração que teem certos individuos armados em sábios pela ignorancia de meia duzia, de continuar a ter o monopolio da nossa crítica de arte.

E' preciso varrer tudo que tolhe o movimento ascencional do espirito novo da nossa raça.

A época é de renascimento; deixem-se das burlas doutorais que aproveitam a meia duzia e prejudicam toda uma geração que surge a acompanhar a ressureição de uma pátria que morria lentamente.

Sangue novo de Portugal: *surge et ambula...* »

Trata-se evidentemente de uma declaração de guerra feita por quem é moço e se absorve apaixonadamente numa idéa simpatica. E tanto basta para nos agradar; bem haja quem assim procede. O mundo pertence aos novos; os velhos teem de lhes ceder o logar. Assim penso e sempre pensei. Entretanto e salvas as proporções, essa declaração traz-me á memoria aquella celebre carta que Nietzsche escreveu a Georges Brandes em fins de 1888 e na qual lhe annuncia que « dentro de dous annos toda a terra se contorcerá em enormes

convulsões ». Nietzsche estava esperando pelo apparecimento do seu ultimo livro, *O Crepusculo dos idolos, ou De como se philosopha ás marteladas,* livro que serviria de introducção á principal obra philosophica da sua vida, *A Transmutação de todos os valôres,* na qual pensára durante annos e que motivou a carta a Brandes. Já a meio do *Crepusculo* elle afirmou: « Dei á humanidade o livro mais profundo que ella possue, o meu Zarathustra: dar-lhe-hei dentro de pouco o livro mais independente ».

O moço escriptor portuguez, que sinto não conhecer de outros trabalhos, promete-nos, como se vê, a resolução de um certo numero de questões importantes no dominio da arte e da esthetica, as quaes interessam o nosso meio artistico, pondo-as porem no seu verdadeiro campo scientifico; e, alem disso, uma bomba que ha-de derrubar varios idolos dos poleiros em que indevidamente sentenceiam. Trata-se pois de uma completa *transmutação de valores* tanto nas idéas como nos homens, tal como Nietzsche a queria fazer, sendo que este só a fez em parte. Lamento pois não possuir o trabalho annunciado, de cujo aparecimento ainda não tive noticia; nem tão pouco sei se realmente se effectuou o congresso a que aludem os artigos transcriptos. E repito aqui o que disse em uma outra conferencia, feita em Maio de 1912 na Academia de estudos livres: que bemvindo seja quem se acha animado de tão nobres aspirações.

Não deixarei porem de notar que extranho não ver citados nesses artigos os nomes dos que em Portugal se teem ocupado seriamente do assumpto no seu campo literario: D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Adelino Neves e Mello, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcellos, Fernandes Thomás, Consiglieri Pedroso, mas principalmente Antonio Thomás Pires, sem

duvida o nosso mais notavel *folklorista* nesta especialidade. Apenas se diz que na obra do Sr. Santos, a qual ao tempo se estava já imprimindo em Paris, se coordena o pouco que entre nós se tem publicado de real interesse e de objetivação consciente, que se utilisam não sómente os trabalhos do Sr. Teofilo Braga e que o estudo assenta sobre 1:036 motivos nacionaes.

Impressionou-me esse numero. Dos cancioneiros publicados até hoje certamente se não apuram tantos motivos; e, como muitos delles tenham de ser condenados pelo criterio do auctor do livro anunciado, devo concluir que este procedeu directamente a uma vasta colheita de canções, motivo para todos sinceramente rejubilarmos.

O assumpto tomará pois um aspecto em grande parte diverso do que até agora havia apresentado e muito folgo em o registar neste momento.

Não devo comtudo terminar a referencia a estes artigos sem dizer que me parece pouco amavel para os nossos velhos sabios, que já todos foram novos, supôr-se que elles pensem ou desejem impedir a realisação da obra de uma geração inteira que surge a acompanhar a ressurreição de uma patria que morria lentamente; não creio que elles queiram tolher o movimento ascencional do espirito novo da nossa raça. Muito longe d'isso. Estou até certo que todos elles gritarão enthusiasmados a frase que é como que a divisa do novo livro: Sangue novo de Portugal, *surge et ambula*...

Mas agora pergunto eu: Quem são esses sabios acusados de monopolisarem o mercado intelectual portuguez? que idolos são esses? Confesso que os não conheço; ou melhor, que conheço sómente um sabio em Portugal indiscutido e por todos venerado como tal e, por isso mesmo, unico senhor do nosso monopo-

lio mental; e esse é o proprio Snr. Teofilo Braga, o inspirador do novo publicista.

Quando ha annos esteve entre nós o Imperador allemão e desejou que lhe mostrassem o ***homo sapiens lusitanus,*** todos á uma, no mais tacito e espontaneo acôrdo, novos e velhos, monarchicos e republicanos, com instrução primaria ou sem ella, designaram o Snr. Teofilo Braga; e como o nosso idolo não se prestou a ser examinado imperialmente, de cá se foi o tremendo imperante, que o Snr. Salomon Reinach considera com o mais universal dos sabios germanicos, sem esse complemento do seu extenso saber zoologico, anthropologico e social. Não havia outro sabio authentico para se lhe mostrar. Felizmente porem que a bomba e o camartelo iconoclastas do Snr. Ricardo Santos não parecem querer atentar contra os gloriosos dias e a sciencia consagrada do chefe do governo provisorio. Antes se inclina o joven sabio, que ainda um dia ha-de ser velho, a aproveitar essa sciencia para uzo proprio, sendo sob a sua egide que o novo livro verá a luz do sol (1).

Tendo pois de terminar esta pobre introducção sem poder ocupar-me da obra anunciada e aproveitar com o seu ensino, passo, como posso e sei, a tratar das canções e romances que Pedro Fernandes Thomás publica presentemente.

---

(1) A demora no seu aparecimento leva-me a conjecturar que ella se explique por quaesquer dificuldades materiaes. Se assim é, não deveriamos todos concorrer para a sua publicação? não deveria até o Conservatorio, em conformidade com a iniciativa de outros tempos, provocá-la pelos meios ao seu alcance, fazendo-se essa publicação por conta do Estado? Penso que sim.

Aqui deixo portanto formulado o meu voto a tal respeito.

Não é este o primeiro trabalho sobre o nosso *folk-lore* musical que devemos ao auctor. Em 1896, nas suas *Canções populares da Beira* (Figueira, Imprensa Lusitana), deu-nos uma collecção de 52 melodias por elle colhidas directamente e arranjadas com acompanhamento de piano, collecção que constitue, suponho eu, o mais antigo trabalho de caracter regional publicado entre nós. Fernandes Thomás antecipou-se ahi de muitos annos á Academia espanhola, cujo concurso de musica popular por provincias foi, como vimos, aberto em 1909. E, embora conte já 17 annos de existencia e proceda portanto de uma epoca em que as publicações desta natureza não obdeciam a preceitos só recentemente adoptados em algumas nações, é certo comtudo que, graças á probidade incontestavel do seu autor, essa collecção tem entre nós um valôr excepcional, já considerada em si, já como subsidio para futuros trabalhos similares. Acresce ainda que a esse valor vem ajuntar-se o da erudita introducção que o Snr. Leite de Vasconcellos faz ao livro e em que estuda a sua face literaria.

No presente volume foi o auctor guiado por outra idea, a de dividir as varias canções em grupos diversos, segundo uma classificação que todavia não póde apparecer aqui exemplificada completamente, porque o numero de canções é relativamente diminuto. São esses grupos os seguintes:

1 — Romances populares.
2 — Canções religiosas.
3 — Hymnos e canções politicas, ou patrioticas.
4 — Varia.

É pois tambem a primeira vez que, entre nós, se procede a uma classificação de canções, sendo que d'ahi resultará porventura uma indicação nova, referida a este ramo do nosso *folk-lore*, sobre a capaci-

dade musical productôra do povo portuguez. Até agora sempre ouvi dizer que a nossa canção popular é principalmente amorosa, o que de resto succede em outros paizes, mas que só esse seu aspecto é digno de prender a nossa attenção. Efectivamente, no estado de atraso em que o nosso povo se encontra, é natural que as suas revelações, no campo esthetico, sejam primitivas e procedam principalmente das funcções da vida vegetativa, animal, que não das funcções da vida de relação. E sendo o portuguez, como se está farto de saber, muito meigo e muito amavioso, elle deitará para fóra de si canções ternas e amorosas de preferencia a quaesquer outras.

É porem inegavel que o agrupamento realisado pelo Snr. Fernandes Thomás nos sugere desde já uma outra noção: a de que o povo portuguez é dotado de grande sentimento religioso, porisso que as respectivas expressões estheticas não parecem menos dignas de estudo e de observação do que as do genero amoroso ou idyllico. Este é o primeiro facto que resulta da observação imediata dos 21 numeros comprehendidos neste grupo, facto que indubitavelmente surprehenderá mais de uma pessoa. E desde já se vê como elle possa confirmar-se quando reunamos todas as canções congeneres que andam espalhadas pelos varios cancioneiros e procedem do paiz inteiro, isto independentemente de futuras colheitas.

Outro facto que se deve desde já tambem apontar é o de alguma das canções aqui publicadas serem muito antigas, succedendo que tanto essas, como ainda outras relativamente modernas, se obliteraram já na memoria do povo. Inutil fazer sentir a vantagem que, para o estudo de evolução da canção entre nós, tem o conhecimento dessas formas que desapareceram da tradição oral.

Devo ainda referir-me á notação actualmente adoptada pelo Snr. Fernandes Thomás para as canções. Ao contrario do que fez em 1896, elle apresenta-as hoje sem acompanhamento e tão sómente com o numero de vozes por que as ouviu cantar, quasi todas portanto no typo *monodia*. As cantigas aparecem-nos assim, como dizia Gevaert do canto gregoriano, sem a menor vestimenta de harmonia, despidas de todo o elemento sensual e portanto sem a diminuição e perturbações causadas por artificios de moda; algumas perpetuam até, na sua nudez incorruptivel, o encanto perdido dos seculos passados.

Nem todas as canções agora publicadas são ineditas, é evidente. Entretanto todas ellas teem um valor inestimavel. O estudo da canção nacional carece de ser feito sobre o maior numero possivel de variantes, para se conhecerem todas as leis da sua producção e evolução. Mas cada um desses grupos exige uma especial menção; passamos pois a fazê-la.

1. **Romances populares.** Este grupo é composto de 15 numeros ou romances.

São indubitàvelmente interessantes as duas canções com que se canta a serie dos primeiros dez romances, apesar de muito diversas na sua construcção. Ambas ellas são porem em tom menor e lentas; além disso a primeira (Conde de Allemanha) canta-se em *Adagio*, ao passo que a segunda (Reginaldo) está notada em movimento menos lento, *Andante*. A primeira offerece um exemplo curioso de sabor antigo e de dificil harmonisação, sendo de notar a frase que se repete no fim de cada verso; a segunda é bella e bem construida, prestando-se porventura a ser tratada na forma de *Thema com variações*, dando logar a uma harmonisação rica e variada.

O *Capitão da Armada,* melodia choreografica, é fresca, graciosa e de caracter muito acentuadamente portuguez; ingenuo o descante da xacara *O cego;* interessante o *Frei João,* começa em fá maior e termina em lá menor.

2. **Canções religiosas.** Este grupo é composto de 21 numeros, cuja serie de titulos vamos aqui repetir para maior clareza e facilidade de exposição.

16 — *Ao menino Deus* (Em dó maior, 2/4, Andante).
17 — *Noite de Natal* (Em sol maior, C, Andante).
18 — *A Pombinha* (Em sol maior, 3/4, Moderato).
19 — *A Borboleta do Natal* (Em mi b. maior, 2/4, Moderato).
20 — *Canto de Pastores* (Em fá maior, 3/4, Andante).
21 — *Canto do Natal* (Em dó maior, 3/4, Andante).
22 — *Canto de Pastôres* (Em sol maior, 3/8, Andante).
23 — *Desgarrada* (Em ré maior, 3/8, Allegreto).
24 — *Os Reis* (Em sol maior, 2/4, Moderato).
25 — *Os Reis* (Em dó maior, 6/8, Moderato).
26 — *A Virgem* (Em sol maior, C, Adagio).
27 — *Andorinha gloriosa* (Em ré menor, C, Adagio).
28 — *Avé Maria* (Em fá maior, C, Andante).
29 — *Anjo da Guarda* (Em fá maior, 2/4, Moderato).
30 — *Nossa Senhora da Povoa* (Em fá maior, 2/4, Andante).
31 — *Santo Antão* (Em sol menor, 3/4, Allegreto).
32 — *Almas Santas* (Em sol maior, 6/8, Andante).
33 — *Jaculatorias* (Em lá menor e dó maior, 2/4, Adagio).
34 — *Amentar as almas* (Em fá maior, 2/4, Adagio).
35 — *S. João* (Em ré maior, 2/4, Allegreto).
36 — *S. Pedro* (Em sol maior, 2/4, Moderato).

Estas canções dividem-se, quanto ao culto, nos seguintes agrupamentos:

Natal, n.^{os} 16, 17, 19, 20, 21 e 22.
Reis, n.^{os} 18, 24 e 25.
Culto da Virgem, n.^{os} 26, 28 e 30.
Anjo da Guarda, n.^{o} 29.
Culto de Santos, n.^{os} 31, 35 e 36.
Viatico (Bemditos), n.^{o} 32.
Culto dos Mortos, n.^{o} 34.

Está longe de ser completo este quadro das nossas formas cultuaes populares. As ladainhas, as novenas, os bemditos, por exemplo, são abundantissimos no paiz inteiro. O presente grupo representa pois um pequeno subsidio, de valiosa documentação comtudo. Além d'isso as romarias, em numero consideravel e porque constituam as maiores festas do nosso povo, fornecerão um material abundantissimo para apreciação do culto dos Santos. E basta pensar nas variantes que só o S. João apresenta de Norte a Sul do paiz, para se avaliar o superior interesse d'este ramo do nosso *folk-lore.*

O *Natal* é aqui representado por 6 numeros; não são porem, todos elles de egual valor e caracter. O n.^{o} 16 denota influencias de cantochão, forma antiquada e extranha. O n.^{o} 17 tem caracter jovial, nada religioso; lembra a canção coimbrã *Vae laranja ao ar.* O n.^{o} 19 é um thema bonito, interessante como harmonia e presta-se a ser trabalhado sob este ponto de vista. O n.^{o} 20 deve ser apontado pelo seu caracter raro e pela alteração de escala (mi b. em logar de mi natural), caso este que veremos repetir-se em outros numeros todos elles lentos. O n.^{o} 21 é um côro evidentemente de proveniencia erudita. O n.^{o} 22 tem acentuado o caracter dos nossos cantos pastoris a 2 e a 3 vozes

Os Reis. — Os n.^{os} 18 e 24 pertencem ao typo já citado no n.^{o} 22, não merecem menção especial. O n.^{o} 25 é uma litania de peditorio um tanto extranha.

O Culto da Virgem tem no n.º 26, a meu vêr, um dos mais curiosos exemplares da presente serie; escala e tonalidade indecisas, contraponto interessante; presta-se a um trabalho de harmonisação valioso. Os n.ºs 28 e 30 são ambos para notar como textura e, alem d'isso, o primeiro como harmonia, o segundo como rythmo.

Anjo da Guarda (n.º 29). — É uma bonita melodia, interessante como rythmo.

O Santo Antão (n.º 31) é uma melopeia triste, muito portuguesa, com a cadencia e ondulação da zona coimbrã, e com feitio archaico na sua terminação. Egualmente parece pertencer a essa zona o *S. João* (n.º 35), que tem muito caracter e graça.

O *S. Pedro* (n.º 36) lembra muito um S. João do Porto.

Almas Santas (n.º 32). — Pertence ao grupo dos bemditos; tem uma forma indecisa, mas deve porventura ser tomado em consideração quando se tratar do estudo completo das canções que acompanham o Viatico levado aos moribundos.

Amentar as almas (n.º 34). — Novo caso de alteração de escala produzida num *Adagio;* é interessantissima, embora o seu caracter não pareça muito portuguez, salvo no ponto em que a alteração de escala se produz.

Deste rapido exame resulta, quanto a mim, o superior interesse que tem a nossa canção religiosa; alem d'isso os factos citados parecem invalidar um como que axioma, reconhecido exacto, acerca do nosso *folk-lore,* qual é a sua pobreza no campo da harmonia. E, se aqui encontramos a harmonia rica e caracteristica, não será isso a revelação de um profundo sentimento religioso no nosso povo? Devemos ainda notar o caracter ingenuo, feminino, de certos córos a duas e tres vozes que se me afigura contrapôr-se vivamente ao dos córos congeneres espanhoes.

3. **Hymnos e canções patrioticas.** Não é esta certamente a parte mais valiosa do presente livro. Entre nós não são os hymnos que faltam. Temos os religiosos: do Espirito Santo, da Virgem do Sameiro, de Pio IX ou Leão X, etc.; temos o hymno do Lavrador e outros ainda como o *Guerrilheiro,* que é de facto um verdadeiro hymno, pelo seu caracter. E temos uma enfiada de hymnos politicos, taes como o da Restauração de 1640, da Coroação de D. João VI (musica de A. S. Leite), Constitucional de 20 (Coccia), Constitucional de 26 (A. Joaquim Nunes), O Rei chegou, o Real de D. Miguel, o dos Proscritos ou Emigrados Portugueses (S. P. Sant'Iago), o da Carta e o da Amelia (D. Pedro IV), o de D. Fernando, os de D. Pedro V e D. Luiz (ambos de Manuel Inocencio Liberato dos Santos), de D. Maria Pia (Almeida e Mello), dos Invalidos de Roma, Nacional 1.º de dezembro, etc.; e temos finalmente os dois que, juntamente com o de 1640, se tocam hoje: a Maria da Fonte (Frondoni) e a Portugueza (Alf. Keil).

De todos esses, o *Rei chegou* é o que pelo caracter mais se aproxima da musica popular e, como se vê pela variante que nos dá Fernandes Thomás, elle cantava-se tanto contra os constitucionaes, como contra os miguelistas. Não se sabe se a sua proveniencia é erudita; succedeu-lhe porem o mesmo que á Maria da Fonte e á Portugueza, tornou-se popular.

Os outros hymnos obedecem todos mais ou menos a um mesmo typo; são composições de pouco valor, banaes, de forma convencional. O *Hymno dos Proscritos* parece a *cavaleta* de uma aria de Bellini.

D'entre as canções patrioticas que nos dá o auctor, a *Quinta do Ramalhão,* em que se lamenta a prisão da celeberrima Carlota Joaquina, dir-se-hia de proveniencia popular; a dos *Voluntarios da Rainha* é do

typo vulgar, convencional, dos hymnos; *Os Corcundas* parecem uma variante da canção galega pornografica *Anna Joaquina de Santa Catrina; O Adeus de um proscrito*, a *Vivandeira* e o *Adeus do recruta* pertencem ao genero *modinha* que, musicalmente considerada, não vale mais que o seu contemporaneo, o *hymno*, com a agravante de ser alambicada e langorosa por vezes.

O povo pouco colaborou nestas expressões politicas e pouco tempo as reteve; foi efemera a duração de quasi todas ellas. A canção politica que porventura mais fundo penetrou nas massas populares foi a satyrica, de que *O Rei Chegou* é um bom exemplo; no norte, comtudo, canta-se muito a *Maria da Fonte* e canta-se com entusiasmo talvez maior do que a *Portugueza* no sul. Não temos, porem, em Portugal o equivalente, já não digo dos hymnos francezes, mas até dos de Espanha com a sua Manha real e o Hymno de Riego.

4. **Varia.** É devéras interessante este ultimo grupo principalmente constituido por canções satyricas e comicas. São estas as seguintes:

Duzentos galegos — Ao contrario do que diz o auctor do livro, ainda é hoje conhecida no norte. É solida e bem construida. Daria o que os francezes denominam *une belle chanson de route*, canção para soldados em marcha; tem todas as qualidades melodicas e rythmicas para tal adaptação.

Palacios da rainha — De caracter bem popular.

Na venda — Dir-se-hia de proveniencia ou influencia espanhola e que a musica foi feita especialmente para os versos; adoptam-se-lhe com rara perfeição ao estribilho.

Domingos Affonso — A melancolia do seu tom, sol menor, parece antagonica com as palavras, a que se diria portanto mal adaptada.

Tanglo manglo — Conheço a melodia brazileira que se canta com a mesma poesia. Provavelmente a canção foi levada de cá para o Brazil, mas só lá chegariam os versos. A melodia a que me refiro é tambem em tom maior, em $^2/_4$ e *allegreto,* mas tem mais um periodo de 4 compassos, com a repetição constante do ultimo verso, na forma de estribilho que pode ser cantada em côro:

E não ficaram
Não ficaram
Não ficaram senão onze!

Maravilhas do meu velho — Esta mesma canção éra, no Douro, uma dança de roda que, ainda ha trinta annos, se dançava em certos momentos da vida dos campos, por exemplo nas esfolhadas, acompanhada de rijas palmadas. Tem todavia o feitio de uma modinha brazileira.

O Zabumba — É caracteristicamente popular. Ouvi della, em 1885, uma variante musical, em Panoias do Alemtejo, aplicada aos seguintes versos:

A senhora do Castello
É alta e má d'assubir,
Porque não, porque não,
Deveremos nós lá ir.

Cantavam-na em *andante,* com um *ralentando* final.

D. Pedro (Balada tragica). — Esta balada encontra-se no valioso Cancioneiro de Musicas Populares de Neves e Campos com o nome de *D. Sancho* (Romance); e diz ahi um dos auctores, que já a ouvira em 1850, ser ella um plagiato do thema da *Julia gentil,* vulgo *Gata borralheira,* que se canta tambem com os versos

O perú é velho
Inda quer casar;
Pega na mantilha
Vae-te confessar.

aplicados pelo rapazio « para provocar os perús a grasnarem e a empavezarem-se ».

As quadras apresentadas pelo referido Cancioneiro aparecem ahi sob uma forma correcta que suponho não ser a que o povo emprega. Eu sempre a ouvi cantar assim:

D. Sancho é rico,
Avezava á teca,
Nas horas vagas,
Tocava rabeca.

As duas formas musicaes, a de Fernandes Thomás e a do Cancioneiro, divergem no estribilho; são provavelmente duas variantes de uma mesma cantiga inicial. E se, como suponho, a de Fernandes Thomás é influenciada pela maneira coimbrã, e a outra pela do norte, cercanias do Porto, ellas constituirão um exemplo do que atrás deixo dito sobre a distribuição das canções por zonas: na região de Coimbra as formas adoçam-se e tomam aspectos mais equilibrados.

A poesia, nas duas variantes, é tambem diversa, diversos os heroes do drama, e diverso o instrumento que um d'elles toca: no norte a rabeca, instrumento popular; no centro o fagote, instrumento de arte culta obrigado pela rima e que, pelo seu caracter, acentua ainda mais o ar tragico-comico da balada.

— O auctor dá-nos ainda quatro canções d'amor:

Os noivos — Vulgar, alegre, ladina. A notar o momento em que se canta.

Não quero funéca — Provavelmente cantada em côro no estribilho.

Tricana d'aldeia — Muito interessante. Conheço uma variante do Porto que se me afigura ter ainda mais valor como movimento na construcção melodica.

A Confissão — Serie de frases, extranha como construcção melodica e harmonica.

— E finalmente:

Levantar ferro — Canção maritima, referente á Nau Catrineta, em lá menor e em andante; é engraçada a passagem para o segundo rythmo, mais vivo, depois da *tenuta smorzada* que ahi se deve fazer e é muito caracteristica das canções maritimas.

Francisco Bandarra — Canção choreografica coimbrã, com todo o caracter regional das suas voltas e meneios.

Imperfeitas e incompletas como são estas notas, ellas levam porventura a uma comprehensão mais justa do valor do nosso *folk-lore* musical do que a opinião corrente até hoje estabelece. Surgem nessa producção popular aspectos varios que se definem com precisão bastante para provocar importantes trabalhos ainda não realisados entre nós. Estas notas representam pois uma tentativa assente no desejo de provocar obras mais documentadas e naturalmente mais definidas do que as existentes.

Parece-me que, graças a um processo de classificação, embora incompleta e baseada em poucos elementos, a questão de canção popular entra numa via diversa da anterior. Do que deixo dito não se conclue comtudo apenas a multiplicidade de aspectos realmente existentes no nosso *folk-lore,* mas tambem, pelo menos para mim, uma riqueza de estructura harmonica que quasi ninguem até ao presente quer reconhecer na nossa canção. Esta era considerada como bella de desenho, rica de rythmos, mas pobre de harmonia. Quero crêr que tal opinião procede do facto de quasi só serem conhecidas, por assim dizer, as melodias idyllicas e, entre estas, principalmente as que se podem ouvir junto dos grandes povoados e que, por mil razões que facilmente se comprehendem, tomaram formas

medias, atenuadas e até vulgares. Penso que é principalmente nos sitios mais distantes desses povoados, nos extensos latifundios, nas altas montanhas, nas regiões agrestes que se deverá ir colher o caso interessante, as arestas vivas, o caracter acentuado, as impressões intensas e fortemente diferenciadas. A oceanographia traz-nos das grandes profundidades o animal raro de cuja existencia ninguem suspeitava. Assim succederá a essas producções expontaneas do genio popular, o qual só nas situações extremas é que poderá revelar a sua completa profundeza e forte poder creador.

Por isso, em Coimbra, numa das festas do ultimo Orfeon, eu pedi ha annos aos rapazes que, lá do fundo das suas terras, trouxesse cada um, por anno, ao seu director, uma canção apenas, mas bem notada, honestamente notada; porque assim, dentro de pouco, teria o Orfeon reunido uma abundantissima colheita de themas valiosos. E parece-me ter ouvido dizer que alguma cousa se fez nesse sentido. Mas facto é que não foi publicada. E por isso tambem mais para agradecer é o serviço prestado por Fernandes Thomás, trazendo a lume as canções por elle colhidas em viagens feitas durante alguns annos. Emquanto pois não apparecerem os novos a trabalhar com melhor e mais variada ferramenta moderna, vão os velhos dando o que teem, o que colheram quando eram moços.

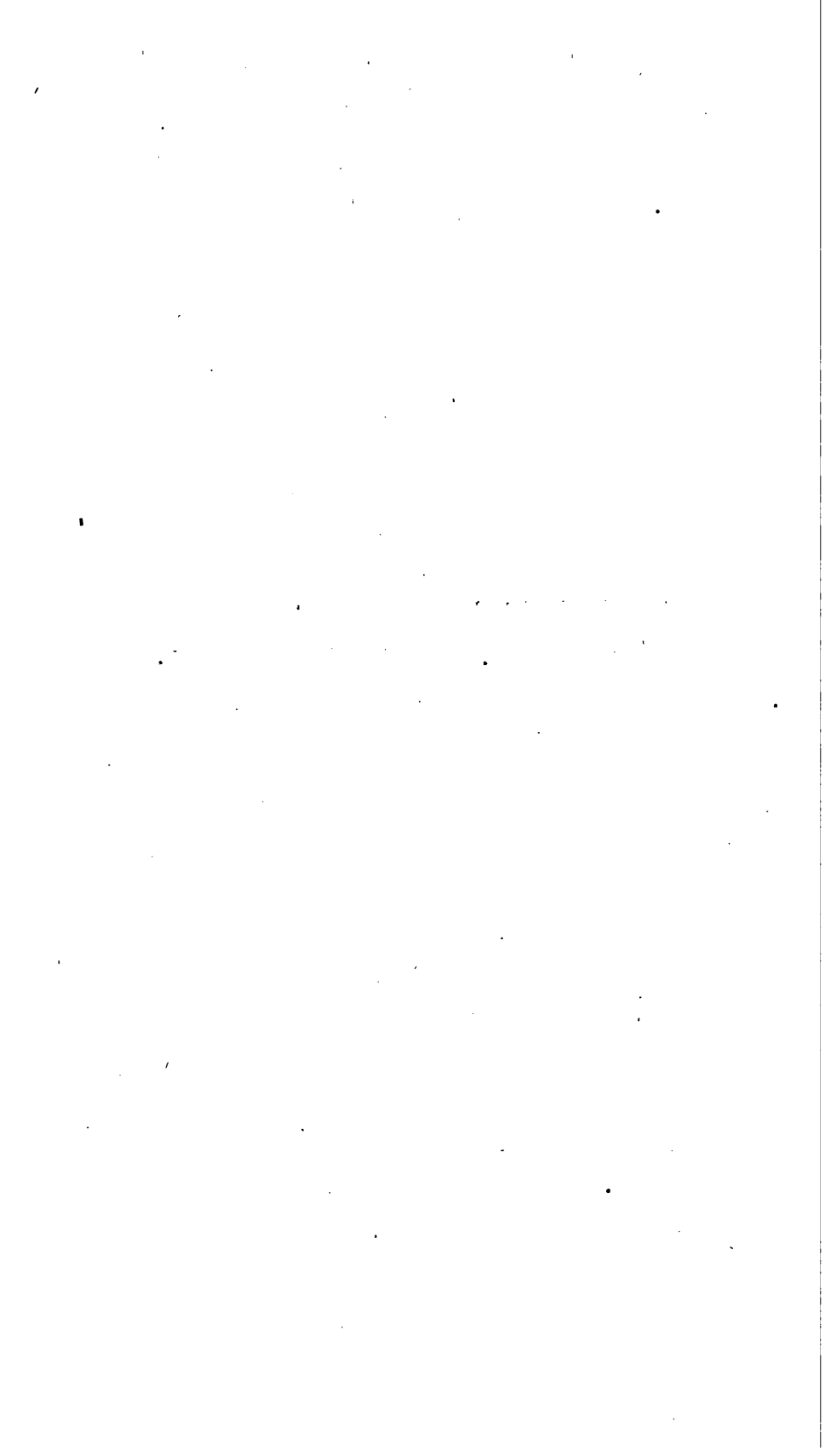
Neste meu trabalho não me occupo da parte litteraria da obra. Falta-me o tempo e a competencia para isso. Não julgo porem necessario fazê-lo para revelar o valôr da obra dentro desse campo especial. O Snr. Dr. Leite de Vasconcellos, tendo prefaciado *As Canções da Beira* do mesmo auctor, poz já o seu grande saber

a garantir a absoluta probidade literaria do colleccionador das Canções.

Aqui termino pois estas notas em que procurei acertar e ser justo.

Lisboa, Junho de 1913.

ANTONIO ARROYO.

ROMANCES POPULARES

Vai-se pouco a pouco obliterando e desapparecendo nas povoações do interior do paiz a antiga usança de se recitarem ou cantarem principalmente nas longas noites de inverno e "na casa do serão", os velhos romances tradiccionaes outr'ora tam queridos do povo.

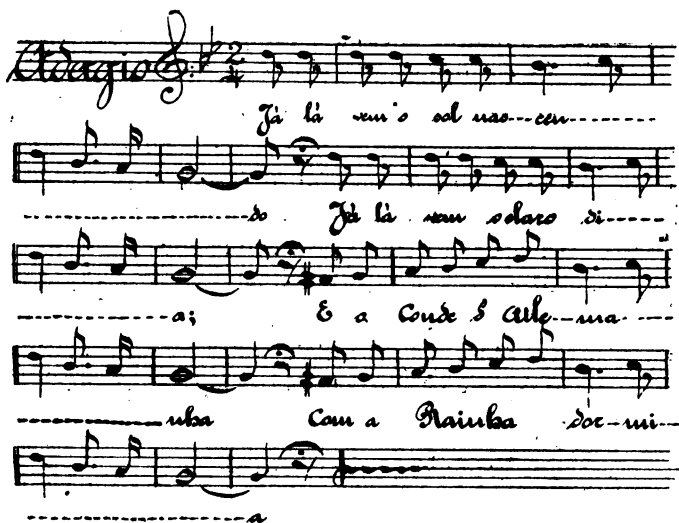
A atracção dos grandes centros, a emigração e outras causas que não vem para aqui, convidam principalmente os homens a abandonarem as aldeias, dispersando as familias, ermando os campos...

Depois, a facilidade de comunicações tornando accessiveis as viagens ainda aos menos favorecidos de fortuna, vulgarisou por toda a parte as musicas ligeiras da opereta e da revista, alastrando tambem ainda pelas mais affastadas povoações a epidemia dos fados...

Por isso é raro encontrar-se hoje, não sendo em alguma aldeia distante encravada na montanha, perdida nos areaes do littoral ou na campina alemtejana, quem se recorde ainda d'alguns destes velhos romances.

Dos que persistem aqui e acolá na tradição recolhemos os que em seguida publicamos, com a musica com que eram mais frequentemente cantados, e que serve indifferentemente para qualquer delles.

A musica que acompanha o romance — "Conde de Allemanha" — foi por nós recolhida ha mais de 20 annos numa aldeia da Beira-Baixa mas informáram-nos que se cantava tambem em Trás-os-Montes. A outra melodia é conhecida em varias regiões do paiz.

O Conde de Allemanha

Já lá vem o sol nascendo,
Já lá vem o claro dia,
E o Conde de Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe nem elrei
Nem quantos na corte havia:
Sabe-o só a dona Infanta
Filha da mesma rainha.

— Minha filha, se o sabes,
Não o dês a descobrir
Que o Conde é muito rico,
De oiro te ha-de vestir.

— Não quero os seus fatos d'oiro
Que tenho os meus de damasco
Inda meu pai não é morto,
Já me querem dar padrasto.
As mangas desta camisa
Eu não as chegue a romper
Que em meu pai vindo da missa
Eu lh'o saberei dizer!

— Venha, venha, oh meu pai,
Bôa seja a sua vinda:
Tenho um conto p'ra contar-lhe
Muito triste, á maravilha.

— Conta lá, oh minha filha,
Que eu folgarei de te ouvir.

— Estando eu no meu teár,
Na minha teia a tecer
Véio o Conde de Allemanha
E a teia quis desfazer.

— Deixa o Conde de Allemanha
Que é rapaz, e quer brincar.

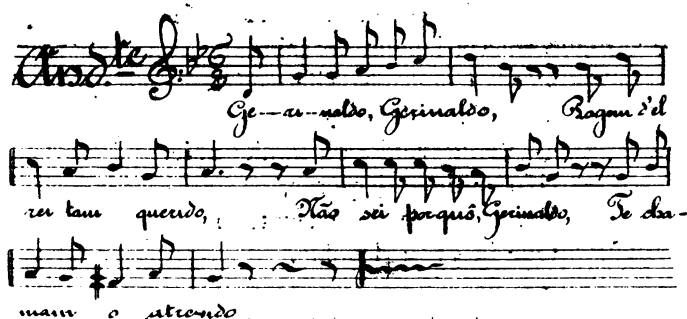
— Mal o hajam os seus brincos
Mais tambem o seu brincar
Que num braço me pegou,
E á cama me quiz levar!

— Cala-te lá, minha filha
Cala e torna a calar
Se eu o soubera mais cedo
Tinha-o mandado matar:
Mas hoje, por dois algoses
O mandarei degolar.

— Venha venha oh minha mãe
Venha a janella do cabo,
Ver o Conde de Allemanha,
Vestidinho de encarnado.
— Venha venha oh minha mãe
Não se deve demorar,
Ver o Conde de Allemanha
Que lá vai a degolar.

— Mal o hajas minha filha,
Mais o leite que mamastes,
Que é um Conde tam bonito
E a morte lhe causastes.

— Cale-se lá, minha mãe
Bem se pode já calar:
Que a morte que o Conde leva,
A podía a mãe levar!

Reginaldo

— Reginaldo, Reginaldo (1),
Pagem delrei tam querido
Bem pudéras, Reginaldo,
Dormir á noite commigo.

— Zombaes commigo, senhora
Por ser o vosso cativo
— Eu não t'o digo zombando
É devéras que t'o digo.
— Pois quando q'reis vós, senhora
Que vá pelo promettido.
— Lá pela noite adeante
Quando elrei seja dormido.

---

(1) O povo diz — *Gerinaldo,* como está na musica.

Logo ao dar a meia noite
Reginaldo já erguido.
Foi ao quarto da princêsa
Deu um ai mui dolorido.

— Quem dá ais á minha porta
Quem será o atrevido?
— É Reginaldo, senhora,
Que vem pelo promettido.
— Ide abrir a minha porta,
Que elrei não seja sentido —
Anda cá, ó Reginaldo
Podes-te deitár commigo.

Já era quasi sol fóra
E Reginaldo dormido.

Acorda o rei de repente
Chama o seu pagem querido
Mas Reginaldo não vem,
P'ra lhe trazer o vestido.

— Reginaldo não responde.
O que terá succedido?
Ou está morto o meu pagem
Ou traição me ha commettido.

Responde d'ali um pagem
Que tudo tinha sentido:
— Lá no quarto da princeza
Estará adormecido!

O rei levanta-se á pressa
E leva um punhal comsigo
Chega ao quarto da princeza
Entrou sem fazer ruido.
Dormiam os dois na cama
Como mulher e marido.

— Eu se mato Reginaldo,
Creei-o de pequenino;
E se mato a princeza
Fica o meu reino perdido.

Tira elrei o seu punhal,
Deixa-o entre os dois mettido:
O cabo para a princeza
Para Reginaldo o bico.
Ia-se a virar o pagem
Logo se sentiu ferido.

— Acordae, ó bella infanta,
Acordae que estou perdido:
O punhal d'oiro d'elrei
Entre nós está mettido!

— Cala-te lá, Reginaldo,
Não estejas tam dolorido,
Que elrei tem bom coração
Ha-de-te casar commigo.

— Onde estavas, Reginaldo,
Que assim vens tam abatido?
— Mandai-me matar, senhor,
Bem sei que fui atrevido.

— O castigo que te dou,
Por seres meu pagem querido,
É que a tomes por mulher,
E ella a ti por marido.

E assim ficou bem feliz
Reginaldo, o atrevido!

D. Silvana

Passeava Silvaninha
Pelo corredor acima:
Levava viola d'oiro
Oh que tam bem a tangia!
Seu pai que lhe apparece
Estas fallas lhe dizia:

— Bem pudéras tu, Silvana
Uma noite seres minha!
— Fôra uma, fôra duas
Fôra mesmo cada dia;
Mas as penas do inferno,
Quem por mim as pagaria?
— Paga-las-ei, eu Silvana
Que as peno cada dia.

Foi-se d'ali a Silvana
E bem triste que ella ia:
Em cata da sua madre
Que tudo lhe contaria

— Que tens tu, oh Silvaninha,
Que tens tu oh minha filha?

— Oh quem tal pai não tivera
Quem não fôra sua filha
Que vem fallar-me de amores,
Oh minha mãe, cada dia!

— Cala-te ahi, minha filha,
Que isso remedio havia.
Deita-te na minha cama
Na tua me deitaria.

Lá pela noite adiante
Seu pai que a acomettia.

— Se eu soubera, Silvaninha
Que estavas tam corrompida
Eu as penas do inferno
Por ti não as passaria!

— Esta não é a Silvana
É a mãe que a paria:
Quem poderia julgar
Que seu pai a acomettia?

— Oh! maldita seja a filha
Que seu pai foi descobrir!

Manda-a metter numa torre
Que nem sol nem lua via.
Dão-lhe a comida por onça
Agua quasi não bebia.

Ao cabo de sete annos
De sete annos e um dia
Assubio a uma ventana
Que ao cimo da torre havia
E viu estar sua madre,
No jardim, sem companhia,

— Deus vos guarde, oh minha madre
Madre minha da minh'alma;
Peço-vos por Deus do Céu
Que me deis um jarro d'agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arrança a alma.

— Filha do meu coração
Quem te pudéra dar agua:
Mas teu pai fez juramento
Pela cruz da sua espada
Que aquelle que te der agua
Tenha a cabeça cortada.

Silvaninha assubiu
A outra ventana mais alta
E viu estar os irmãos
No campo, jogando as canas.

— Deus vos salve, meus irmãos
Meus irmãos da minha alma:
Peço-vos por Deus do Céu
Que me deis um jarro d'agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma!

— Quem vos pudéra dar agua,
Oh mana tam desgraçada!
Mas nosso pai tem jurado,
Pela cruz da sua espada,
Que aquelle que te der agua,
Tenha a cabeça cortada!

Assomou-se Silvaninha
A uma ventana mais alta:
Donde viu andar seu pai
Passeando numa sala.

— Deus vos guarde, oh meu padre
Padre meu da minha alma:
Peço-vos por Deus do Céu
Que me deis um jarro d'agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma;
Que eu vos prometto meu pai,
De ser vossa namorada!

— Venham aqui os meus pagens
Creados da minha casa,
Tragam todos jarros d'oiro
Para á Silvana dar agua;
O primeiro que chegar
Tem a commenda ganhada;
O ultimo que apparecer
Tem a cabeça cortada!

Quando chegáram á torre
Silvaninha se finava
Nos braços da Virgem Santa,
Dos anjos acompanhada.

— Oh Silvana, minha filha,
Que assim foste desgraçada;
A tua alma está no céu,
E a minha está condemnada!

Bernal Francês

— Quem bate á minha porta
Quem bate, oh quem está ahi?
— Sou Bernal Francês, senhora
Vossa porta, amor, abri —.

— Se vós sois Bernal Francês
A porta vos vou abrir
Mas se é outro cavalleiro
Embora se pode ir —.

Ao abrir a minha porta
Se apagou o meu candil;
Ao subir a minha escada
Me cahiu o meu chapim.
Dei-lhe a mão p'ra elle entrar
Levei-o para o jardim,
Lavei-lhe o rosto e as mãos
Com àguinha de alecrim
Peguei nelle nos meus braços,
Deitei-o ao pé de mim.

— Já é dada meia noite
Sem te virares para mim
Se tens medo do meu pai
Elle longe está d'aqui:
Se temes os meus creados

Não te farão mal a ti:
Se tens medo ao meu marido
Está bem longe de ti:
Más novas me venham delle
Que nunca mais volte aqui!

— Eu não temo do teu pai,
Que elle sôgro é de mim;
Não temo dos teus criados
Que mais me temem a mim
Nem temo do teu marido
Nem delle nunca temi:
Teme tu, falsa, traidora
Que o tens deitado aqui....
Deixa tu vir a manhã
Que eu te darei de vestir:
Vestirás saia de malha
Roupinhas de carmesim
Gargantilha de cutélo
Já que o quiseste assim!

— Onde vais, Bernal Francês,
O que fazes por aqui?
— Vou p'ra ver a minha dama
Que ha tempos que não n'a vi.

— A tua dama é já morta,
É morta que eu bem a vi:
Levava saia de malha
Roupinhas de carmesim;
Gargantilha de cutélo
E tudo p'rámôr de ti,
A tumba em que a leváram
Era de prata e marfim,
Os padres e a fidalguia

Não tinham conta nem fim,
Levaram-na a enterrar
Ao adro de S. Chrispim.

Fui-me á sua sepultura
Cuidei de morrer ali:
— Abre-te oh campa sagrada
Esconde-me a par de ti!

Do fundo da cova triste,
Uma triste voz ouvi:

— Vive tu, amor querido
Vive tu, que eu já vivi:
Braços com que te abraçava
Não podem cingir-te a ti:
Bôca com que te beijava,
Já não tem sabor em si:
Os olhos com que te olhava,
Já não te veem a ti!
Se casares e tiveres filhas,
Tem-nas sempre ao pé de ti,
Pr'a lhes não acontecer
O que aconteceu a mim!

D. Varão

Ai de mim, que eu já sou velho
As guerras me acabarão
Sete filhas que eu tenho,
Sem ter um filho varão!

Responde a filha mais velha
C'uma grande espertidão:

— Venham armas e cavallos
Serei seu filho varão!

— Tende-lo cabello grande
Filha vos conhecerão.

— Venha cá uma thesoura
Vereis caí-lo no chão.

— Tende-los olhos bonitos
Filha vos conhecerão.

— Quando olharem para mim
Os abaixarei p'ró chão.

— Tende-los hombros mui altos
Filha vos conhecerão.

— Dê-me uma bôa armadura
Que elles se abaixarão!

— Tende-los peitos tam grandes
Filha vos conhecerão.

— Venha cá um alfaiate
Talhe-me um largo gibão.

— Tende-las pernas bem grossas
Filha vos conhecerão.

— Dai-me umas botas bem altas
Que dellas não sairão!

— Ó meu padre, ó minha madre
Que me fino de paixão,
Que os olhos de D. Varão
São de mulher, de homem não!

— Convidai-o vós, meu filho
Para comvosco jantar,
Que se elle fôr mulher
No chão se ha-de assentar.

Foi p'rá mesa D. Varão
Cadeira mandou chegar,
Pôs-lhe sua capa em cima
Para mais alto ficar.

— Ó meu padre, ó minha madre
Que me fino de paixão:
Os olhos de D. Varão,
São de mulher, de homem não!

— Convidai-o vós, meu filho
Para á feira ir enfeirar,
Que se elle fôr mulher,
Ás fitas se ha-de agarrar.

— Ó que fitas tam bonitas
Para uma dama enfeitar!
— Ó que espadas tam valentes
Para quem quer guerrear!

— Ó meu padre, ó minha madre
Que me fino de paixão;
Os olhos de D. Varão
São de mulher, de homem não!

— Convidai-o vós meu filho
Para o jardim passear,
Que se elle fôr mulher
As flores vai apanhar.

— Que lindas flores, D. Varão
Para ás damas offertar!
— Pois se ellas as quiserem
Que as venham cá buscar!

— Ó meu padre, ó minha madre
Que me fino de paixão;
Os olhos de D. Varão,
São de mulher, de homem não!

— Convidai-o vós, meu filho
Para comvosco ir nadar,
Que se elle fôr mulher,
Logo se ha-de acobardar!

— Entrae, entrae cavalleiro
Já o vou acompanhar,
Perdi a espora de prata
Atrás a vou procurar!

— Ide embora, cavalleiro
Que eu sem vós não nadarei;
Se a espora era de prata
De oiro fino lh'a darei.

— Os sinos da minha terra
Eu bem os oiço tocar:
Ou minha mãe está morta,
Ou meu pai a enterrar.
Monta, monta, cavalleiro
Se me queres acompanhar
Serás genro de meu pai
Se me quiséres acceitar.

Sete annos fui á guerra,
Sete annos fui varão:
Nunca me poude enganar
O filho de Dom João.

O Conde Niño

Vai o Conde, o Conde Niño
Seu cavallo vai banhar;
Emquanto o cavallo bebe
Cantou um lindo cantar:

— Bebe bebe, meu cavallo
Que Deus te ha-de livrar
Das desgraças deste mundo
Dos trabalhos dalem mar.

— Acorda, oh linda princeza
Ouve tam doce cantar:
Ou são os anjos no Céu,
Ou a sereia no mar!

— Não são os anjos no Céu,
Nem a sereia no mar:
É o Conde, Conde Niño
Que comtigo quer casar.

Palavras não eram ditas
Elrei de lá a bradar:
— Se elle quer casar comtigo
Vou mandá-lo já matar!

— Quando lhe déres a morte
Manda-me a mim degolar,
Que me enterrem mais a elle
Ambos ao pé do altar.

Morreu um e morreu outro
Foram ambos a enterrar:
De um nasceu um pinheirinho
E do outro um pinheiral.

Cresceu um, cresceram outros,
As pontas foram juntar;
Ia o rei para sair
Não no deixavam passar.

O rei então de zangado
Logo os mandava cortar.
D'um correram aguas claras
Do outro sangue real.

Num appar'ceu uma pomba
No outro um pombo torcal.
Estava el-rei em palacio
No hombro lhe iam poisar.

— Mal haja tanto querer
E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte
Eu os pude separar!

Dona Infanta

Estando a Dona Infantinha
No seu jardim assentada
C'um pente d'oiro na mão
Penteando o seu cabello
Que tam bem o penteava:
Viu vir uma grande armada;
Capitão que nella vinha
Trazia a náu bem guiada.

— Venha cá, meu capitão
Que lhe quero uma palavra;
Um amor que eu por lá trago,
Se serve na sua armada?

— Nem o vi, nem o conheço
Nem sei que signaes levava?

— Levava um cavallo branco
Com sua sella bordada;
Na ponta da sua lança
A cruz de Christo levava.

— É verdade lá o vi
Ficou morto na estacada:
No sangue dos perros Moiros
Sua morte foi vingada.

— Ai! triste de mim mulher,
Ai! triste de mim viuva
As tres filhas que eu tenho
Todas deitadas á rua.

— Sou soldado, vou p'rá guerra
Já ha muito que parti:
Quanto déreis vós, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?

— Três bellas que eu tenho
Todas três t'as dera a ti.

— Eu não quero as suas queridas
Que não fazem minga a mim:
Sou soldado, vou p'rá guerra
Já ha muito que parti:
Quanto déreis vós, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?

— Três laranjaes que eu tenho
Que dão laranjas bombaes
Que nem el-rei tem igual,
Todos três eu dera a ti.

— Não quero os seus laranjaes
Que não fazem minga a mim:
Sou soldado, vou p'rá guerra,
Já ha muito que parti:
Quanto déreis vós, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?

— Três azenhas que eu tenho
Todas três as déra a ti:

Uma móe cravo da India
Outra oiro e marfim.
Outra móe farinha alva,
Que melhor não ha aqui.

— Não quero as suas azenhas
Que não fazem minga a mim:
Sou soldado, vou p'rá guerra
Já ha muito que parti:
Que darieis vós, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?

— Três palacios que eu tenho
Todos três os dera a ti.

— Eu não quero os seus palacios
Que não fazem minga a mim:
Sou soldado, vou p'rá guerra
Já ha muito que parti:
Que darieis vós, senhora,
A quem o trouxera aqui?

— Três filhas que eu tenho,
Todas três as déra a ti:
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
E a mais linda d'ellas todas
Para comtigo casar.

— Eu não quero as vossas filhas
Que não pertendem a mim:
Sou soldado, vou p'rá guerra
Já ha muito que parti:
Que darieis vós, senhora,
A quem o trouxera aqui?

— Não tenho mais que off'recer
Nem vós mais que me pedir.

— Darieis o vosso corpo
A quem o trouxera aqui?

— Cavalleiro que tal pede
Devia ser arrastado
Em volta do meu jardim
A um cavallo amarrado.
Deixe vir os meus criados
Que elles o farão assim!

— Eu não temo os seus criados
Pois criados são de mim...
Um annel de sete pedras
Que eu ao meio parti,
Mostra-me a tua metade
Pois a minha está aqui!...

D. Aurelia

Três fontes que ha em Braga
Todas três de aguas claras,
Meninas que bebam dellas
Logo ficam desmaiadas,
Bebeu lá a D. Aurelia
Por ser a mais estimada.
Com seu pai se senta á mesa
Sua saia arregaçada.

— O que é isso D. Aurelia
Que me pareces pejada?

— Nada disso é meu pai
É da saia arregaçada.

— Venham já três alfaiates
Dos melhores que ha em Braga.

Três alfaiates chegáram,
Logo a saia foi virada.

— Esta saia está perfeita
Não tem erro, não tem nada;
É a menina que a veste
Que parece estar pejada.

— D. Aurelia, toma conta
Ámanhã vais a queimar.

— Não se me dá que me queimem
Nem do meu triste penar;
Quem me déra agora aqui
Quem me podia salvar!

Ella depois se ficou
Tristinha e desconsolada:
Caminhou para o seu quarto
De oiro e prata lavrada.

— Quem tivera aqui um moço
Que quisesse ganhar pão,
P'ra me levar uma carta
Ao Conde de Montalvão!

— Escreva menina escreva
Maguas do seu coração,
Que a carta será entregue
Ao Conde de Montalvão.

— Aqui tem, oh senhor Conde
Carta de muito pesar
Pois a sua namorada
Hoje a levam a queimar!

Vestiu-se logo de frade,
Ao caminho a foi esp'rar:
Fez parar os que a levavam
Para a fogueira a queimar.

— Parem homens de justiça
Que vos quero já fallar:

Essa mulher que ahi levam,
Inda vai por confessar.

— Confessai-a senhor frade
Emquanto vamos jantar.

No meio da confissão
D. Aurelia que jurava
Que eram artes do demonio
O ser donzella e pejada!

O frade se pôz a rir
Ao ouvir a confissão:
— Não conheces, meu amôr
O Conde de Montalvão?
Pois o conde sou eu mesmo
Que te ouvi de confissão,
E comtigo vou casar,
Prenda do meu coração!

O Conde Alberto

Chorava a filha do rei,
Chorava de noite e dia
Sendo ella tam formosa,
Seu pai por casar a tinha.

Desperta el-rei da cama,
Com o pranto que fazia.

— Que tens tu, oh bella infanta
Que tens tu, oh vida minha?

— O que hei-de meu pai, eu ter
Que a si não lhe contaria:
Minhas irmãs são casadas,
E eu solteira ficaria.

— Ninguem encontro na corte
P'ra casáres, oh minha filha,
É pena o Conde Alberto
Ser casado, ter familia.

— Mande-o chamar já, meu pai,
Pois é esse o que eu queria:
Que mate a sua mulher
Antes de findar o dia:
Que traga a sua cabeça
Nesta doirada bacia.

Manda el-rei chamar o Conde
Sem saber que lhe diria.

— Inda agora de lá venho,
El-rei me manda chamar,
Isto é grande novidade
Para tanto se apressar.

Partiu logo para o paço,
Com tanta pressa que ia:
— Que quer Vossa Magestade,
Que quer Vossa Senhoria?

— Matareis vossa mulher
P'ra casar com minha filha.

— Como posso eu matá-la
Se a morte não merecia?

— Cala-te lá Conde Alberto
Não falles em demasia:
Quero ver morta a Condessa
Antes de acabar o dia.

Foi-se embora o Conde Alberto
Muito triste que elle ia.
Mandou fechar seu palacio
Coisa que nunca fazia:
Mandou logo pôr a ceia
E de luto se vestia.
Sentáram-se ambos á mesa
Nem um nem outro comia:
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam:
Os suspiros eram tantos
Que o palacio estremecia.

— Que tens tu, oh Conde Alberto
Que tens tu, oh vida minha?

— Manda-me el-rei que te mate
P'ra casar com sua filha.

— P'ra que me has-de matar, Conde,
Se eu a morte não mer'cia?
Manda-me antes p'ra meu pai
Para a sua companhia,
Ou mete-me numa prisão
Onde esteja noite e dia.

— Tudo isso eu já lhe disse
E elle disse que não q'ria.
Quer ver a tua cabeça
Nesta doirada bacia.

— Não me pesa a mim da morte
Pesa-me da aleivosia:
Mais me pesa de ti, Conde
Mais da tua covardia
Que me quer's assim matar,
Só porque el-rei o queria.
Deixai-me dizer adeus,
A tudo que eu mais queria,
Deixai-me dar um passeio,
Da sala para o jardim.
— Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus flôr de alecrim,
Adeus moças, adeus aias
Com quem me eu divertia:
Amanhã por estas horas,
Já estou na terra fria!

— Dai-me cá o meu filhinho
Quero-lhe dar de mamar!

— Mama, mama meu filhinho,
Este leite de amargura
Ámanhã por estas horas
Tens a mãe na sepultura.

— Mama, mama, meu menino
Este leite de agonia:
Que a tua mãe vai morrer
Ella que tanto te queria.

— Mama, mama, meu menino
Este leite amargurado:
Ámanhã por estas horas,
Verás tua mãe no adro.

Palavras não eram ditas
El-rei á porta batia:
Se a Condessa era morta,
Senão elle a mataria...

— Dá-me cá essa toalha,
Que me veio de Castilha:
Apertá-la na garganta
E acabar já com a vida.

Tocam sinos em palacio,
Quem morreu? quem morreria?
Morreu agora a princêsa
Pelos crimes que fazia;
Apartar os bem casados
Coisa que Deus não queria.

Marianinha (1)

— Eu fiz hoje uma aposta
Espero de a ganhar,
De dormir com Mariana
Até o gallo cantar.

— Não apostes oh meu filho,
Que não poderás ganhar,
Pois Mariana é sisuda
Não te ha-de q'rêr fallar.

— Vou-me vestir de donzella
E ao pomar lhe irei fallar.

— Que donzelinha é aquella
Que anda no nosso pomar?

— Sou donzella, sim senhora
E lá das bandas do mar;
Tenho a teia a urdir,
As faltas vou procurar.

— Espera ahi, donzelinha
Que as faltas eu te vou dar.

— Depressa, minha senhora,
Depressa, não devagar
Porque a noite vai chegando,
Jornada tenho de andar.

---

(1) É uma variante do romance *D. Aurelia.*

— Cala-te ahi, donzelinha,
Que ao meu quarto vais ficar.

A donzella de contente
Nem á noite quís cear;
Lá pela noite adeante
Marianinha a gritar.

— Cala-te ahi, Mariana
Não te queiras difamar
Que eu sou filho de homem nobre
Comtigo hei-de casar.

— Você que é rapaz novo
Ao jogo se vai gabar.

— Tenho feito um juramento
Pela hostia consagrada,
Menina com quem eu durma
De nunca ser difamada.

Lá se ficou Mariana
Muito triste, a suspirar:
Ao cabo dos oito meses
Ao pai o foram contar.

— Galanduchas, minha filha,
Quem te causou tanto mal?
Hoje se apronta a lenha,
Ámanhã vais a queimar.

— Não se me dá de morrer
Nem tambem d'ir a queimar:
Dá-se-me só do meu ventre
Que leva sangue real.

— Já aqui não ha um pobre
Que o meu pão queira ganhar;
Que me levásse uma carta,
Ao Conde de Montalvar?

Escreva, minha senhora,
Depressa, não devagar,
Que a carta será entregue,
Ao Conde de Montalvar.

— Se elle estiver a dormir,
Deixai-o vós acordar:
Se elle estiver a jantar,
Deixai-o vós acabar:
Se elle andar no jardim,
Então lh'a podereis dar.

— Deus vos salve, meu senhor,
Que andais a passear!

— Vinde com Deus, irmãosinho,
Que tam bem sabeis fallar;
Que noticias me trazeis,
Ao meu coração leal?

— Sim senhor, trago noticias,
E uma carta p'ra lhe dar:
A mulher com quem dormiu,
Ámanhã vai a queimar.

Tirou-lhe logo a carta,
Poz-se a lêr e a chorar.

— Tragam já o meu cavallo,
De bronze m'o vão ferrar:

Jornada de cinco dias,
Hoje mesmo a hei-de andar.

Vestiu-se em traje de frade
Pela estrada a caminhar:
Encontrou-se c'os algozes
Que a menina iam queimar.

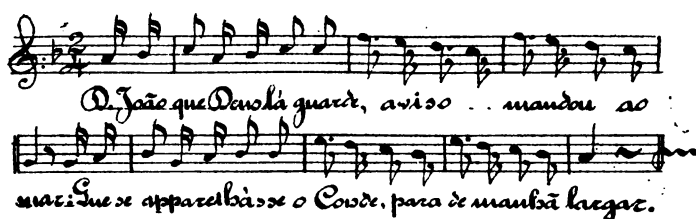
— A menina que levais,
Inda vai por confessar.

— Confessai-a, senhor frade
Depressa, não devagar.

No meio da confissão
A menina a reparar:
— Pelo rir me 'stais parecendo
O Conde de Montalvar!

— Sou o Conde, sim senhora,
Que a venho resgatar,
Duma morte tam tyranna
Que seu pai lhe qu'ria dar!

— Vão-se embora, meus criados
Saudades a minha mãe:
Digam tambem a meu pai,
Quando por mim perguntar,
Que eu me fui receber,
Com o Conde de Montalvar.

O Capitão da Armada

D. João, que Deus lá guarde,
Aviso mandou ao mar
Que se aparelhasse o Conde
Para de manhã largar.
O Conde se aparelhou
Em fragata muito bella:
Ao pino do meio dia
Deitou a peça de leva.

Mandaram a lancha á terra
Para a Maruja embarcar,
Uns saltaram logo a bórdo
Outros quizeram ficar,
E com saudades da terra
'Stavam no caes a chorar:
O Conde vendo tal coisa,
Poe-se d'ali a gritar:

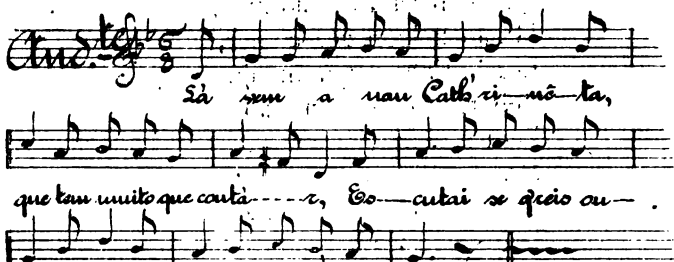
— Deixai-vos ficar em terra
Homens velhos da cidade:
Deixai partir os rapazes
Que vão para o mar brigar.
Á partida das galés
Ouviam-se altos clamores:
Capitães e marinheiros
Ali carpem suas dores.

Entrando pelo mar dentro
Ouviram-se apitos d'oiro
Ó que bello comandante
Que leva o real thesoiro!
Entrando mais para dentro
Ouvem-se apitos de prata:
Ó que bello comandante
Que leva a real fragata.

Mandou subir o gageiro
A ver o que descobria:
O gageiro subiu logo
E em altas vozes dizia:
— Gageiros da nossa nau
Apontem a artilharia,
Que aqui para a nossa armada
Vem uma combataria.

Chegaram as naus dos Turcos
Em pinos do meio dia:
As balas que elles botávam
Era só mosquetaria:
As que D. João atirava
Eram de grande valia,
Mas a bala da moirama
Nem matava nem feria.

A sangueira era tanta
Que dos embornaes corria;
Era tanta a gente morta
Que os navios empecia:
Pelas duas horas da tarde
Cessava a mosquetaria,
D. João manda o gageiro
A ver o que succedia.

De novecentas e oitenta
Só uma galera via:
Mastros e borda quebrados
Pela nossa artilharia.
Leva a bandeira de rastos
P'ra despreso da Turquia,
As suas velas rasgadas,
O casco com avaria.

D. João manda um captivo
Ao rei Mouro da Turquia
Contar-lhe o grande desastre
Que houve naquelle dia:
Que da sua grande armada
Poucos navios havia
E da gente que mandára
Quasi nenhuma existia.

Recolhido em Buarcos em 1883.

Este romance, que parece alludir á batalha de Lepanto, era vulgar no littoral, mas actualmente quasi desappareceu.

A Náu Cathrinêta

Lá vem a Náu Cathrinêta
Que tem muito que contar:
Escutai, se quereis ouvir
Uma historia de pasmar.

Muito tempo era passado
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar;
Deitáram sóla de môlho
Para o outro dia jantar,
Mas a sóla era tam dura
Que a não podiam rilhar:
Deitam sortes á ventura
Quem haviam de matar,
Mas a sorte foi cair
No capitão general!

— Sóbe, sóbe marujinho
Áquelle mastro real:
Vê se vês terras d'Hespanha
Ou praias de Portugal.

— Não vejo terras d'Hespanha
Nem praias de Portugal,
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.

— Arriba, arriba, gageiro,
Alcança o tope real:
Vê lá se enxergas Hespanha,
Areias de Portugal.

— Dá-me alviçaras, capitão,
Meu capitão general:

Já vejo terras d'Hespanha
E as praias de Portugal:
Tambem vejo três meninas
Debaixo dum laranjal
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
E a mais linda d'ellas todas
Está no meio a chorar.

— Todas três são minhas filhas
Quem n'as podéra abraçar,
A mais linda dellas todas!
Ha-de comtigo casar!

— Eu não quero a vossa filha,
Que vos custou a criar;

— Dou-te então tanto dinheiro
Que o não possas contar...

— Não quero o vosso dinheiro
Que vos custou a ganhar!

— Dou-te o meu cavallo branco
Sempre prompto a galopar.

— Guardai o vosso cavallo
Que vos custou a ensinar.

— Quer's tu a Náu Cathrinêta
Para nella navegar?

— Não quero a Náu Cathrinêta
Porque a não sei governar.

— Que queres então meu gageiro,
Que alviç'ras te hei-de dar?

— Quero só a tua alma,
Para commigo a levar.

— Renego de ti, demonio,
Que me estavas a tentar:
A minh'alma é só de Deus
O meu corpo é para o mar.

Pegou-lhe um anjo nos braços
Não no deixou afogar:
Deu um estoiro o demonio
E socegou logo o mar,
E á noite a Náu Cathrinêta
Estava em terra a varar.

A primeira melodia é conhecida e muito espalhada principalmente no littoral do norte.

A segunda foi-nos communicada por um individuo que a ouviu no Brasil, onde exerceu por muitos annos o logar de capitão da marinha mercante, sendo porem tradição que musica e letra haviam sido importadas de Portugal. Este romance que data do seculo XVI (1570?) parece referir-se ao naufragio da Náu Santa Catharina, descripto na *Historia Tragico-Maritima*, celebre compilação de relações de naufragios feita por Bernardo Gomes de Brito.

O Cego

(Xacara)

— Menina abre a porta
Ao cego perdido,
Deita-me um paninho
Que venho ferido.

— Se tu vens ferido
Podes-te ir embora,
Que eu não abro a porta
Nem te dou esmola.

— Venha cá ó mãe
Venha cá ouvir,
Um cego tam lindo
Que está a pedir.

— Levanta-te, filha,
Vai ver o ceguinho,
Abre lá a porta
Dá-lhe pão e vinho.

— Eu não quero vinho
Nem quero o seu pão:
Quero quem me guie
Nesta escuridão.

— Vai lá, minha filha,
Tem dó do ceguinho:
Pega na candeia
Mostra-lhe o caminho.

— Ali vai a estrada,
Já pode ir sósinho:
Já não sou precisa
Não erra o caminho.

— Não te vás embora
Vem cá, meu encanto,
Tem dó deste cego
Que te ama tanto.

— Adeus minha terra
Adeus, minha mãe:
Foi por sua causa
Que eu me desgracei.

— Quantos me quizeram
Todos engeitei
E a final dum cego,
Mulher ficarei!

Recolhida na Beira-Baixa em 1890.

Frei João

Levantou-se Frei João
Um dia de madrugada
Só para ver a Morena,
A Morena malfadada.

-- Abre-me a porta, Morena
Que estou c'os pés na geada:
Se tu não me abres a porta
Não és Morena nem nada!

— Como te hei-de abrir a porta
Frei João da minha alma,
Se tenho o menino ao cólo
Meu marido á ilharga?

Palavras não eram ditas
E o marido que acordava
— Quem é esse, mulher minha
A quem dá-las tuas fallas?

— É a moça a perguntar
Se cosia, se amassava
Que não tinha agua em casa,
Mas que um pote só bondava.
Vou mandar buscar a lenha
Para o pão ir amassar,
Tu deves tambem sair
Que é a hora de ir caçar:
O coelho de madrugada
Deixa-se logo apanhar.

Mal o marido saía
Ella toda se enfeitava:
Bom sapato, boa meia,
Boa saia engomada;
Lá vai direita ao convento
Onde Frei João morava:
Chegada á portaria
Que por elle perguntava.

Frei João assim que a viu
De contente até saltava;
Vestiu seu habito novo,
Pegou na sua guitarra;
Tomou-lhe logo da mão
A sua cella a levava:
Deu-lhe bom pão e bom doce
E do vinho que guardava.

— Vae-te embora, meu amor
Morena da minha alma
Que tenho de ir á igreja
Dizer a missa cantada.

Logo ao sair do convento
Seu marido encontrava:

— Donde vindes, mulher minha
Assim tam bem enfeitada?
— Venho de ouvir missa nova
Que Frei João a cantava.

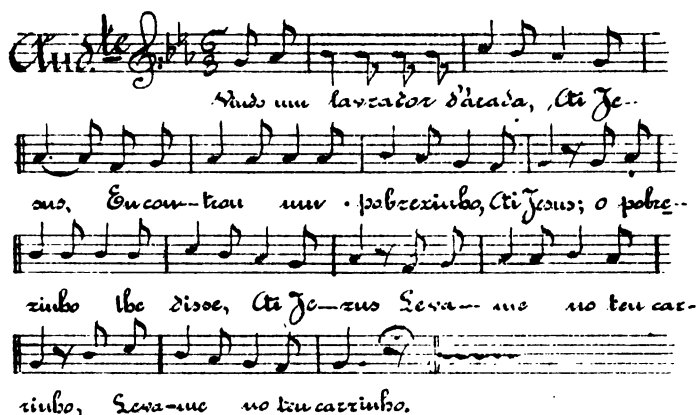
— Ajoelha, mulher falsa
Faz acto de contrição
Que não tornas a ouvir
Outra missa a Frei João!

— Não se me dá de morrer
P'ra morrer foi que nasci;
Dá-se-me dos meus filhinhos
Porque ficam sós sem mim.

— Não te importes c'os teus filhos
Que outra mãe ham-de encontrar
Importa-te c'oa tua alma
As contas que tens a dar!

— Adeus, adeus Frei João
Nunca te esqueças de mim
Vou morrer por tua causa,
Por teu amor me perdi!

Recolhida na Beira-Alta em 1890. — Pouco conhecida actualmente.

Jesus Pobresinho

Vindo um lavrador d'arada
Ai Jesus
Encontrou um pobresinho
Ai Jesus
O pobresinho lhe disse
Ai Jesus
Leva-me no teu carrinho.

Deu-lhe a mão o lavrador
Ai Jesus
No carro já o metia
Ai Jesus
Levou-o p'ra sua casa
Ai Jesus
Á melhor sala que tinha.

Mandou-lhe fazer a ceia
Ai Jesus
Do melhor manjar que havia
Ai Jesus
Sentou-o á sua mesa
Ai Jesus
O pobre nada comia.

Mandou-lhe fazer a cama
Ai Jesus
Da melhor roupa que tinha
Ai Jesus
Por baixo damasco rôxo
Ai Jesus
Por cima cambraia fina.

Lá pela noite adeante
Ai Jesus
O pobresinho gemia
Ai Jesus
Levantou-se o Lavrador
Ai Jesus
P'ra ver o que o pobre tinha.

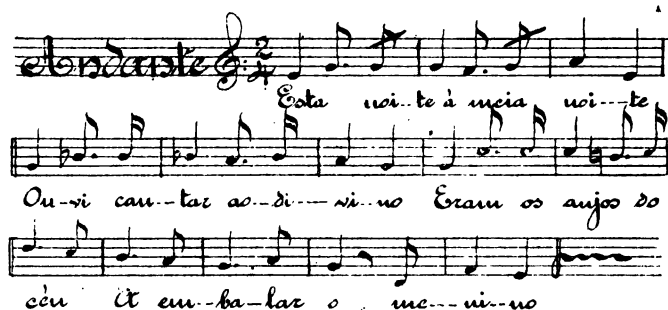
Deu-lhe o coração um salto
Ai Jesus
Como elle não ficaria
Ai Jesus
Achou-o crucificado
Ai Jesus
Numa cruz de prata fina.

— Meu senhor quem tal soubera
Ai Jesus
Que em minha casa vos tinha
Ai Jesus
Mandára fazer preparos
Ai Jesus
Do melhor que se acharia.

— Cala-te lá lavrador
Ai Jesus
Que quando chegue o teu dia
Ai Jesus
Irás direito ao ceu
Ai Jesus
Para a minha companhia

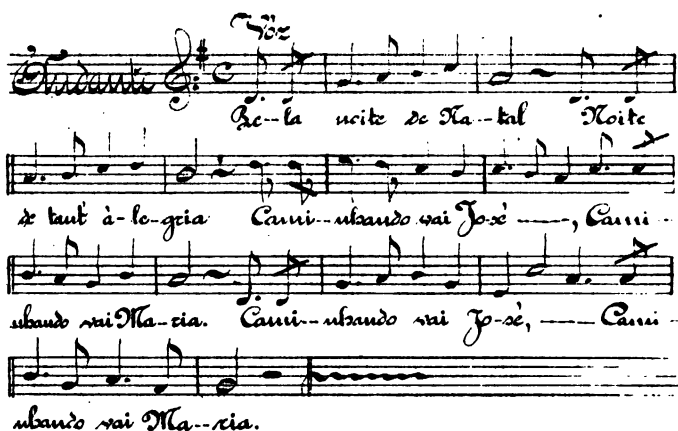
— Eu lá te tenho guardada
Ai Jesus
Cadeira de prata fina
Ai Jesus
Outra p'ra tua mulher
Ai Jesus
Que tambem o merecia!

CANÇÕES RELIGIOSAS

Ao Menino Deus

Esta noite á meia noite
Ouvi cantar ao divino:
Eram os anjos do Ceu
A embalar o menino.

Ó meu Menino Jesus,
Quem vos deu, porque chorais?
Deu-me minha avó Sant'Anna
Por eu fugir a meus pais.

Ó meu Menino Jesus,
Quem vos deu, porque chorais?
Deram-me as moças na fonte
Não volto lá nunca mais.

Ó meu Menino Jesus
Que é da vossa cabelleira?
Deixei-a em Santa Clara
No regaço duma freira.

O menino está na neve
O frio o faz tremer:
Ó meu Menino Jesus,
Quem vos pudéra valer.

Eu bem vi Nossa Senhora
No presepio de Belem
Com seu filhinho ao cólo
Que lhe estava muito bem.

Ó meu rico São José
Pegae no vosso menino
Que entre folhas está deitado
A chorar, que é pequenino.

Recolhida em Coimbra em 1882.

Noite de Natal

Pela noite de Natal
Noite de tanta alegria,
Caminhando vai José
Caminhando vai Maria.

Ambos os dois p'ra Belem
Mais de noite que de dia
E chegáram a Belem
Já toda a gente dormia.

— Abri a porta, porteiro,
Porteiro da portaria!
Não deu resposta o porteiro
Porque tambem já dormia.

Só encontráram pousada
Dentro duma estrebaria;
Ali ficáram os dois
Até ao romper do dia

Buscou lume S. José
Porque a noite estava fria
Lá ficou ao desamparo
Sósinha, a Virgem Maria.

Quando voltou S. José
Já viu a Virgem Maria
C'o Deus Menino nos braços
Que todo o Mundo allumia.

E veio um anjo do Ceu
Cantando: Ave Maria!
Agora mesmo em Belem
Nasceu Jesus de Maria.

Veio ao mundo esta noite
Dentro duma estrebaria
Entre um boi e uma mula
E sem outra companhia.

Demos graças a Deus Padre
E a Jesus Christo tambem
Que sejam ambos louvados,
Para todo o sempre: Amen.

Esta canção, recolhida no districto de Castello Branco em 1886, cantava-se por occasião do Natal em differentes povoações da Beira Baixa e do Alemtejo.

A Pombinha

(Canto dos Reis)

A pombinha vai voando
Voando vai á porfia,
A ver quem chega primeiro
Aos pés da Virgem Maria.

Não vos damos as Janeiras
Porque são dos lavradores
Vimos cantar-vos os reis
Que são dos nobres senhores.

Eu, senhores, fui a Belem
E de lá vim espantado
De ver o Jesus, mêu bem
Numas palhinhas deitado.

Foi tam grande a minha pena
Pelo ver tam pobresinho
Que as lagrimas dos meus olhos
O molháram no bercinho

Ora não choreis, meus olhos,
Meus olhos não desmaieis
Que daqui a pouco tempo
Vereis chegar os tres reis.

Os tres reis são do Oriente
São reis, adoram um rei;
Mas é rei Omnipotente
Que mais vos diga não sei,

A pombinha vai voando,
Voando vai á porfia,
Vimos cantar-vos os Reis
Pois é hoje o seu dia.

Mal haja esse rei Herodes
Capitão falso e daninho
Que ensinou aos tres reis Magos
Ás avessas o caminho.

Mas Deus, como poderoso
Deu-lhes estrella de guia
Que os conduziu ao presepio
Onde o menino jazia.

Quem traz oiro, incenso e myrra,
Dos desertos d'alem mar?
São tres reis: Gaspar um delles
Belchior, e Balthasar.

Oiro fino lhe off'recem
Como a rei celestial;
Incenso, como divino
Myrra como immortal.

A pombinha vai voando,
Voando vai á porfia;
Viva o senhor desta casa
Maila sua companhia.

Muito vulgarisada em todo o paiz.

A Borbolêta do Natal

Borbolêta bonitinha
Saia fora do rosal
Venha cantar doces hymnos
Hoje, noite de Natal.

Deus lhes dê as bôas noites
Boas noites lhes dê Deus;
Eu não sou mal ensinada
Tive educação dos meus.

Borbolêta bonitinha, etc.

Eu sou uma borbolêta
Sou linda, sou feiticeira;
Ando no meio da casa
Procurando quem me queira.

Borbolêta bonitinha, etc.

Eu sou uma borbolêta
Verde, da côr da esp'rança
Ando no meio da casa
Com alegria e bonança.

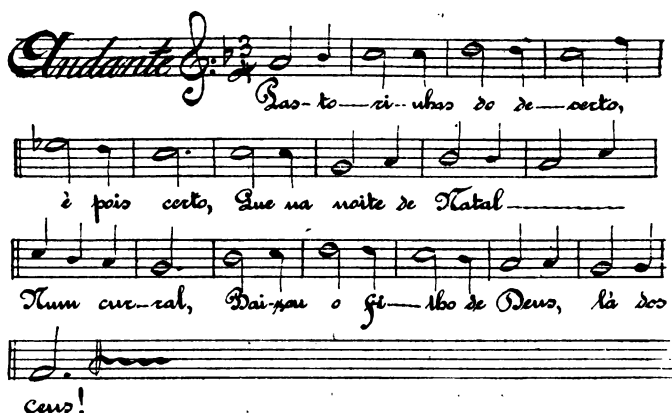
Borbolêta bonitinha, etc.

Eu sou uma borbolêta
Vivo do ar e de luz;
Ando no meio da casa
Com minhas asas azues.

Borbolêta bonitinha, etc.

Adeus, senhores, adeus,
Já são horas de partir
No meio das lindas flores
Vou-me deitar a dormir.

Esta canção por nós recolhida em 1879 na Figueira da Foz, parece ser de origem brasileira, conforme me afirmou a pessôa a quem a ouvi.

Canto dos pastores

Pastorinhas do deserto
É pois certo
Que na noite de Natal
Num curral
Baixou o filho de Deus
Lá dos Céus!

Quem nos deu tanta alegria?
Foi Maria!
E quem nos deu tanta luz?
Foi Jesus!
Onde nasceu tanto bem?
Em Belem!

Quem de Mãe tem primasia
É Maria!
Quem 'stá em palhas de fêno?
É o pequêno!
Quem do pequêno pai é?
É José!

Quem á graça nos conduz?
É Jesus!
Quem fez a terra e os Céus?
Foi só Deus!
Cantemos os seus louvores
Ó pastores!

Recolhida no Ribatejo em 1879.
Cantava-se por occasião do Natal.

Canto do Natal

mãe. Ma-ri——a, Ma-ri-a, pois
Lá – lá – lá – lá – Lá – lá lá – lá
Lá – lá – lá – lá – Lá – lá – lá – lá
mar——de grandêsa, Mari——a, Ma
Lá-lá-lá — lá – Lá-lá-lá — lá – Lá-lá-lá — lá
Lá-lá-lá — lá – Lá-lá-lá — lá – Lá-lá-lá — lá
ria, pois mar de pu-rê——za.
Lá-lá-lá — lá – Lá-lá-lá — lá – Lá——
Lá-lá-lá — lá – Lá-lá-lá — lá – Lá——

Acordae, pastorinhas
Vinde a Belem;
Achareis o menino
Nos braços da Mãe.

Maria, Maria
Sois mar de grandeza;
Maria, Maria
Sois mar de pureza!

Canta-se por occasião do Natal. Faz parte dos ***Autos Pastoris*** que se representam ainda hoje, principalmente nas povoações do littoral, no districto de Coimbra.

Canto dos pastores

Ó meu Menino Jesus
Da lapa do coração
Dai-me vós alguma coisa
Que 'stá pobre o meu surrão.

Ó meu Menino Jesus
Eu vos venho entregar
Esta linda pomba branca
Para o Menino brincar.

Cheguei aqui a Belem,
E venho muito cançado
Offerecer este cabrito
Ao meu Menino adorado.

Cantava-se na noite do Natal em differentes povoações da Beira Alta e do littoral.

Desgarrada

(Canto dos pastores)

1.º pastor

Olé rapases pimpões
Cantemos á desgarrada
Para alegrar o Menino
Mais a sua Mãe sagrada!

2.º pastor

Mais á sua Mãe sagrada
Acabastes de cantar;
Lembras-te bem, ó rapaz
Atraz não hei-de ficar.

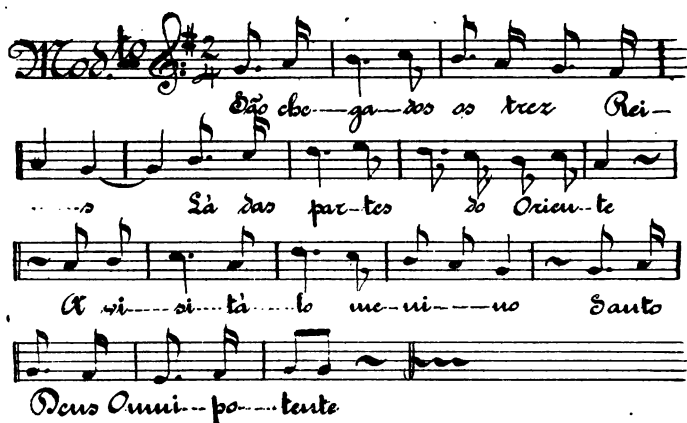
3.º pastor

Atraz não hei-de ficar
Não decerto a ninguem;
Faria triste figura
Junto á lapa de Belem.

4.º pastor

Junto á lapa de Belem
Grande alegria tivémos
Vamos p'rós nossos casaes
Gabar-nos do que fizémos.

É uma das canções intercaladas nos ***Autos Pastoris*** que ainda actualmente se exibem na Figueira da Foz e outras povoações do littoral por occasião das festas do Natal e Reis.

Os Reis

São chegados os tres reis
Lá das partes do Oriente,
A visitar o Menino
Santo Deus Omnipotente.

Guiados por uma estrella
Vieram ter a Belem
Onde estava o Rei do Mundo
Que nasceu p'ra nosso bem.

A estrella se escondeu
Por traz duma estrebaria;
Dentro estava o Deus Menino
E mai-la Virgem Maria.

O curral era pequeno
Não cabiam todos três
Adoráram o menino
Cada um por sua vez.

Ouro, Myrra e incenso
Todos três lhe offereceram
Aos pés da Virgem Maria
As offertas estenderam.

Pondo os joelhos em terra
Adoráram a Jesus,
Filho de Deus encarnado
Que é toda a nossa luz.

Santos reis, santos c'roados
Foi Jesus que vos c'roou
Jesus, que p'ra nos salvar
Deus ao mundo enviou.

Nesta noite tam feliz
Cantemos com alegria:
Já nasceu o Rei da gloria
Filho da Virgem Maria!

Os Reis

Aqui vos venho cantar
Venho dar o parabem,
Que nascèu o Redemptor
Na lapinha de Belem.

Pequenino com'ó oiro
Lá está ao pé do gado
O menino tam bonito
Numas palhinhas deitado.

Ao bater a meia noite
Nasceu para nosso bem;
Que familia tão sagrada
Que se juntou em Belem.

Adeus ó Virgem Maria
Adeus Sagrado José;
Amparai-me neste mundo
Que a minh'alma vossa é.

Senhora que estais ao lume
Assentada na cortiça
Levantai-vos, ó senhora,
Vinde-nos dar a choiriça.

Se a faca não quer cortar
Aguce-a no alguidar,
Se a môça não quizer vir
Atire-lhe c'o chambaril.

Cá esperamos confiados
Que a esmola nos dareis;
Quera deis, quer a não deis
Sempre vós ao Céu ireis!

Por occasião da festa dos Reis, bandos de rapazes e raparigas percorrem, em differentes povoações do paiz, as ruas ***pedindo os reis,*** e entoando em côro diversas canções. Esta, e a antecedente, cantam-se em varias localidades do districto de Coimbra.

A Virgem

Virgem dolorosa
Ó quanto penaes:
Virgem maguada
Bemdita sejaes!

Uma aguda espada
De dores mortaes
Passará vossa alma
Bemdita sejaes!

Que penas, que dores
Que afflições mortaes
Vós tendes soffrido:
Bemdita sejaes!

Vosso soffrimento
Quando encontraes
Vosso filho preso
Bemdita sejaes!

Maior é a dor
Quando o contemplaes
Com a cruz ás costas
Bemdita sejaes!

Essa dôr tam grande
Cresce ainda mais
Ao Vê-lo na cruz
Bemdita sejaes!

E com que tormento
Depois abraçais
Vosso filho morto
Bemdita sejaes!

Só, desamparada
No mundo ficaes
Sem ter vosso filho:
Bemdita sejaes!

Bemdita sejaes
Oh Virgem das Dores
Tende compaixão
De nós pecadores!

Virgem soberana
Que nos ceus estais:
Nós vos adoramos
Bemdita sejaes!

Rainha dos Ceus
Que prazer nos dais:
Cantamos ditósas
Bemdita sejaes!

Pelos pecadores
No ceu supplicaes
Para nos salvar
Bemdita sejaes!

Oh Virgem Maria
Sois mãe dos mortaes
Sempre, até á morte
Bemdita sejaes!

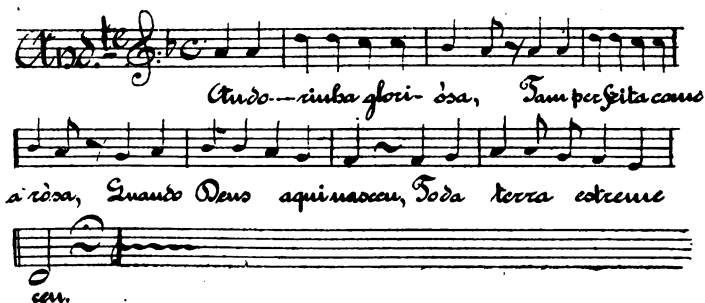
Como mãe de Deus
Tudo dominaes:
Livrae-nos do mal
Bemdita sejaes!

Ouvi com ternura
Nossos tristes ais:
Mãe dos infelizes
Bemdita sejais!

Vossa alma é mais pura
Que os puros crystaes:
Formosa sem mancha
Bemdita sejaes!

Levai-nos, Senhora
Ao ceu que gosais:
Para todo o sempre
Bemdita sejaes!

Canta-se em muitas das egrejas do paiz, a vozes sem acompanhamento, principalmente nos domingos de quaresma, antes da missa ou durante os exercicios espirituaes proprios da epoca.

Andorinha gloriosa

Andorinha gloriosa
Tam perfeita como a rosa,
Quando Deus aqui nasceu,
Toda a terra estremeceu;
Veio o anjo Gabriel
Perguntar pelos pastores;
« — Pastorinhos de bom dia
Aqui 'stá Santa Maria
C'o seu livrinho na mão
Resando a oração;
Oração do pelingrino,
Quando Deus era menino
Pôlos seus pés no altar,
Começou sangue a correr.
Veio Santa Madanela
Com tres lencinhos de côr
Para alimpar o Senhor;

« Tata, tata, Madanela
Bem me escusas de alimpar
Que estas são as cinco chagas
Que por mim tem de passar.
Sobe acima áquelle oiteiro
Lá verás um mouro pêrro,
Lá verás suas pegadas
C'o meu sangue verdadeiro:
Pergunta se elle é christão
E se elle disser que não
Pucha pelo teu cutéllo
Ferra-lh'o no coração;
Oh cutéllo estimado
Arreliquia de perdão!

Quem esta oração disser
De dia a dia
Poderá ter certo
Que lhe ha-de apparecer
A Virgem Maria,
Ella lhe dirá:
Confessa-te pecador
Que te ha-de vir buscar
Deus Nosso Senhor
Para a Santa Gloria,
Amen!

Recolhida nos arredores da Figueira da Foz em 1884.
Segundo affirma o Dr. J. Leite de Vasconcellos, estes versos fazem parte da *Oração do Peregrino, (Revista Lusitana,* vol. 6.º, pag. 284).

Ave Maria

Esta Ave-Maria, entoada por homens e mulheres, cantava-se nas procissões da Virgem em differentes regiões do paiz, principalmente nas Beiras e no litoral.

Anjo da Guarda

(Alpedrinha)

O' Anjo da minha guarda
Quem vos varreu a capéla?
As cachopas de Alpedrinha
C'um raminho de macella.

Oh Anjo da minha guarda
Quem vos varreu o terreiro?
As cachopas de Alpedrinha
C'um raminho de loureiro.

Oh Anjo da minha guarda
Vinde abaixo, dai-me a mão:
Que a ladeira é comprida,
Não me ajuda o coração.

Oh Anjo da minha guarda
Chegae aqui ao cruzeiro:
Vinde ver as alegrias
Que vão no nosso terreiro.

Oh Anjo da minha guarda
Já cá vamos á ladeira:
Deixai voar a pombinha
P'ra vir beber á ribeira.

Oh Anjo da minha guarda
Este anno não vos prometto,
Que me morreu o meu homem
Ando vestida de preto.

Oh Anjo da minha guarda
Abri-me as portas que chove:
'Inda que traga mantilha
É pequena, não me cobre.

Oh Anjo da minha guarda
Que daís aos vossos romeiros?
Dou-lhe agua da minha fonte,
Sombra dos meus castanheiros.

Canta-se em Alpedrinha (Beira Baixa) por occasião da romaria do Anjo da Guarda, que ali se realiza todos os annos.

Nossa Senhora da Povoa

(Penamacôr)

Nossa Senhora da Povoa
Dai-me de vosso almoço:
Dai-me daquella enguia
Que anda ao redor do poço.

Nossa Senhora da Povoa
Para o anno lá hei-de ir:
Nada vos hei-de levar,
Tudo vos hei-de pedir.

Nossa Senhora da Povoa
Vai para lá muita gente:
Tambem eu para lá fôra,
Senhora, de bôa mente.

Nossa Senhora da Povoa
Que tendes no vosso sino?
Um gallo preto romano,
Acorda o Verbo Divino.

Nossa Senhora da Povoa
Que tendes na mão que luz?
É o pedido das donzellas
Feito ao menino Jesus.

Nossa Senhora da Povoa
P'ró anno cá hei-de vir
C'um açafate de rosas
Que do ceu ham-de cair.

Nossa Senhora da Povoa
Minha rosa em botão:
Ao fundo do Alemtejo
Chega a vossa protecção.

Nossa Senhora da Povoa
Minha rosa encarnada,
Ao fundo do Alemtejo
Chega a vossa nomeada.

Nossa Senhora da Povoa
Descei do vosso andôr;
Vinde ver a bizarría
Que vem de Penamacôr.

Nossa Senhora da Povoa
Vinde abaixo á ladeira :
Vinde ver as lindas moças
Que vem das bandas da Beira.

Nossa Senhora da Povoa
Minha boquinha de riso,
Minha maçã vermelhinha
Creada no Paraiso.

Nossa Senhora da Povoa
O' Santa tam milagrosa
Vem gente de toda a parte
Para ver tam linda rosa.

A' romaria da Senhora da Povoa em Penamacôr afluem milhares de romeiros das duas Beiras e do Alemtejo.

Esta canção é entoada em côro pelos romeiros quasi sempre com acompanhamento de adufe.

Santo Antão

Voz

Desde a Barquinha ao Telhado
Do Telhado a S. Romão
Não ha santo mais fallado
Do que o nosso Santo Antão.

Côro

Santo Antão immaculado,
Patrono dos lavradores,
Santo assim, tão festejado
Não no ha nos arredores.

Voz

Raparigas das aldeias
Lá vem á festividade;
Todas de alegria cheias,
Juntem-se ás cá da cidade.

Côro

Santo Antão immaculado, etc.

Voz

Correm moças, correm velhas
A' vossa festa, Senhor,
E mil carros, e parelhas
Enfeitados a primor.

Côro

Santo Antão immaculado, etc.

Voz

O sol que a sorrir nos cresta,
Tem de certo mais fulgôres
No dia da vossa festa,
Amigo dos lavradores!

Côro

Santo Antão immaculado, etc.

Voz

E os passarinhos em bando
Namoram no prado as rosas;
E alegres passam, voando
Inconstantes mariposas.

Côro

Santo Antão immaculado, etc.

Voz

Dai-nos muita e boa uva,
Bons novilhos e bom pão,
Mas não nos deis muita chuva
Milagroso Santo Antão.

Côro

Santo Antão immaculado
Patrono dos lavradores!
Santo assim, tam festejado
Não no ha nos arredores.

Recolhida na Covilhan, onde ainda actualmente se canta por occasião da romaria a Santo Antão.

Almas Santas

Já o sacrario está aberto
Já o Senhor anda fóra
Vai visitar uma alma
Que está para se ir embora.

Nesta hora tam cruel
Arrepende-te, christão,
Dos pecados que tens feito
Vai pedir a Deus perdão.

A' porta das almas santas
Bate Deus a toda a hora.
Almas santas lhes respondem:
— Que quereis meu Deus agora?

— Quero que deixeis o mundo
E que venhais para a gloria
— Oh meu Deus, quem nola déra
Nem que fosse só uma hora!

— Prepara-te, oh pecador,
Pois ainda é tempo agora;
E eu quero salvar a alma
Que nesse teu corpo móra.

— Muito me custa, meu Deus
Não estar já preparado,
Perdoae-me os meus pecados,
E sêde sempre louvado!

Este canto religioso costuma ser entoado em côro na occasião de ser levado o Viatico a qualquer enfermo.

Ha differentes variantes da musica e lettra. Esta foi recolhida na Beira Alta.

Jaculatorias

Homens e mulheres em coro sem acompanhamento, entoam nas egrejas estas Jaculatorias, nas festas principaes do anno (Natal — Pascoa — Espirito Santo — Corpus Christi — Coração de Jesus, etc.).

Conhecida nas duas Beiras e em muitas povoações do littoral.

Amentar as almas

Se dormis, christãos!
Acordai, e resai,
Pelas almas dos vossos irmãos!

Em differentes povoações do paiz, principalmente durante a quaresma, grupos de homens e mulheres percorriam as ruas, alta noite, e parando em determinados locaes (cruseiros, largos, encrusilhadas, etc.) entoávam um coro lento e triste, pedindo por fim orações pelos que morreram.

Chamáva-se a isto — *Amentar as almas* — e é um destes cantos que reproduzimos.

Cantigas populares a S. João

S. João é festejado
Por todo o mundo em geral;
Entre todos os mais santos
Nenhum ha que seja egual.

S. João adormeceu
Aos pés da Virgem Maria
Accorda, João, accorda,
Que chega hoje o teu dia.

S. João á minha porta
E eu não tenho que lhe dar,
Dou-lhe este ramo de cravos
Para pôr no seu altar.

No altar de S. João
Só ficaram nove rosas,
Tres brancas, tres amarellas,
Tres encarnadas formosas.

O S. João da Figueira
Não tem vellas no altar:
Se o santo me casar cedo
Sou eu que lh'as vou levar.

Na noite de S. João,
Vamos todas ao terreiro:
Venham pequenas e grandes,
Toda a palha faz palheiro.

S. João adormeceu
Debaixo da larangeira,
Cobriu-se todo de flores,
S. João que bem que cheira.

Abaixai-vos, carvalheiras,
Com a rama para o chão;
Deixai passar as romeiras
Que vão para o S. João.

S. João perdeu a capa
No meio do seu jardim:
Ajuntem-se as moças todas,
Façam-lhe uma de setim.

Oh S. João d'onde vindes
Pela manhã orvalhado?
— Venho do rio Jordão
De fazer um baptisado.

S. João me prometteu
De me dar um bom marido,
Vou-lhe lembrar a promessa
Pois o Santo é esquecido.

Casae, rapazes, casae,
Que as noivas baratas são:
Cada tres por um vintem
Na noite de S. João.

O S. João vem do ceu
Quem o traz são os anjinhos:
São guiados por estrellas
Que lhe ensinam os caminhos.

O S. João da Figueira
Vive mesmo ao pé do mar;
Por traz da sua capella
Anda a sardinha a saltar.

O nome do meu amor
Escrevi-o n'um papel,
Deitei-o n'agua, apagou-se
Logo vi qu'era infiel.

S. João baptisou Christo
Christo baptisa João;
Ambos foram baptisados
Dentro do Rio Jordão.

Todas as hervas são bentas
Na manhã de S. João:
Só o trevo, coitadinho,
Fica de rastos no chão.

Chamaste-me carvoeira,
Eu nunca vendi carvão:
Ainda me has-de vêr dançar
Na noite de S. João.

Baila o sol e canta a lua
Na manhã de S. João:
Vou-me embora d'esta terra
Cá me fica o coração.

Hei-de deixar ao relento
Uma folha de figueira:
Se S. João a orvalhar,
Hei-de encontrar quem me queira.

Casaram já tres Marias
Na manhã de S. João:
Eu tambem hei-de casar
Mas por ora inda não.

S. João de Deus amado,
Meu santo de Deus querido,
Despachae a minha sorte
N'este copinho de vidro.

Onde estará S. João,
Que não o vejo na egreja?
— Anda a correr as fogueiras
Para ver quem o festeja.

Na noite de S. João
Deixae a agua ao relento:
Amassae com ella o pão
Já não precisa fermento.

Na noite de S. João
Tomei eu novos amores:
Depressa me arrependi
Só tive penas e dôres.

S. João pediu a Christo
Que o não adormecesse,
Para vêr bailar o sol
De manhã, quando nascesse.

Na noite de S. João
Vou fazer uma fogueira
Com folhas de verde louro
Com rosmaninho que cheira.

O S. João da Figueira
Escreveu ao de Leiria
Para lhe mandar dizer
Quando era o seu dia.

No altar de S. João
Está um vaso de assucenas,
Onde vão os namorados
Dar allivio ás suas penas.

Esta noite deito sortes,
S. João vai declarar
O nome do namorado
Que commigo ha-de casar.

S. João é milagroso,
É santo casamenteiro,
Vamos hoje á sua festa
A ver quem casa primeiro.

Para fazer as fogueiras
Na noite da sua festa,
S. João traz lá do monte
Um braçado de giesta.

No altar de S. João
Achei um lenço marcado:
N'uma ponta tem a lua
Na outra o sol retratado.

Oh meu rico S. João
Eu hei-de te envidraçar
N'uma redoma de vidro
Para o sol não te crestar.

Vamos vêr nascer o sol
Na manhã de S. João,
E então verás meu amor
Se eu te quero bem ou não

Na noite de S. João
Ouvi cantar a sereia,
Já de mim não fazes caso
Porque dizes que sou feia.

Hoje encontrei S. João
Acompanhado d'um anjo;
Mal haja quem foi a causa
D'este nosso desarranjo.

Cantae anjos, cantae sempre,
Que S. João ahi vem:
Foi baptisar Jesus Christo
Lá no rio de Belem.

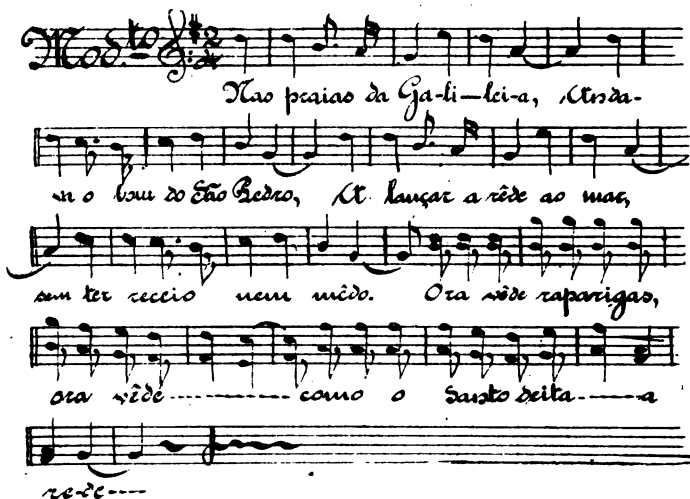
Dá-me da tua merenda
Que a minha mãe não tem pão:
Ha-de coser ámanhã
Na noite de S. João.

No altar de S. João
Ha uma fonte d'agua fria,
Onde elle baptisou Christo
Filho da Virgem Maria.

Além vem o barco novo
Feito pelos pescadores:
Trazem dentro S. João
Todo coberto de flores.

Hei-de levantar-me bem cedo
Na manhã de S. João,
A ver se a minha alcachófra
Está florida ou não.

S. João, S. João, S. João,
Não deixeis este v'rão passar,
Dai-me noivo S. João, dai-me noivo,
Dai-me noivo que eu quero casar.

Recolhido na Figueira da Foz, onde ainda hoje se canta.

S. Pedro

Nas praias da Galilêa
Andava o bom de S. Pedro,
A lançar a rêde ao mar
Sem ter receio nem mêdo.
    Vêde raparigas vêde
    Como o Santo deita a rêde.

Andava o nosso S. Pedro
Mai-la sua companhia
Já muito desanimados
Pela pouca pescaria.
    O peixe que a rêde dava
    P'ra quasi nada chegava.

Appareceu-lhes o Senhor
Naquella infelicidade
Mandou-lhe deitar a rêde
Á direita de Deus Padre.
Á mão direita a deitáram
E muito peixe apanháram.

Foram levantar as rêdes
E tanto peixe malhou
Que só metade da rêde
Todo o barco carregou.
Puxa á rêde, ala, remar
E á terra descarregar.

Desde pequeno S. Pedro
Começou logo a pescar,
E agora é quem tem as chaves
Do paraiso eternal.
Vamos dar nossos louvôres
Ao Santo dos pescadôres.

Vamos entregar-lhe as chaves
Da nossa embarcação
P'ra elle as guardar no céu
E as trazer sempre na mão.
Cantemos com alegria
A S. Pedro neste dia.

Vulgarisado em todo o paiz, principalmente no littoral.

HYMNOS E CANÇÕES POLITICAS

Hymno da revolução de 1820

(Musica de R. Coccia)

Voz

Chegou emfim o momento
Da nossa emancipação:
Viva lusos valorosos,
A nossa Constituição.

Côro

Viva o nosso soberano,
O amado sexto João,
Que ha-de sellar com seu nome,
A nossa Constituição.

Voz

Reunam-se as lusas côrtes,
E com sacra inspiração,
Façam que brilhe no mundo
A nossa Constituição.

Côro

Viva o nosso soberano, etc.

Voz

Oh tu de um Deus emanada
Oh santa religião,
Diffunde com tuas azas
A nossa Constituição.

Côro

Viva o nosso soberano, etc.

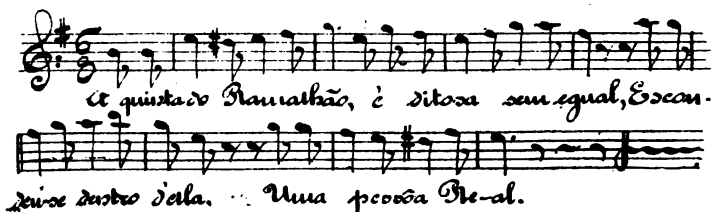
Voz

Já pouco tarda o momento
Da nossa consolação,
Em que ha-de baixar dos Ceus
A nossa Constituição.

Côro

Viva o nosso soberano,
O amado sexto João,
Que ha-de sellar com seu nome,
A nossa Constituição.

De todos os hymnos e cantos patrioticos que appareceram por occasião da revolução de 24 de Agosto de 1820, este foi o adoptado como *Hymno Constitucional*, espalhando-se rapidamente por todo o paiz e executado nas solemnidades officiaes.

Quinta do Ramalhão

A quinta do Ramalhão
E ditosa, sem igual
Escondeu-se dentro della
Uma pessoa real.

A nossa rainha mãe
Fugiu para o Ramalhão
Porque não quis assinar
Essa vil constituição.

— Os deputados não fallam
Só de vós é que me eu queixo
Assinasteis o papel
É por isso que vos deixo.

— Dises bem, esposa minha
Eu não soube o que assinei
Foram aquelles malvados
Que obrigáram o seu rei.

— Eu só faço o que me mandam
Sou João, já não sou rei:
Depois de tantas desgraças
Quem sabe o que passarei.

— Não assino tal decreto
Inda que torne ao degredo,
Que eu tenho meu irmão rei
Tenho meu filho D. Pedro.

— Adeus esposo, talvez
Vos não veja nunca mais;
Eu vou cumprir meu degredo
Vós no degredo ficais!

Traduz esta canção um dos variados episodios das lutas civis entre legitimistas e liberaes, pois allude á prisão da rainha D. Carlota Joaquina, ordenada pelo governo, em consequencia d'ella se ter recusado a assignar a constituição decretada pelas côrtes de 1821. (Decreto de 4 de Dezembro de 1822).

Hymno dos Proscriptos

Em quanto um proscripto,
Um só respirar
Não ha-de o tyranno
Seguro reinar.

Ás armas, oh lusos,
O ferro empunhêmos,
A filha de Pedro
Ao throno elevemos.

A filha de Pedro
Rainha ha-de ser
Por ella juremos
Vencer ou morrer.

Ás armas oh lusos, etc.

Nas mãos da rainha
Vingando seu pai,
Punir o tyranno
Oh lusos jurai.

Ás armas oh lusos, etc.

Se para o teu sólio
For de sangue a estrada
Morte, sangue espalha
Dos Lusos a espada.

Ás armas oh lusos, etc.

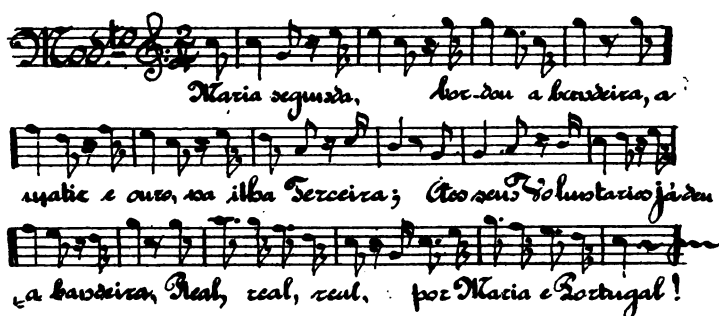
Se á patria volvermos
Co'a espada na mão
Será nosso brilho
A constituição.

Ás armas, oh lusos,
O ferro empunhêmos,
Maria segunda,
Ao throno elevemos.

Este hymno parece ser producção dum dos emigrados portugueses que se refugiáram em Inglaterra depois da malograda revolta de 1828.

Foi um dos hymnos que teve mais voga entre os liberaes durante as lutas civis de 1828 a 1834.

Canção militar dos Voluntarios da Rainha

(1832)

Maria segunda,
Bordou a bandeira,
A matiz e ouro,
Na Ilha Terceira;

Aos seus voluntarios
Já deu a bandeira,
Real, real, real,
Por Maria e Portugal!

Maria segunda
Na Ilha Terceira,
Nos fez voluntarios
Co'a sua bandeira.

Aos seus voluntarios, etc.

Maria segunda
Ao dar a bandeira,
Encheu-nos de orgulho
Na Ilha Terceira.

Aos seus voluntarios, etc.

A jura façamos
Leal, verdadeira,
Morrer ou vencer
Co'a sua bandeira.

Aos seus voluntarios, etc.

A filha de Pedro
Rainha há-de ser,
Por ella na guerra
Juramos vencer.

Aos seus voluntarios, etc.

A patria nos chama
Ávante... correr!
Por gloria só temos
Vencer ou morrer!...

Aos seus voluntarios
Já deu a bandeira,
Real, real, real,
Por Maria e Portugal!

Esta canção militar era o hymno do celebre batalhão liberal dos *Voluntarios da Rainha* que tanto se distinguiu na guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel. Allude á bandeira bordada por D. Maria 2.ª, e de que ella fez presente a este batalhão.

Os corcundas

Vae-te ralando
Minha corcundinha,
Vae-te ralando
Com esta modinha.

Os corcundas são todos malandros,
Agarrados na malta a cordel
Vão servir como burros de carga
Nas fileiras do tal D. Miguel.

Vae-te ralando, etc.

Os corcundas, á patria traidores,
Com os frades, trajando burel,
Como burros de carga só puxam
A carroça do bruto Miguel.

Vae-te ralando, etc.

Os corcundas da patria vergonha,
Representam bem triste papel
Não são homens, são cães esfaimados
São lacaios do rei D. Miguel.

Vae-te ralando
Minha corcundinha,
Vae-te ralando
Com esta modinha.

Muito vulgarisada entre os liberaes nas guerras civis de 1828 a 1834. Origem desconhecida.

Rei chegou

D. Miguel chegou á barra
Sua mãe lhe deu a mão,
Anda cá meu filho q'rido
Não queiras Constituição.

Rei chegou
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou,
Aos malhados
Não fallou,
Realistas
Abraçou.

Viva El-rei Miguel primeiro
Viva Carlota immortal,
Viva o Deus de Affonso Henriques
A tropa firme e leal!

Rei chegou, etc.

É certo e mais que certo
D. Miguel ser nosso rei:
É certo e mais que certo,
Que assim é que manda a lei.

Rei chegou, etc.

É Miguel anjo da Paz
Que Deus tem por general,
É Miguel no throno luso
Novo rei de Portugal.

Rei chegou, etc.

Se Miguel nos altos ceus
Anjos máus fez confundir,
É Miguel no throno luso
Que os Mações vem destruir.

Rei chegou, etc.

D. Miguel é nosso rei
Por vontade da Nação,
General e defensor
Da santa Religião.

Rei chegou, etc.

Parabens ó realistas
Já cá temos um rei novo;
Foi coroado no ceu
Á Vista de todo o povo.

Rei chegou, etc.

Viva o senhor D. Miguel
Que veio p'ra nosso bem,
Nação tão bem governada
No Mundo ninguem a tem.

Rei chegou, etc.

D. Miguel é delgadinho
Bonitinho e bem feito,
Prometteu aos realistas
Uma medalha p'ró peito.

Rei chegou, etc.

Os malhados já não q'riam
D. Miguel por general,
Ora agora ahi o teem
Feito rei de Portugal!

Rei chegou
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou,
Aos malhados
Não fallou,
Realistas
Abraçou.

Venha cá, senhor malhado
Sente-se nesta cadeira:
Grite — Viva D. Miguel
Senão partò-lhe a cáveira.

Rei chegou
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou,
Na barraca
Não entrou,
E o papel
Não assignou.

Venha cá, senhor malhado
Tire já esse barrête,
Grite — Viva D. Miguel!
Se não leva c'um cacête.

Rei chegou, etc.

Venha cá, senhor malhado
Seu pedaço de ladrão;
Dê vivas a D. Miguel
E á santa religião.

Rei chegou, etc.

Venha cá, senhor malhado
Metta a mão nessa gavêta,
Grite — Viva D. Miguel!
Senão parto-lhe a cornêta.

Rei chegou
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou,
Na barraca
Não entrou,
E o papel
Não assinou!

Canções constitucionaes

(Com a mesma musica)

Para espalhar a fome,
Uma moda se inventou,
Quanto mais a fome aperta
Mais se canta o rei chegou.

Rei chegou
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou,
E aos coices
Começou,
Porque palha
Não achou.

São *burros* e mais que *burros,*
São burros e comem palha,
São burros e mais que burros
Do Miguel a vil canalha.

Rei chegou, etc.

D. Miguel é um patife
Vamos pôlo com amor,
Nas profundas dos infernos
Que é onde faz mais calôr...

Rei chegou, etc.

Dona Maria Segunda
Rainha de Portugal,
Degradai para bem longe
Esta canalha infernal.

Rei chegou, etc.

Para vencer ou morrer
É que eu me tenho alistado;
Dona Maria segunda
É filha do rei soldado.

Rei chegou, etc.

Ponham fóra D. Miguel
Que se dá c'oa fradalhada,
São patifes e malandros
Que não servem para nada.

Rei chegou
Rei chegou,
Em Belem
Desembarcou,
E aos coices
Começou,
Porque palha
Não achou!

Esta canção foi popularissima durante o reinado de D. Miguel, cantando-se em todo o paiz, e sendo como que a Marselhesa do miguelismo.

Os liberaes parodiavam-lhe a lettra, em satyras acerbas, das quaes damos algumas das mais moderadas.

O adeus d'um proscripto

I

Rompe a Aurora: *adeus,* Espòsa...
Oh cruel *adeus* extremo!
Sinto o compassado remo
Estas águas já cortar:
  Mais não posso demorar-me,
  Eis a hora d'embarcar.

II

Lá m'espera sobre as ondas
O veloz Baixel britano:
Vamos vêr se no Oceano
Dôce abrigo posso achar.
Mais brandura que na Terra
Lá talvêz hei-de encontrar.

III

Vou fugir furias que infestão
Desgraçada Luzitania:
Na feliz, culta Britania
Meigo asylo procurar:
Pae, irmãos, amigos, tudo
É forçoso abandonar.

IV

Mas tu choras? Ah suspende
O teu pranto mavioso,
Que ser pode suspeitoso,
Que nos pode atraiçoar.
Para os monstros sanguinarios
É delicto suspirar.

V

Ah! não chores, que meu peito
Vil remorso não opprime:
Culpas não tenho; é meu crime
Um nobre, um livre pensar.
É-me gloria a fatal lista
Dos Proscriptos augmentar.

VI

Quiz na Patria ver o imperio
Da Razão, e da Equidade,
Quiz de augusta Liberdade
Levantado ver o altar.
Nem quiz ser traidor ao Throno,
Nem aos Ceos quiz perjurar.

VII

Mas lá chamão: é preciso
Nosso duro apartamento:
Ao inconstante elemento
Vou meus dias confiar.
Pode ser, oh ceos! que nunca
Nos tornemos a abraçar.

VIII

Porém um momento.... espera...
Depõe tímida esse pêjo....
Leva-me este ardente bêjo
P'ra ao nosso filho entregar.
Dir-lhe-ás que o Paé saudoso
Lho mandou do pé do mar.

IX

Um governo atroz nos rouba
Poucos têres da Ventura;
Não me deixa a Sorte dura
Nada mais que lhe mandar.
Leva-lhe tu dessa praia
Conchinhas para brincar.

X

Quando lá possa entender-te,
Conta-lhe o amor que eu lhe tinha;
Qual será a saudade minha,
Toda a vêz que me lembrar.
  Conta-lhe os males da Patria,
  Conta-lhe o nosso dezar.

XI

Nutre-lhe o peito innocente
Na santa Moral, divina,
Que amar os homens ensina,
Que manda um Deos adorar.
  Que só dos impios é proprio
  Os juramentos violar.

XII

Se lhe falares nos trances
Que passei... em mil perigos,
Meus perversos inimigos
Não ensines a odiar.
  Impia Facção que os impelle
  Mais se deve criminar.

XIII

Baixos, crueis instrumentos
Da Ignorancia, da Maldade,
A que negra atrocidade
Nós os vimos entregar!
  Tão execrandos delictos
  É tormento recordar.

XIV

O roubo, a morte, os incendios
Como vagavão sem freio!
Nosso filhinho em teu seio
Chegarão a assassinar!
Do mundo o sangue a taes tigres
Mal podera saciar.

XV

Mas ó dôr, onde me levas?
Fugir só cumpre: é já dia...
Dos Nautas a gritaria
Vai as velas levantar.
Párto, *adeus,* ó Esposa, ó Patria...
Não posso mais, que chorar.

José Pinto Rebello de Carvalho.

O autor desta poesia emigrou para Inglaterra depois do malogro da revolta de 1828, e mais tarde, estabelecido o systema liberal, entrou na Magistratura judicial. Esta canção, cuja musica é de autôr desconhecido, era cantada ainda muitos annos depois de passarem os acontecimentos que a motivaram.

A Vivandeira

Ai que vida que passa na terra,
Quem não ouve o rufar do tambôr;
Quem não canta na força da guerra
Ai amor, ai amor, ai amor!
    Quem a vida quizer verdadeira
    É fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida, esta vida que eu passo
Com tam lindo, gentil mocetão
Se eu depois da batalha o abraço,
Ai que vida p'ró meu coração!
Que ternura cantando ao tambôr,
Ai amor, ai amor, ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim;
E depois, só depois da batalha
Vê-lo salvo, cantando-me assim:
Em t'as marchas fazendo trigueira
Mais te eu amo, gentil vivandeira.

Não me assustam trabalhos da lida
Nem n'as ballas me fazem chorar:
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar!
Que eu lá sinto no campo o tambôr
A dizer-me meiguices de amor!

Só na guerra se matam saudades
Só na guerra se sente o viver:
Só na guerra se acabam vaidades
Só na guerra não custa morrer.
Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tam bem escolhida!

Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração:
Mas prestemos attentos ouvidos
Ao taplão, rataplão, rataplão!
Ao taplão, rataplão, que o tambôr
Vai cadente fallando de amor!

Ai que vida que passa na guerra,
Quem pequena na guerra viveu,
Quem sósinha passando na terra,
Nem o pai nem a mãe conheceu.
Quem a vida quizer verdadeira
É fazer-se uma vez vivandeira!

1851.

Luis Augusto Palmeirim.

Esta canção executada primeiro num dos theatros de Lisboa, com musica do compositor Miró, espalhou-se por todo o paiz, tornando-se muito popular.

É actualmente quasi desconhecida.

O Guerrilheiro

I

Ei-lo erguido no tôpo da serra
Recostado ao seu arcabus:
De pequêno creado na guerra
Não conhece, não vê outra luz.
Viu a terra da patria agredida
Ergueu alto, seu alto pensar:
— Pula o sangue, referve-lhe a vida
Vinde ouvir-lhe o seu rude cantar.

Era noite sem lua, sem nada
E debaixo do negro docel,
Relusiu-lhe a fronte crestada
Relinchava-lhe o negro corcel
Fôra noite talhada á sortida
Fóra de horas quem ha-de velar?
— Pula o sangue, referve-lhe a vida
Vinde ouvir o seu rude cantar.

« Eia, sus, ó meus bons camaradas
Dêsse sômno por fim, despertae
Alem tendes as vossas espadas,
Eia, sus, bem depréssa afiae.
Vai a terra da patria vencida
Quem á luta se pode escusar?
— Pula o sangue, referve-lhe a vida
Vinde ouvir o seu rude cantar.

« Que me siga quem tem a vaidade
De ouvir balas, sem nunca tremer;
Que me siga quem quer liberdade
Quem não tema na luta morrer.
A extranhos a patria vendida
Pede braços que a vão libertar:
— Pula o sangue, referve-lhe a vida
Vinde ouvir o seu rude cantar.

Já povoam os écos da serra
Os sons rudes de altivo clarim
E d'envolta c'os gritos de guerra
Vão em roda cantando-lhe assim.
Eia avante, que a patria agredida
Quer seus filhos na lucta encontrar.
— Pula o sangue, referve-lhe a vida
Vinde ouvir o seu rude cantar.

Sopra o vento, desfralda a bandeira
A que os livres á guerra chamou:
A que nunca na guerra estrangeira
De vendida ninguem alcunhou.
Por um santo varão foi benzida
Não na podem extranhos prostrar
— Pula o sangue, referve-lhe a vida
Vinde ouvir o seu rude cantar.

Era noite, mas noite callada
Sem estrellas no ceu a luzir:
Fôra noite dos santos fadar
Para a terra da patria remir.
— « Se esta luta por nós for vencida
Pode a terra da patria folgar
— Pula o sangue, referve-lhe a vida
Vinde ouvir o seu rude cantar.

« Adeus serra, callada, gigante
Erma filha do meu Portugal
Adeus terra qu'inspiras distante
Este canto sentido, leal:
A extranhos a patria vendida
Pede braços que a vão libertar »
— Pula o sangue, referve-lhe a vida
Vinde ouvir o seu rude cantar.

II

Não faltava ninguem no combate
Não faltava na luta ninguem;
Só depois, já depois do combate
Rareava nas filas alguem:
Foi acção por acção decidida
Vinde os mortos no campo contar
— Pula o sangue, referve-me a vida
Vinde ouvir o meu triste cantar.

Era dia, nas armas luzentes
Vinha em chapa batendo-lhe o sol
Mas nem todos, dos lá combatentes
Viram brilho d'immenso farol.
Pela terra de sangue tingida
Mais dum bravo se via rojar!
— Pula o sangue, referve-me a vida
Vinde ouvir o meu triste cantar.

Vencedoras as Quinas ficaram
Vencedoras inda mais uma vez
Mas de pranto depois as regaram
Quem lhe dera valor português.
Lá ficara uma espada esquecida
Sem que o dono pudesse zelar
— Pula o sangue, referve-me a vida
Vinde ouvir o meu triste cantar.

Desabando do topo da serra
Lá deixara o fiel arcabus
De pequêno creado na guerra
Viu na guerra extinguir-se-lhe a luz.
Vira a terra da patria agredida
Ergueu alto, seu alto pensar:
— Pára o sangue, desaba-lhe a vida
Já não ouço o seu rude cantar.

Luis Augusto Palmeirim.

Esta canção, cuja musica parece ser do compositor Miró, teve extraordinaria voga em todo o paiz em meados do seculo passado, por occasião das lutas civis da Patuleia e Maria da Fonte.

Hoje quasi desappareceu da tradição.

O Adeus do recruta

Cá me fizeram soldado,
Amor do meu coração
Não te esqueças de mim, não
Por estar longe, coitado!

Ai amor
O tambôr
Que já berra
Ran tan plan!
Adeus minha terra
Ran tan plan
Eu vou para a guerra.

Vou á guerra, e tu Maria
N'aldeia tu que farás?
Se esses olhos guardarás
Para m'os dares um dia.

Ai amor, etc.

Bem sabes como perdidos
São meus olhos pelos teus
Que não sei quaes são os meus
Quando se olham confundidos.

Ai amor, etc.

Pergunta bem perguntado
Se eu te quero bem ou não
Ás pedras do teu balcão
Ás telhas do teu telhado!

Ai amor, etc.

Fui pobre folha caida
Que na chèia amor levou
E num remanso deixou
Á tua porta detida.

Ai amor, etc.

Ao sol dizia no monte
Que não tornasse à nascer
Que vinha o sol cá fazer,
Tendo-te eu ali defronte?

Ai amor, etc.

A noite, quando fiavas
Dizia, ao ver-te fiar:
Fosse eu linho, por te dar
Os beijos que tu lhe davas!

Ai amor, etc.

Agora, ás costas a farda
Agora, á esquerda volver
Agora marchar e ter
Só por amante a espingarda.

Ai amor, etc.

Agora sangue e batalha
Matar ou morrer por lá
È o corpo á valla me irá
Sem ter ao menos mortalha.

Ai amor, etc.

Mas se eu voltar, que te veja
Logo de longe acenar
E vai depois, vai-me esp'rar
Mais um padre, ao pé da Egreja.

Ai amor, etc.

E se na guerra, Maria,
Uma balla me der fim,
Reza cá, reza por mim,
Reza uma vez cada dia!

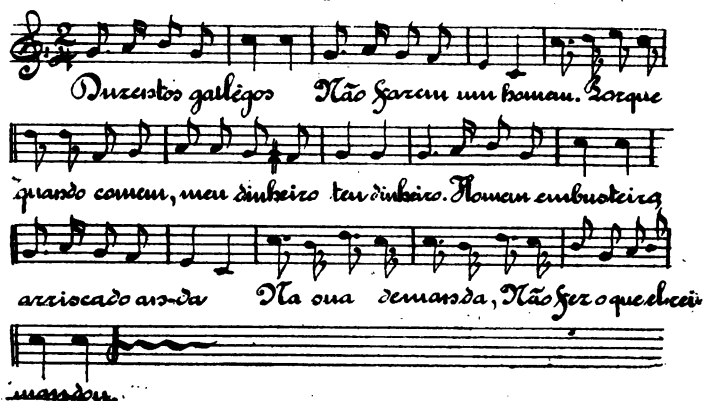
Ai amor
O tambôr
Que já berra
Ran tan plan
Adeus minha terra
Ran tan plan
Eu vou para a guerra.

João de Lemos.

Musica de autor desconhecido. Teve immensa voga em todo o paiz, e ainda ha poucos annos se cantava.

VARIA

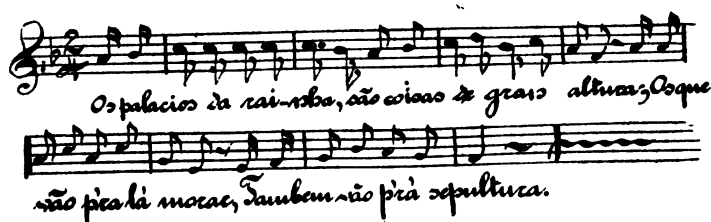
Duzentos galêgos

(Amphiguri)

Duzentos galêgos
Não fazem um homem,
Porque quando comem
Meu dinheiro, teu dinheiro;
Homem embusteiro
Arriscado anda
Na sua demanda
Não faz o que el-rei mandou.
Já se lhe pagou
Áquelle tunante;
Se elle é estudante

Alfinetes são amôres:
Sinto grandes dôres
De te ver ausente,
Mas se estás doente
Meio mundo patarata;
Tudo se arremata
Na real fragata,
A preta na praia
Vende mexelhão;
Ó pinhão, pinhão
Tambem vende fava rica
Com o cobre fica
No seu mealheiro.
Quem tiver dinheiro
Eu lh'o guardarei,
Grito aqui d'el-rei
Deram-me uma tunda;
Meu amor corcunda
Lá vai p'ró deserto,
Eu aqui bem perto
Desde manhãsinha
P'ra te ver menina
Dar uma voltinha
Na tua cosinha.

Este Amphiguri é o mais antigo dos que em Portugal se conhecem, pois Filinto Elysio já se refere a elle, classificando-o de *engenhosissimo e graciosissimo*, (Poesias, T. 4.º, Paris 1802). Hoje é pouco conhecido.

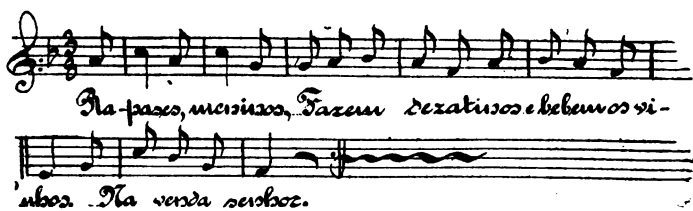
Palacios da Rainha

(Amphiguri)

Os palacios da Rainha
São casas de grande altura,
Os que vão p'ra lá morar
Tambem vão p'rá sepultura.
  Casa cheia tem fartura
Quem dóba tem seu sarilho,
Corre a galinha p'ró milho
Quem paga são os pardaes.
  O burro tem atafaes
Tambem se lhe põe estribos,
Todas as tendas tem figos
P'ra contentar os rapazes.
  No mar andam alcatrases
Destes que apanham gaivotas,
Aos que tem as pernas tortas
Todos lhe chamam canêjos.

Vão-se as sesões com desejos
As f'ridas com unguênto,
O moinho anda c'o vento
E lá no mar tece a aranha.
Esta cantiga é tamanha,
Não tem principio nem fim,
Um raminho d'alecrim
É bom para os namorados.
As armas são p'rós soldados
E tambem p'rós caçadores,
Isto de quem tem amores
Não sabe já que fazer.
Tenho ouvido dizer
Quem é doido que padece,
Você diz que não conhece,
Ameixas pela toada.
Faço-me desentendido
A mim não me escapa nada,
Você diz que marmelada
É uma comida quente,
Ella se dá ao doente
E áquelles que bem se tratam,
P'rós ricos os bois se matam
Coma o pobre o pão de rala.
Não ha correio sem mala
Nem cegonha sem ter bico,
Vão para a ilha do Pico
Que é terra de bôa ameixa.
A paga que a fruta deixa
É causar indigestões,
Apanhei umas sesões
Por causa da melancia.
Tornamos á vaca fria
Que nos cresceu do jantar,
Mais podéra o mar secar

A praia ser levadiça,
Tornar-se a pedra em cortiça
A agua fria escaldar,
Sentir-se o mel amargar
De que eu deixar de te amar.

A musica e letra deste Amphiguri datam do principio do seculo 19. Actualmente é muito pouco conhecida.

Na venda

Rapazes, meninos
Fazem desatinos
E bebem os vinhos
Na venda, senhor.

Nizas e casacos
Capas e capotes
Entornam aos potes
Na venda, senhor.

Soldados, paisanos,
Mulheres, raparigas
Bebem geropigas
Na venda, senhor.

Tambem o Quintella
Com fama de rico,
Vai molhar o bico
Na venda, senhor.

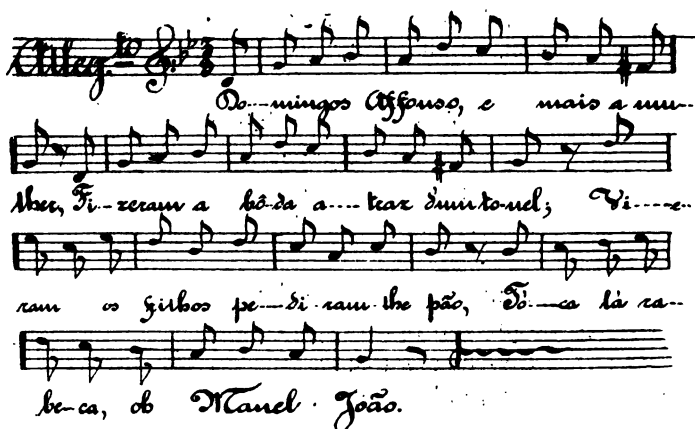
Até o sacrista
Gordinho e contente,
Emborca aguardente
Na venda, senhor.

Vêem-se os fradinhos
C'o seu cantochão,
Ir ao cangirão
Na venda, senhor.

E mesmo os Almeidas
Que são figurões,
Bebem aos tostões
Na venda, senhor.

Freiras e frades
Repicam os sinos,
E bebem dos finos
Na venda, senhor.

De manhã e á noite
Vinho ou aguardente,
Bebe toda a gente
Na venda, senhor.

Recolhido em Lisboa. Parece datar dos começos do seculos 19.

Domingos Affonso

Domingos Affonso
E mais a mulher
Fiseram a boda
Atrás dum tonel.
Vieram os filhos
Pediram-lhe pão:
Toca rebeca
Manuel João!

Recolhida em Coimbra em 1888 — Data dos fins do seculo XVIII.

Com esta musica cantava-se o celebre Amphiguri de Filinto Elysio que em seguida reproduzimos com a curiosa nota que o acompanha.

Amphigouri

Dá cá o presunto:
Rapaz enfeitado:
Quem come um bocado
Não morre de fome.
Morreu Lobisome
Em camas de neve
C'o penna que escreve
Decretos do Amor,
Que quis com primôr
Em rico tapete
Depôr o sainête
Da concha Cyprina.
Eu vi a Menina
Que vence as formosas
C'os lyrios e rosas
Fallar de sob capa
A bichos do papa,
Foi muito daninho
Ás cêpas do Minho
O sol deste hynverno:
Quem pôs o governo
Nas mãos da criança
Não canta nem dança;
Mas põem geringonça,
Nos papos da Onça.
Garrido estribilho
Com palha de milho
Vai mui penitente
Nas pélas da gente
Sorver a mostarda;

Que trouxe a Bastarda
Nas garras do Lobo.
O magro Farrobo
Nas altas ameias
Sem ligas nem meias
Gritou tartamudo:
« Trazei-me vellúdo
« De pêlo encarnado
« Que dê mau olhado
« A três feiticeiros »
Os velhos gaiteiros
Rebentam de riso
C'as trovas de guiso
Na van carapuça.
Bem vai quem se aguça
Por ver o xavêlho
Do bom scaravelho
Pintado de azul;
E a penca ao Taful
Da parda caraça,
Que bem se almofaça
C'o texto da Glossa.
E viva essa Moça
Que compra o rebique
E diz no repique:
« São bons carapáos! »
Ázados maráos
Com pansa balôfa
Refrescão a fôfa
Nas costas do Alfeito
Mas foi mui bèm feito
Traseram castanhas
De avulsas maranhas
Do monte Pegu.
O Cúcúrúcú

Despindo as baêtas
Mostrou carapêtas
Nos Alpes golósos.
Viérão gostosos
Os nabos Tarquinos
Trazer aos meninos
As torres da Sé,
Não ouve, não vê
Cruel rapazia
Dragão que assobia
Deserto e Filhóta,
O ceu se encapóta
Com manto de sarro,
E chóve catharro
Por gordas goteiras.
Sacode as peneiras
Brincão Demonico
Lá leva no bico
Barbudo alguidar.
Mandei bugiar
O homem de ferro
Que vai como um perro
Capar os picanços.
Passeião mui mansos
Subtis Jesuitas
Varrendo as Mesquitas
De São Sarabando.
Aqui vão quebrando
Os echos das bombas
Que estouram nas trombas
Dos Rhinocerontes.
Com seis Phaetontes.
Nas pregas da cauda
Compunha uma lauda
De vãos palavrões

Para as conclusões
Do grande Enxobregas,
Que estanca as bódégas
Da esconsa Prosodia.
Gentil palinodia
Discanta o Sultão
No grão cazarão
Que Merlin lhe acabou.
Aqui me mandou
O seu mensageiro
O mui marralheiro
Author de matraca,
Que intrepido atáca
Com seus consoantes
Os versos tunantes
Sem taes maravalhas;
E affia as navalhas
Trombudo censor,
Sem pejo, sem dôr.
Eu neste entrementes
Vos lanço a seus dentes
Versinhos longuinhos.

O unico poema amphigourico que vi em Portugal, composto debaixo dos preceitos rigorosos do genuino Amphigouri, foi o engenhosissimo e engraçadissimo Poema Anonymo — ***Duzentos gallegos não fazem um homem***, etc. etc. O Author é incerto, mas não incerta a fama, que se tam abalisada poesia resulta aos Portuguêses. A obra é unica neste genero (entre nós), mas unica como é, bastaria a acreditar-nos entre os Francêses mesmos, se elles entendessem a nossa lingua, ou se nós, menos descuidados da nossa propria gloria, o houvessemos traduzido em Francês com a gala e bizarria que elle tem no original. Quanto á invenção e antiguidade desta requintada Poesia, provavel é que ella nos vem dos gregos, e o mesmo nome de ***Amphigouri*** o inculca.

Digna era dos gregos, inventores de toda a sciencia e de todas as artes, a invenção de ***Amphigouri***.

Dos escriptores da antiga Grecia só nos hymnos de Orpheu, etc., etc., apparecem alguns visos de ***Amphigouri***.

Hesiodo e Homero lá tem seus laivos, que os Scholiastes negão mas que M. de la Motte Houdard sagasmente (como em tudo) descubria. Em Pindaro não fallemos, que segundo o dito Mr. todas as suas Odes são um perenne Amphigouri.

A Pindaro, em pontos de Amphigouri, só podemos comparar entre os modernos Portugueses o Poema Monometro do Sr. Dr. Felix José da Costa, de que só me lembra a invocação, que canta assim:

> Donde começarei? Briareo eburneo.
> Com cem braços de plectro, sdum Custodio
> Vir-rei te dóto: abre em Dorio turno
> As pestanas: vê o sol deste episodio.
> Vossa Excellencia é o sol; pelo cothurno
> O abração tantos braços; e eu neste odio
> Rasgo para cantar; e as córdas plenas
> Dizendo vão Menezes e Mecenas.

Lembram-me ainda mais dois Amphigouris do mesmo Poema, que merecem ficar em memoria:

1.º — Tócão c'oas negras mãos de pelos fulos
E dão c'os pés qual péla, ao polo os pulos

2.º — Dos jogadores perguntai ás tropas
Não casão quatro paus com sete copas?

Dos muitos authores vivos que em prosa e em verso tem ornado a nossa lingua com semelhantes Amphigouris, cállo por ora os nomes porque a sua modestia se enfadaria dos meus louvores. Mas, sem grande offensa, posso inculcar aos nossos aprendizes de figuras de eloquencia, certas obras em que encontrarão com muitos mais destes pinaculos de engenho, mormente em freiraticas correspondencias.

Os engenhosos Francêses puseram o peito á barra para levarem a palma neste stupendo exercicio, e com effeito alguns Amphigouris sahirão á luz nos seus Almanachs, que levão as lampas em delicadesa, e pico. Eu os tenho pelos modelos mais acabados que neste genero conheço.

Os nossos classicos Portugueses, Camões mesmo e o eruditissimo Ferreira, não nos deixárão um unico escasso. Talvez que os assustasse o ingreme da empresa. Alguns Amphigouris se derramárão pelas doutissimas obras academicas, mas seus nobres e religiosos compositores, descuidarão de enfeitar com tão formoso titulo, ás suas reconditas producções, que não desmerecem a louçania desse brazão.

Eu (não sei se por mais ignorante ou mais affouto) sigo os vestigios do incomparavel poeta que nos deu os ***Duzentos gallegos não fazem um homem,*** etc. e ao menos, se não fui o inventor da obra, quero conseguir o gaudio de ser um dos que promoverão este ***non plus ultra*** do engenho humano. E se a moda péga (pegará, que vem de França) tempo virá que o meu nome voará diante dos olhos de todo o mundo, á ilharga dos ufanos Amphigouris.

Filinto Elysio.

(Versos de Filinto Elysio — Paris — 1802 — Tomo 4.º — pag. 143-148).

O Tanglo-Manglo

Nós eramos doze irmãs
Todas forradas de bronze:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficáram senão onze!

Dessas onze que ellas eram,
Foram-se a lavar os pés:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficáram senão dez!

Dessas dez que ellas eram,
Foram dar esmola a um pobre:
Deu o tanglo-manglo nellas
Não ficáram senão nove.

Dessas nove que ellas eram,
Foram fazer um biscoito:
Deu o tanglo-manglo nellas
Não ficáram senão oito.

Dessas oito que ellas eram
Foram riçar o topéte:
Deu o tanglo-manglo nellas
Não ficáram senão sete.

Dessas sete que ellas eram
Foram-se a comprar anneis:
Deu o tanglo-manglo nellas
Não ficáram senão seis.

Dessas seis que ellas eram
Foram jogar o chorinco;
Deu o tanglo-manglo nellas
Não ficáram senão cinco.

Dessas cinco que ellas eram
Foram-se a matar um gato:
Deu o tanglo-manglo nellas,
Não ficáram senão quatro.

Dessas quatro que ellas eram
Foram ver um entremês:
Deu o tanglo-manglo nellas
Não ficáram senão três!

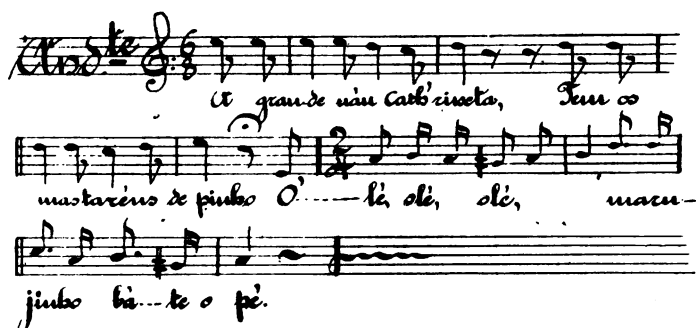
Dessas três que ellas eram
Foram passear as ruas:
Deu o tanglo-manglo nellas
Não ficáram senão duas.

Dessas duas que ellas eram
Foram apanhar caruma:
Deu o tanglo-manglo nellas
E não ficou senão uma.

Dessa uma que ella era,
Foi-se confessar a um frade:
Deu o tanglo-manglo nella
Não ficou senão metade!

Dessa metade que ella era
Na noite de S. João:
Deu o tanglo-manglo nella...
Acabou-se a geração!

Recolhida em Coimbra.
Letra e musica parece datar do seculo XVIII.

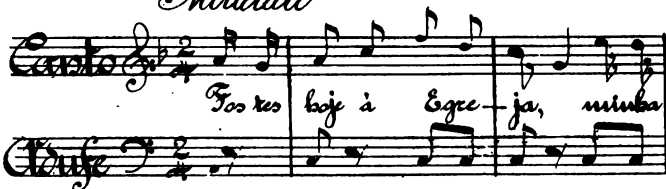
Levantar ferro

A grande nau Cathrinêta
Tem os seus mastros de pinho;
    Ólé, ólé, olé
Marujinho bate o pé.
O ladrão do dispenseiro
Furtou a ração do vinho;
    Ólé, ólé, ólé
Marinheiro, vira a ré.

Antes de caçar as gávias
Põe-se o ferro sempre a pique;
    Ólé, ólé, ólé
Todos sabem o que é.
Para a náu ficar a nado
Abrem-se as portas ao dique;
    Ólé, ólé, ólé
Venham todos para a ré.

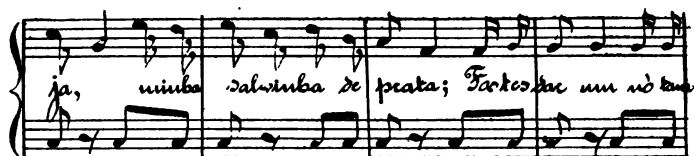
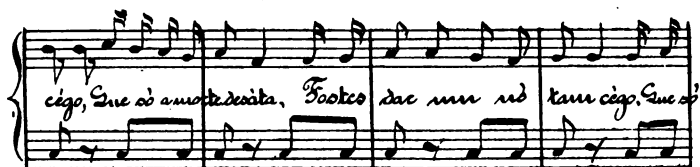
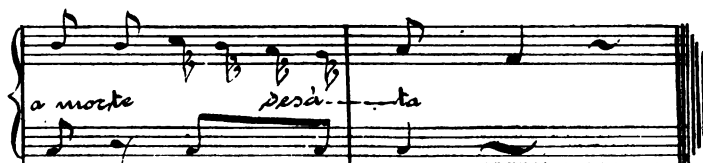
Quando as gáveas vão nos rizes
Ala, ala, talha os lais,
    Ólé, ólé, ólé
Cada qual mostra o que é.
Sobem dois a imprimir
A rizar sobem os mais;
    Ólé, ólé, ólé
Moçambique, S. Thomé.

Quando o barco faz cabeça
Venham todos, iça a giba;
    Ólé, ólé, ólé
Quem é moiro não tem fé.
Quando elle arranca o ferro
Vira então e leva arriba!
    Ólé, ólé, ólé
Vá depressa, que é maré!

Quando chega o quarto d'alva
Marujinho mata o bicho;
    Ólé, ólé, ólé
Vê se foges, passa o pé.
Antes de lavar o convêz
Varre o moço, apanha o lixo;
    Ólé, ólé, ólé
Quem me dá, amigo é.

Todo o barco que anda a costa
Caça outro que se veja;
    Ólé, ólé, ólé
Valha-me aqui S. José.
Todo o moço, quando serve
Caça a isca na bandeja;
    Ólé, ólé, ólé
Muito preto tem Guiné.

Inda está para nascer
A mulher que m'enganar!
Ólé, ólé, ólé
Já é dia, põe-te a pé.
O marujo quando morre
Vai para o fundo do mar
Ólé, ólé, ólé
Assim mesmo é que é!

Muito conhecida ainda hoje em todo o littoral. Recolhida na Figueira da Foz.

Os Noivos

Moderato
Canto
Fos tes hoje à Egre-ja, minha salvinha de prata; Fostes ho-je à Egre-
ja, minha salvinha de prata; Fostes dar um nó tam
cégo, Que só a morte desàta. Fostes dar um nó tam cégo, Que só
a morte desà-ta

Fostes hoje á egreja,
Minha salvinha de prata;
Fostes dar um nó tam cego,
Que só a morte o desata.

Não quizestes por mais tempo
Ficar onde estavas bem,
Regalada e mimosa
Á sombra da tua mãe.

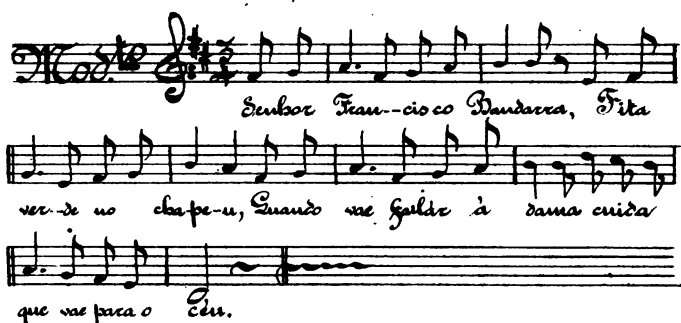
Oh que lindo Sacramento
Fizeram estes senhores;
Deus no ceu lhe bote as bençãos,
E nós cá na terra as flores.

Dá-me cá esse adufe
Qu'eu o farei retenir:
As meninas desta terra
Eu as farei aqui vir.

Essa rosa, senhor noivo
Inda honte' era botão;
Trate della como sua,
Metta-a no seu coração!

Canção entoada pelos convidados quando acompanham depois da cerimonia do casamento, os noivos a casa. Vulgar principalmente na Beira Baixa.

Ainda hoje se canta.

Francisco Bandarra

Senhor Francisco Bandarra
Fita verde no chapeu,
Quando vai fallar á dama,
Cuida que vai para o ceu.

Senhor Francisco Bandarra
Quando falla á namorada,
Leva relogio á cinta,
Dentro d'algibeira nada.

Senhor Francisco Bandarra
Traz casaca de velludo,
Quando passa pela rua
A um canto mette tudo.

Senhor Francisco Bandarra
Na feira dos estudantes,
Passeia de noite e dia
Só para ver as amantes.

Senhor Francisco Bandarra
Raminho de bem querer,
Anda sempre pr'a cazàr
Mas não arranja mulher.

Senhor Francisco Bandarra
Se vai passear á ponte,
Leva chapeu de tres bicos
Casaca côr de simonte.

Senhor Francisco Bandarra
P'ra namorar as donzellas
Usa collête de sêda
E sapatos de fivélas.

Senhor Francisco Bandarra
Quando vai para o sermão,
Leva sempre calções pretos,
E meias côr de limão.

Senhor Francisco Bandarra
Empreste-me o seu nariz,
Que eu quero pisar pimenta
E não tenho almofariz.

Esta canção foi recolhida em Coimbra, donde é evidentemente originaria, e data dos fins do seculo XVIII. É hoje pouco conhecida.

Não quero funéca

Não quero funéca
Nem fogareirinho:
Por certos olhinhos
Morrendo estou já.

Lique,
Litrique,
Lique,
Litrá.
Por certos olhinhos
Morrendo estou já!

Ó comadre Liquiti,
Ó compadre Liquitó,
Ó comadre, estou doente
Ó compadre, cheire o pó!

Ó comadre Liquiti,
Ó compadre Liquitó,
Já morreu a ratasana,
E ficou o rato só!

Recolhida na Beira Alta em 1892.

Maravilhas do meu velho

Maravilhas do meu velho
Eu estou para contar,
Que me deu real e meio
Para vestir e calçar,
E o resto que crescesse
Lh'o tornásse a entregar.

— Se eu casar comtigo, velho,
Ha-de ser co'a condição,
De eu dormir em bôa cama,
E tu, velho, nesse chão.

— Se eu casar comtigo, velho,
Ha-de ser co'a condição,
De eu comer o bom pão alvo,
E tu, velho, o de rolão.

— Se eu casar comtigo, velho,
Ha-de ser co'a condição,
De eu beber sempre bom vinho,
E tu, velho, o carrascão.

— Se eu casar comtigo, velho,
Ha-de ser co'a condição,
De eu ter vestidos de sêda,
E tu só de camelão.

Tudo o maldito aceitou,
Fizemos o casamento;
Logo no dia seguinte
Começou o meu tormento.

Fez-me passar muita fome
Era peor que um judeu:
Nunca um velho mais socancra
Neste mundo appareceu.

Vindo eu de manhã cedo,
De regar o meloal
Encontrei meu velho morto
Na porteira do quintal.

Vou já chamar as visinhas,
Para o velho amortalhar:
Venham logo as carpideiras
Para no enterro chorar.

Ó irmãos da confraria,
Levem-no já a enterrar:
Façam-n'a cova bem funda
Que elle pode cá voltar.

Que seja longe do povo,
Arredado dos quintaes
Que elle era amigo de pêras,
E de cerejas bicaes.

Fui chamar o sacristão
Para os sinos ir dobrar:
Por dentro ia-me a rir,
Mas por fora ia a chorar.

Lá o meteram na tumba
Lá o foram enterrar:
A cova ficou bem funda
Para o velho descançar.

Quando voltei para casa
Já cançada de chorar,
Logo encontrei quem dissesse:
— Viuvinha, quer casar? —

Espalhada em todo o paiz desde os fins do seculo XVIII. Ha differentes variantes da musica e versos. Esta versão porem era a mais conhecida. Quasi desappareceu hoje da tradição.

O Zabumba

O Zabumba tem três filhos
Todos três d'uma ninhada
Arrenego do Zabumba
Mais da sua zabumbada.

Não ha coisa
Que mais me consuma
Chegar á janella
Não ver o Zabumba.
Tum! tum!
E o defunto
Que vai na tumba
Levanta a cabeça
P'ra ver o Zabumba.
Tum! tum!

O Zabumba está doênte
Muito mal para morrer
Não ha galo nem galinha
Para o Zabumba comer.

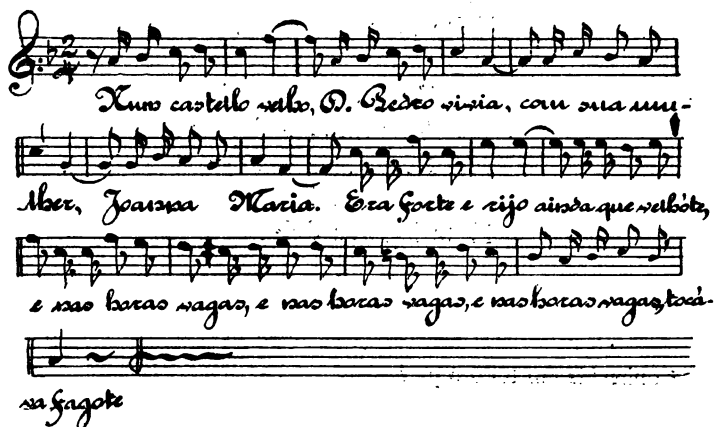
Não ha coisa
Que mais me consuma
Passar tanto tempo
Sem ver o Zabumba.
Tum! tum!
E o tambôr
'Stá bumba que bumba
Mas não chega nunca
Ao bello Zabumba
Tum! tum!

Tive pêna do Zabumba
Quando honte' por qui passou
Deram-lhe tanta pancada
Que o velhóte arrebentou!

Não ha coisa
Que mais me consuma
Chegar á janella
Não ver o Zabumba.
Tum! tum!
E o defunto
Que vai na tumba
Levanta a cabeça
P'ra ver o Zabumba.
Tum! tum!

Esta canção data dos principios do seculo XIX, e vulgarisou-se em todo o paiz. Hoje é pouco conhecida.

D. Pedro

(Ballada Tragica)

Num castello velho
D. Pedro vivia
Com sua mulher
Joanna Maria.

Era forte e rijo
Inda que velhóte
E nas horas vagas
Tocava fagóte.

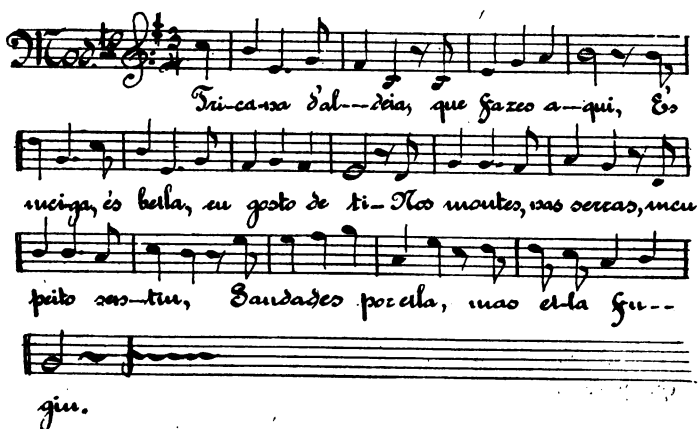
Quando um bello dia
Lhe foram dizer
Que a sua Joanna
Falsa lhe quer ser.

E logo D. Pedro
Põe-se a espreitar
E vê um sujeito
Por ahi andar.

Vai, corre depressa
Ao seu aposento,
Traz um bacamarte
Volta num momento.

Cego e desvairado
Aponta... e depois
Descarrega a arma
Pum!
Mata logo os dois!

Conhecida em todo o paiz.

Tricana d'aldeia

Tricana d'aldeia
Que fazes aqui?
És meiga, és bella,
Eu gosto de ti.

Nos montes, nos valles
Meu peito sentia
Saudades por ella,
Mas ella fugia.

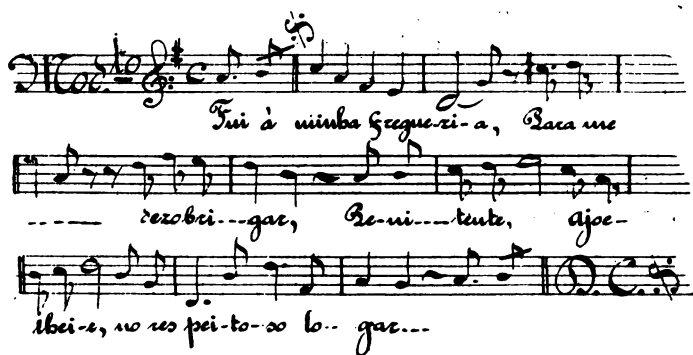
Ingrata, fugistes
Deixas-te-me só:
Entregue á saudade
Sem pêna nem dó.

Prendeu-me p'ra sempre
Teu olhar divino
Não posso deixar-te
Este é meu destino.

Agora é só teu
O meu coração:
Tem pêna de mim,
Não me fujas, não.

Tricana, tricana
Linda tricaninha
Vem cá p'ra meus braços
Ó branca pombinha.

Conhecida em todo o paiz. Data do meado do seculo XIX, ao que parece.

A confissão

— Fui á minha freguezia
Para me desobrigar,
Penitente ajoelhei
No respeitoso logar.

— Pois filha deve deixar
Essa indiscreta paixão:
Entregar sómente a Deus,
Seu sincero coração.

Perguntou-me o padre cura
Se eu tinha algum amante:
— Sim meu padre, eu adoro
Um rapaz muito galante.

— Olha o bom do padre cura
Feito um bello prégador!
Vá prégar lá p'rós herejes
Que eu não deixo o meu amôr.

— Se não deixa o seu amôr
Eu lhe dou por penitencia:
Se o vir nos braços d'outra
Soffra, tenha paciencia!

Data do meado do seculo XIX. Vulgarisada em todo o paiz. Lettra e musica de autores desconhecidos.

NOTAS

Algumas das composições que fazem parte deste volume, organisado já ha bastante tempo, mas que só agora teve ensejo de ver a luz da publicidade, encontram-se com variantes, principalmente na parte respeitante aos ***Romances Populares,*** em differentes coleções como as dos romanceiros de Garret, Hardung, Dr. Theophilo Braga, etc. Comtudo as que hoje publicamos foram por nós directamente recolhidas da tradição oral e reproduzidas tal qual as ouvimos, bem como a musica respectiva. No desenvolvido « *Cancioneiro de Musicas Populares* » dos Srs. Gualdino de Campos e Cesar das Neves, existem tambem algumas das composições que figuram na nossa collecção, mas com musica diferente e variantes na parte literaria (1).

As musicas são cantadas pelo povo ordinariamente ou sem acompanhamento, ou quando o ha, é elle feito por violas ou guitarras, predominando actualmente este ultimo instrumento. Na Beira Baixa e Alemtejo emprega-se muito o Adufe nos acompanhamentos, como vai indicado na Xacara *O Cego* (pag. 47) — e na Canção aos *Noivos* (pag. 167).

Tambem ultimamente se tem espalhado muito no paiz o uso do Harmonium ou Concertina para acompanhar as vozes.

Na parte referente aos « *Hymnos e Canções politicas* » incluimos apenas os menos conhecidos actualmente, alguns dos quaes cairam até em completo olvido, apesar da voga que tiveram no tempo em que se desenroláram os acontecimentos que elles se destinavam a celebrar.

(1) Um dos trabalhos mais notaveis sobre os Velhos romances populares portuguêses, é incontestavelmente o da Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que se encontra nos seus magnificos *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular,* ha annos publicados.

Autos pastoris

(pag. 68 e seg.)

Os *Autos Pastoris* ou o *Presepe* como eram conhecidas entre o povo estas composições theatraes que se exibiam em muitas localidades do paiz durante as festas do Natal, Anno Bom e Reis, constituiram uma serie de pequenos autos e entremêses, representados na maioria dos casos em palcos improvisados, cujo scenario revestia a maior simplicidade, formado quasi sempre por grandes ramos de arvores (pinheiro, loureiro, etc.) collocados ao longo das paredes do palco. Ao fundo da scêna via-se a gruta ou lapinha tradiccional com as figuras da Virgem tendo no regaço o divino infante, S. José completando o grupo. Via-se tambem a mangedoura com os animaes symbolicos — a vaca e a mula, e a burrinha em que a Virgem havia feito a viagem de Nazareth a Bethlem. Uma cortina encobria a gruta ou Presepe, e todas as ingenuas scênas dos autos e entremêses terminavam por se descerrar a cortina, e os personagens cairem de joêlhos adorando o Menino.

As farças mais em voga que entremeavam os Autos Pastoris, eram as do *Cego e Moço* — *Passarola* — *O frade e a Beata* — *A Lambisqueira*, etc. etc.

Uma especie de Prologo em que entravam a *Noite* — a *Lua* — o *Sol* — a *Attenção*, e outras entidades symbolicas, precedia a representação. No *Auto dos Reis Magos* alem das régias personagens que de tam longe vinham adorar o Deus-Menino aparecia tambem Herodes o truculento e feroz rei da Judêa, que ordenava o exterminio dos Innocentes, indifferente ás supplicas da desolada Rachel, que querendo salvar o filho fazia sempre derramar sinceràs lagrimas ao rude e commovido auditorio que seguia ancioso as peripecias emocionantes da scêna...

Estas composições parece datarem do seculo XVIII, e conservam-se na sua grande parte manuscritas.

Em muitas aldêas de França encontra-se ainda igual costume, cantando-se na noite de Natal em côro, deante da fogueira tradiccional os *Vieux Noëls*. — Um destes *Le Noel des enseignes*, onde se descreve a peregrinação da Virgem e S. José, por uma noite álgida de Desembro atravez das ruas de Bethlem em busca duma pousada, existe tambem nas colecções portuguêsas, identico no assumpto e até na forma poetica que reveste.

O Tanglo-Manglo

(pag. 161)

Tanglo-Manglo ou *Tangro-Mangro* é para o povo o nome de um mal desconhecido e mysterioso que ataca as pessôas, por forma a fazê-las as mais das vezes succumbir, e contra o qual são impotentes remedios de qualquer especie que sejam.

No *Tanglo-Manglo* ha o que quer que seja de sobrenatural, e mesmo as orações das ***pessôas de Virtude***, as mésinhas das ***Bentas*** ou ***Benzedeiras***, e as ***Résas*** dos eclesiasticos nada valem contra o seu influxo maléfico, que pode exercer-se não só sobre uma pessôa como sobre uma familia, e até sobre uma povoação inteira!

Deu-lhe o Tanglo-Manglo, é expressão vulgar entre o povo, para designar uma doença grave cuja origem é desconhecida.

Theophilo Braga (*O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições,* — Tomo 2.°, pag. 172 e seg.) explica a origem desta palavra inclinando-se a que ella exprime o nome de uma divindade, que como decaida conserva o espirito malévolo, e persiste nas superstições populares.

A Srª. D. Carolina Michaëlis publicou tambem na ***Revista Lusitana***, I, 66, uma interessante nota á respeito do *Tanglo-Manglo.*

Os Noivos

(pag. 167)

Em muitas localidades do paiz persistem ainda certas formas tradiccionaes que desde remotas idades se manifestavam nas epocas mais notaveis da vida humana como o nascimento, a morte, o casamento etc., constituindo os ultimos élos da cadeia que liga o presente a um passado longinquo e meio apagado já.

Pelo que respeita ao casamento são numerosas e variadas ainda entre nós as velhas usanças que acompanhavam acto tam solemne, e que o povo ainda hoje respeita e pratica com toda a fé da sua alma ingenua e simples.

Taes são entre outros: — o rapto da noiva — a demora na consumação do acto matrimonial, que em certas terras chegava a ser de 8 a 15 dias — as barreiras ou trincheiras á volta do casa-

mento, uso que consistia em estarem as ruas por onde devia passar o cortejo vedadas por uma fita de sêda segura por duas raparigas que offereciam flores aos noivos, recebendo em troca uma pequena moeda de prata — o esconder-se a noiva, e disfarçar-se com outros trages, sendo o noivo obrigado a procurá-la até a encontrar etc., etc., usos e costumes registrados já em trabalhos de escriptores distintos como Theophilo Braga, Leite de Vasconcellos, Adolpho Coelho, Thomás Pires...

A canção que inserimos neste livro, é um exemplo destes antigos usos.

INDICE

ROMANCES POPULARES

CANÇÕES RELIGIOSAS

HYMNOS E CANÇÕES POLITICAS

VARIA